

# OS AVULSOS VERSOS DO MEU REVERSO

Joaquim Cesário de Mello



Apresentado por

*Meu Lado Poético* 

## Dedicatãria

*Ao íntimo das coisas invisíveis*

## Sobre o autor

JOAQUIM CESÁRIO DE MELLO, natural de Recife (PE), psicólogo, psicoterapeuta, bacharel em Direito e professor universitário. Sócio e membro do CTCR – Centro de Terapia Clínica do Recife, foi também responsável pelo Setor de Psicologia do CTP – Comunidade de Tratamento Psiquiátrico (PE) e participante do IAF – Instituto de Apoio à Família (PE). Pós-graduado em Pedagogia (UPE) e Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (PUC/RS). Manteve coluna literária no Encarte Cultural do Jornal do Commercio (1998 – 2001), e é autor do Blog Literalmente

Escritor e poeta, Foi ator infantil de teatro e em meados dos anos 80 integrou o Movimento de Escritores Independentes, tendo participado de várias antologias literárias, entre elas Ensaio V, Grupo Poeco Só Poesia/SP (1981), Banco de Talentos (FEBRABAN, 1995) Poesia Viva do Recife (CEPE, 1996), Nouveaux Brésils Fin de Siècle (Caravelle nº 75, Universidade de Toulouse, França, 2000),) e Cronistas de Pernambuco (Carpe Diem, 2010). Autor dos livros Dialética Terapeuta (Litoral, 2003), A Alma Humana (Labrador, 2018), A Psicologia nos Ditados Populares (Labrador, 2020), A Vida Como Um Espanto (Labrador, 2022) e No Cemitério das Nuvens (Editora Folheando, 2022)

## resumo

NÃO HÁ MAIS GALOS NA CIDADE

VERSOS & NETOS

A VIDA COMO ESPANTO, ASSOMBRO E ENCANTAMENTO

NUNCA MAIS

PROLONGADA MADRUGADA

POEMA AZUL

BELA ADORMECIDA

NO CORAÇÃO DA SOLIDÃO DA CIDADE

O FUTURO DOBROU A ESQUINA

ALÉM DOS BEIJOS DE MISTRAL

CACHIMBO, WHISKY E PIANO

BREVE VIAGEM ALMA ADENTRO

MEMÓRIAS FEITAS DE PAREDES, JANELAS E TELHADO

CADÊ?

HOJE

E SE...

NUVENS VESTIDAS DE GENTE

A SOMA DE TODOS MEUS POETAS

AS NUVENS DO ONTEM

UM HOMEM ATEMPORAL

AS PALAVRAS QUE TRAGO POR DENTRO

DO QUE SONHAM OS POSTES

UM ESTRANHO NO INTERIOR DE MIM

(DES)ENCONTROS

TRAVESSEIROS ACORDADOS

A CADEIRA QUE VIROU LITERATURA

O DESTINO DAS NUVENS

O MISTÉRIO NO GUARDA-ROUPA DE MINHA MÃE

ANTES DE IR EMBORA

DE QUE SÃO FEITOS OS POEMAS

MEU MUNDO PENETRADO

POEMA PARA MAIORES DE 60 ANOS

MANIFESTO ANTIPOÉTICO

O ROSTO DO TEMPO

O DEUS DAS COISAS MORTAS

A CASA DA INFÂNCIA

DOMINGO SINCOPADO

CIRQUE DE LA VIE

CRÔNICA DE UMA JANELA APAIXONADA

QUANDO AQUI CHEGUEI

RABISCOS NA AREIA

SE EU SOUBESSE FALAR FRANCÊS

MÃOS CIGANAS

SE UM DIA EU ME TORNAR ADULTO

CICLO DE VIDA

NO MERIDIANO METAVÉRSICO DE MIM

NEVERLAND

A CADEIRA VAZIA

SOBRE CHÃOS E ASSOALHOS

CIDADE DOS SONHOS

UM POEMA NO ESPELHO

SEU MÁRIO

POEMA PARA UM TOLO

PENSAMENTOS PENSADOS

ABSURDOS DE UM HOMEM DESMEDIDO

SAPATOS LARGOS

MANIFESTO MASCULINISTA

O TAPETE PERSA

NO INTERIOR DO BOLSO ESQUECIDO POR MIM

O AMANHÃ, DEPOIS DE MIM

PROCURA-SE UMA LEMBRANÇA

COM AMOR, JOAQUIM

O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

O QUE OS OUTROS VEEM

A POESIA ROUBADA

AMORES CITADINOS

O INFINITO REVISITADO

POETA DE UM VERSO SÓ

BOM DIA, DIA

ROSTOS, SEMBLANTES E FACES

SEGUINDO OS NÚMEROS

BOLINHOS FEITOS DE ONTEM E FEIJÃO

UM MINUTO ANTES DA NOITE

CÉU DAS MEMÓRIAS

O VERSO E O POEMA

O DIA SEGUINTE

O INVENTOR DE MEMÓRIAS

NESTE MOMENTO, NO OUTRO LADO DA VIA LÁCTEA

EU E O CIGARRO

A METAMORFOSE

PASSAGEIROS DA PAISAGEM

O DESTINO DOS LIVROS

A ÚLTIMA CEIA

JORNADA NAS ESTRELAS

OLHANDO PARA TRÁS

VERSOS ÍNTIMOS

SEIS GRAUS DE SEPARAÇÃO

DE MANHÃ, LOGO CEDO

O LAMENTOSO DESTINO DAS SOMBRAS

CANTILENAS DE UM POETA

O MAR INTERIOR DE MIM

...E ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

CEMITÉRIO DOS VIVOS

O DANÇAR NO TEMPO DE UM CORPO EM MOVIMENTO

POEMA SEM NOME

TODO POETA É UM LADRÃO

POEMAS INSONES

VOU ME ESCONDER DO TEMPO

SONHOS URBANOS

FARELOS DE CALENDÁRIOS

OLHANDO PARA TRÁS

PARA SE LER OUVINDO RAVEL

PORTA-RETRATO

A MÁQUINA DE ESCREVER OLIVETTI

QUER CASAR COMIGO?

A TACITURNA LINGUAGEM DOS SILÊNCIOS

MEU QUERIDO DIÁRIO

O BOM POETA

TE AMO

VOU VOLTAR PRA CASA

POEMA SEM FIM

O DESTINO DOS LIVROS

PENSAMENTOS NOSSOS DE CADA DIA

O SAL DAS ÁGUAS

AOS PÉS DA MESA POSTA

CANTILENAS DE UM VELHO POETA

A MAIS ESCURA DAS NOITES

O CÉU ESTRELADO DE ALFA CENTAURO

NO INTERIOR DO MEU COMPUTADOR

POR POUCO, QUASE POUCO

UMA CARTA MATURADA DE TEMPO

ESTOU VOLTANDO PARA TRÁS

NO CÉU DA MINHA MÃE



AS PAPOULAS VERMELHAS DO JARDIM DA CASA  
QUANDO TUDO ACABAR  
SE TIVESTES NASCIDO... EU SERIA...  
UM HOMEM ALAGADO  
QUANDO MINHA ALMA JÁ NÃO ESTIVER MAIS LÁ  
NA PERIFERIA DO UNIVERSO  
TEU PRÍNCIPE ENCANTADO  
AS PAPOULAS VERMELHAS DO JARDIM DA CASA  
A IMORTALIDADE REPENTINA DOS MINUTOS  
A ETERNIDADE  
UMA PONTE QUE O RIO AINDA NÃO LEVOU  
COM ASAS DE BORBOLETA  
ERA UMA VEZ UMA CASA AZULADA  
QUE É QUE É ISSO?  
O QUE É QUE VOU FAZER  
QUASE NADA  
NO ANONIMATO CÉU DAS RECORDAÇÕES EXILADAS  
DANS LE MIROIR  
SAÍDAS E VINDAS  
CRÔNICA PARA UM RETRATO INACABADO  
PARA CASA AGORA EU VOU  
NO LADO ESQUERDO DO PEITO  
ESTOU ATRASADO  
A RODA DO TEMPO  
CEMITÉRIO DAS NUVENS

COISAS QUE ACONTECEM NAS MADRUGADAS

OS AROMAS DA ALMA

A BOCA DO TEMPO

SOU CONSERVADOR

OS DIAS EM QUE ACORDO

COMO POEIRA SOBRE OS MÓVEIS

AH! AS QUARTAS-FEIRAS

MEU QUERIDO DIÁRIO

NO INTERIOR DO MEU FUTURO CADÁVER

A RUA DOS OITIZEIROS

A VÍRGULA QUE MUDOU A VIDA

UM LUGAR CHAMADO INFÂNCIA

RELÓGIOS NÃO FALAM

POEMA AUSENTE

O COLÓQUIO CALADO DOS CORPOS

RÉQUIEM PARA OS DIAS

UM POEMA CONFSSIONAL

NO INTERIOR DOS RELÓGIOS

VAGALUMES

VIAJANTES DO TEMPO

NO FUNDOS DOS CALENDÁRIOS

ALÉM DE MIM

A DELICIOSA MÁQUINA DO TEMPO

O QUE AINDA QUER A VIDA DE MIM

QUARTO ESCURO

NO INTERIOR DOS LIVROS

NO DIA EM QUE O GALO NÃO CANTOU

CARRUAGEM DE FOGO

A VERDADE, AFINAL

NA SAÍDA DA CAVERNA DE PLATÃO

PARA FRENTE...

APRENDENDO A APREENDER

PENSAMENTOS ILETRADOS

DEUS É CULPADO

O SOL ROSADO

NO DIA EM QUE ME TORNAR MILIONÁRIO

O TRISTE FUTURO DOS DOCUMENTOS DE IDENTIDADE

ENQUANTO O TEMPO PASSA...

O AVÔ, O NETO E O MAR

O ÚLTIMO POETA

AI...

O UNIVERSO E AS PALAVRAS

COLÓQUIO DE OUTONO

QUANDO CHEGAR À MATURIDADE

VERSOS ACHADOS POR AÍ - Lançamento Livro

O PRIMEIRO A MORRER

CARTÃO POSTAL

LADRÃO DE VERSOS

UM MINUTO A MAIS

POEMA ABORTADO

SEPULCRÁRIO DOS MORTOS VIVOS

QUARTAS À NOITE

BRINCANDO DE DEUS

VOYEUR DE SONHOS

AOS MEUS FIÉIS LEITORES

CEMITÉRIO DOS MORTOS VIVOS

O DESAPARECIMENTO DO DIA

MIUQAOJ OIRÁSEC ED OLLEM

O DIA INCOMPLETO

SOU ALGUÉM QUE VEIO DO SÉCULO PASSADO

A ESTRADA DOS TIJOLOS NÃO AMARELOS

UM QUASE SONETO NU

JOAQUIM E EU

A HISTÓRIA DOS MEUS ESPELHOS

SONETO EM LINHA RETA

CANÇÃO DO AMOR ANTIGO

A NOITE BAGUNÇADA

A LINGUAGEM SILENCIOSA DAS ESTRELAS

O VIDENTE

O ACENDEDOR DO DIA

QUANDO AS TARDES CHORAM

AS CEROULAS DO MEU AVÔ

O TEMPO INTERROMPIDO

BLUE SKY

MEU ANJO DA GUARDA

NADA MAIS SERÁ COMO ANTES  
O OLHAR INVERTIDO DAS ESTRELAS  
DEPOIS DAS NUVENS...  
MINUTO GOSTOSO  
LEMBRE-ME  
AS PAREDES BRANCAS DO MEU QUARTO  
UM DIA EU CHEGO LÁ  
QUANDO FOR PARA O INFINITO  
BISSEXTO  
DE QUANTAS VIDAS SE FAZ UMA MORTE  
APENAS UM BOTÃO  
DIAS FEIOS  
ADÃO E EVA  
#@%£@§&\*¥  
ESTOU COM SONO, MAMÃE  
POEMA PSICANALÍTICO  
PUER AETERNUS  
MEUS DITADOS NÃO POPULARES  
THE BOOK IS ON THE TABLE  
PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE AMOR  
ENTRE O MENINO E O VELHO  
O MAIS BELO POEMA  
VOU, AMOR, VOU...  
O CONTADOR DE HISTÓRIAS  
VOU TE AMAR COMO NO CINEMA

SOBRE UM POEMA INACABADO

O MUNDO VISTO PELO UMBIGO

O CERTO, A VERDADE E O INDUBITÁVEL

ES CRAVO DO ONTEM

AMOR SEM ECO

NO ÚLTIMO DIA DE MARÇO

CANÇÃO DO AMOR INFINDÁVEL

APENAS HUMANO, POR DEMAIS HUMANO

HOJE VOU LEVANTAR COM O PÉ ESQUERDO

A HISTÓRIA DE TUDO

UMA TARDE COMO AQUELA

A PROPÓSITO

SOBRE O TEMPO EM QUE HAVIA TEMPO

MUDADIÇO TEMPO

O QUE OS RELÓGIOS NÃO VEEM

O SONHO QUE FUGIU DO QUARTO

POEMA RASGADO

A VIDA É FEITA EM SEGUNDOS

O SONHADOR DOS SONHOS

TODO DIA

PARA NUNCA MAIS DIZER ADEUS

E...

AULAS DE CATECISMO

SE EU FOSSE DEUS

A AMNÉSIA DOS NEURÔNIOS

HÁ QUASE UM CLIQUE PARA ENTRAR  
REVELAÇÕES ASSERTIVAS  
EM NOVEMBRO...  
A INÚTIL ORAÇÃO DA IMORTALIDADE  
CADA VEZ MAIS  
POR DETRÁS DAS PORTAS FECHADAS  
UM ARMÁRIO QUASE LOTADO  
DE VOLTA AOS QUINZE  
O LÁZARO RESSUCITADO  
A TRISTEZA DO QUARTO AO LADO  
MIL LIVROS, OU MAIS  
EU HOJE VOU LER UM LIVRO  
BRINCANDO DE FAZ DE CONTA  
AGORA QUE TODOS ESTÃO MORTOS  
JOAQUIM  
FIOS DO TEMPO  
FELIZ ANIVERSÁRIO, JOAQUIM  
NO BAILAR RITMADO DAS CONFISSÕES  
ONTOGENIA DE UMA ALMA  
MÍNIMOS DETALHES  
ESPELHO MÁGICO  
AOS QUE VIERAM DEPOIS DE MIM  
REGRESSO ÀS ORIGENS  
MERCİ MON PETIT GARÇON  
A PRECISÃO INCERTA DAS CERTEZAS

DEPOIS DE AMANHÃ

O LADO OCULTO DOS RETRATOS

REM

VOU DEIXAR AQUELA VIDA DE LADO

GARIMPEIRO DO TEMPO

NO AGITADO MAR DOS PENSAMENTOS

PARADOXO DO AMOR

PEQUENO POEMA ONÍRICO

O DESTINO DAS CALÇADAS

MINHA MOCIDADE

DE SEGUNDO EM SEGUNDO

A GÊNESIS ESQUECIDA

NO FIM DA VELHICE

AMNÉSIA DOS DIAS

PUER AETERNUS

PARADOXO DO ERRO

ANDRÔMEDA

ÁRVORE GENEALÓGICA

POESIA NÃO PAGA AS CONTAS

DIAS DIFÍCEIS

ANJO DA GUARDA

CHOROS, CHORAMINGOS E LÁGRIMAS

AGORA

COMO JÁ DIZIA SARTRE

NO MEIO DAS MULTIDÃO



TE AMO PORQUE NÃO TE AMO

TE CONHEÇO, MENINO

O SEIO DA MINHA MÃE

OLD MAN

A ETERNA INSATISFAÇÃO INCONCRETA DAS COISAS

QUASE POESIA

O ANTES E O DEPOIS

LE BRUIT ET LE SILENCE

DOMINGO COM CARA DE QUARTA-FEIRA

INVASORA DO TEMPO

INVASORA DO TEMPO

A LINGUAGEM ONÍRICA DA ALMA

FASCÍNIO

BALBUCIOS VOLUNTÁRIOS

MEDO DO QUARTO ESCURO

METAMORFOSE

A CASCA DO OVO

A LONGEVIDADE DOS DIAS

COMETA HALLEY

O CALENDÁRIO INVISÍVEL DE DEUS

2001 UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO

SISTEMA LÍMBICO

SISTEMA LÍMBICO

A PEQUENA LEVEZA DO SER

MISTUREBA DESVAIRADA

POEMAS ROUBADOS

NO ÍNTIMO DO DIA

A GATA DA DONA FRANCISCA

SE O MUNDO ACABAR NUMA SEXTA-FEIRA

NO OUTRO LADO DA RUA

O TEMPO DE MATUSALÉM

ESQUECIMENTO

ETNERF OA OHLEPSE

MAMÃE, TENHO MEDO

NO CENTRO DA SOLIDÃO DA CIDADE

## NÃO HÁ MAIS GALOS NA CIDADE

Não há mais galos nas cidades, João  
apenas prédios, asfaltos e calçadas cimentadas  
a receber o manto esfriado das madrugadas  
Não há mais casas nem quintais  
os terrenos baldios foram sepultados  
e as minhocas saíram da terra despejadas  
Não há mais tanajuras nos dias de chuva  
nem centopeias andando nos gramados  
sequer se ouve hoje o cantarolar dos canários  
Certa vez um pombo tolo se encantou  
com sua imagem refletida na janela  
espelhada de um elevador empresarial  
e se espatifou caindo no chão da garagem  
As poucas lagartixas que ainda há  
não atravessam ruas para não serem atropeladas  
e crianças brincam com sapatos nos playgrounds  
Não há mais galos na cidade, João  
e as manhãs vão se tecendo sozinhas  
desamparadas e silenciosamente abandonadas

---

Uma homenagem a João Cabral de Melo Neto e seu poema "Tecendo a Manhã".

## VERSOS & NETOS

Ao depois de amanhã  
deixarei versos e netos  
Assim como as roupas  
e os demais íntimos objetos  
meus versos serão apagados  
pela borracha anônima da História  
Quanto aos meus netos  
espero que me guardem  
em algum canto miúdo da memória

## A VIDA COMO ESPANTO, ASSOMBRO E ENCANTAMENTO

Espanto-me

como os peixes não morrem afogados  
com os músculos das formigas-cortadeiras  
com os ouvidos aguçados dos morcegos  
e com as sete vidas dos gatos  
logo eu que só tenho uma

Admiro

a filosofia concreta das pedras  
o jogo de cintura das águas  
o gratuito perfume dos lírios  
as sombras futuras das sementes  
e o peito sempre estufado dos ventos

Encanta-me

a dança parada das cadeiras  
a eternidade emoldurada nos retratos  
a memória dos livros fechados  
o confessionário fiel dos travesseiros  
e os fios de cabelos ainda nos pentes encontrados

Assombra-me

as mímicas corporais das sombras  
a rapidez demorada dos segundos  
a quantidade de gente que cabe na palavra humanidade  
que por fora todo mundo seja vulto  
e por dentro todo mundo seja diferente

Surpreendo-me

que hoje já seja segunda-feira  
daqui a pouco é de novo Natal  
como os espelhos envelhecem mais cedo

(em breve teremos outro aniversário)  
e que eu esteja atrasado para a imortalidade

## NUNCA MAIS

Nunca mais te vi passar  
pelos entremeios dos minutos  
cortando os recintos como as tardes  
que por mim sempre passam  
Nunca mais teu olhar noturno  
me viram dormir alheio  
aos fantasmas do quarto  
que tu antes havias enxotado  
Nunca mais teus dedos afiados  
escorreram pelos meus cabelos  
oxigenados de auroras e mocidade  
penteando-os com finos dentes de eternidade  
Nunca mais teu cheiro de bergamota  
encorpado de jasmíns e rosas  
adocicaram o ar respirado  
perfumado agora de vãos e vácuos  
Nunca mais teu rosto ao espelho  
poderá me avistar a te mirar  
nas vezes em que me vejo te olhando  
nos fundos esverdeados dos meus olhos  
que são de ti minha mais fiel e leal lembrança  
Nunca mais te ouvi falar  
com o timbre firme das vozes claras  
a me aconselhar para ter cuidado  
para não me perder, cair ou me machucar  
Nunca mais vou te ver ir embora  
deixando-me aqui tonto e desacompanhado  
pois da vida só se some uma vez  
e depois, mãe, nenhuma vez mais  
nunca mais

## PROLONGADA MADRUGADA

Meus pêsames  
o galo morreu

Quem acordará a manhã das madrugadas?  
Quem tricotará o novo alvorecer  
e o desnudar da escuridade?

Como o Sol saberá a hora de se levantar  
e o mundo voltar a despertar?

E se a noite nunca mais for embora  
ou se até a luz também acabar?

Que será de nós sem as auroras  
e os almoços de meio-dia?

De que serventia terá o horizonte ao mar  
se todas as praias ficarem mulatas?

Que acontecerá com o calor dos verões  
se nem os corpos serão mais bronzeados?

O que faremos em uma noite assim tão dilatada  
cuja boca fechada nos manterá encobertos  
detendo os fios das matinadas?

Se à noite todos os gatos são pardos  
como saberei distinguir você da sua sombra  
sua silhueta da sua alma?

Como enxergarei com quem durmo  
se nem mesmo tenho para quem acordar?



Uma madrugada que não termina  
jamais será uma noite apressada  
e se a claridade nos for proibida  
desaparecerei despercebido  
tão incógnito como um absoluto nada

As insônias noturnas serão imensas  
e todos viveremos sonâmbulos  
perambulando por um quarto  
do tamanho maior que uma cidade

O galo morreu e nenhum sino dobrou  
em que cemitério ele foi sepultado?

...

Mas galos nunca deveriam morrer  
e nem pelos vizinhos serem assassinados  
pois sem eles os universos seriam  
apenas infinitas massas desalumiadas

Quem agora acordará a manhã  
depois desta prolongada madrugada?

## **POEMA AZUL**

**Tem dias que a gente acorda blue  
um blue tão azul como um céu sem nuvens  
em um dia pleno só coberto de verão**

**Que bom se todos os dias fossem azuis  
as casas, as calçadas, os pés de manga,  
as ruas, os lixeiros, os cemitérios  
até a cabeça do meu avô seriam azuis**

**Tem dias que a gente nasce  
vivendo no planeta de Gagarin  
feito as bolinhas de gude  
com as quais pigmentava de azul  
o solo fertilizado da minha infância**

**Ah! que bom seria  
se as paredes fossem feitas de azuis  
que as mãos ficassem azuis  
as noites se tornassem azuis  
os pais virassem azuis  
e não precisaríamos mais pintar os sapatos, Carlos  
pois todos os sapatos já seriam azuis**

**Tem dias que a gente acorda blue  
um blue tão azul como aquele distante vestido  
que ela usava no natal de 78**

**Tem dias que até o amor e o arco-íris  
são assim completamente azuis**

## BELA ADORMECIDA

Um dia vou dormir  
como uma Bela Adormecida  
por mais de mil anos  
em que tudo em mim vai passar

Ao meu redor edificar-se-á um castelo  
que os séculos irão encobrir  
de arbustos matos e espinhos  
e toda uma floresta infinda me isolará  
do mundo em que serei alheio  
e ao qual já não mais irei pertencer

Nem sequer meu túmulo  
resistirá a minha ausência  
e tudo que uma vez conheci  
desaparecerá até mesmo  
depois do meu próprio esquecimento

Em breve vou fazer  
muito mais que mil anos  
e nenhum beijo poderá  
voltar-me sequer a acordar

Um dia vou dormir  
como uma bela adormecida

## NO CORAÇÃO DA SOLIDÃO DA CIDADE

Estou no centro da solidão da cidade  
enquanto a noite debruçada sobre o teto das casas  
repousa indiferente ao sono dormente dos quartos

Nos arredores de mim ouço apenas  
o cochicho murmuroso dos postes  
e o zzzzz zum zum dos mosquitos  
a me apoquentar os ouvidos  
(acima da noite que nos encobre  
tudo deve ser tão silencioso  
como um infinito prolongado)

Às três da manhã da noite  
até as estrelas não brilham mais  
e a lua se esconde do sol  
por detrás dos prédios e das árvores

Se precisasse de sonhos  
bastaria fechar as pálpebras  
e deixar pesar por cima delas  
o pó da poeira dos meus cansaços

Mas de sonhos já sou feito  
- Necessito conhecer o que penso  
e quem sou além dos disfarces

Abaixo dos meus telhados  
reside um Joaquim clandestino  
que viaja comigo  
sem ter comprado passagem

Este Joaquim sigiloso

é alguém que não conheço  
pois, como Pessoa, nem bem entendo  
que alma tenho e que crenças  
são estas que não fui eu quem fiz  
e nem sei quem em mim as plantou

Por sob os pensamentos que herdei  
e que tamparam as lacunas das paredes  
deste cubículo em que me encontro aprisionado  
existe um sou eu mais aprofundado  
um sou eu nunca dantes meditado  
um sou eu ainda não tocado ou experimentado  
um sou eu que nem eu mesmo sei quem sou

Às três da manhã da noite pareço libertado  
sozinho no coração da solidão da cidade

## O FUTURO DOBROU A ESQUINA

Meu futuro passou à frente  
e eu estava distraído olhando o celular

O futuro atravessou à rua  
seguindo no outro lado da calçada  
e eu olhando para o lado oposto  
não vi quando ele dobrou a esquina  
com seu lindo vestido vermelho  
e os cabelos castanho-claros  
escorrendo pelos ombros  
como se fosse uma serena  
tarde silenciosa de domingo

Eu jamais mais vi o futuro  
que nunca vi  
e ele de mim sumiu  
como somem todas as tardes

## ALÉM DOS BEIJOS DE MISTRAL

Nem todos os beijos de Mistral  
chegam aos pés dos lábios teus

Neles fui condenado ao silêncio das línguas  
onde todas as palavras são afogadas  
pelo diálogo molhado das salivas  
e nenhum te amo necessita ser pronunciado  
nas cavidades profundas e ecoantes das bocas

A voz que em ti encontro por dentro  
comigo fala o linguajar dos afetos  
que em nenhum dicionário haverei de achar  
pois o amor que o beijo que tua boca me dá  
não tem sintaxe, predicado, sujeito ou verbo

No confidenciar acariciante dos lábios  
não há espaço para mais nada  
que não se resuma a fluidez líquida  
da mistura dos desejos entremeados

No infindável tempo em que tu me beijas  
tudo que o tinha para se dizer já se foi contando  
e é no calado surdo dos nossos beijos  
que todos os segredos do Universo são revelados

Que me perdoe Gabriela Mistral  
mas a boca que meus lábios beijam  
me ensinou um beijo que nenhum poeta  
poderia antes ter sequer imaginado

---

Inspirado a partir do poema Beijos da poeta chilena Gabriela Mistral, Nobel de Literatura em 1945

## CACHIMBO, WHISKY E PIANO

Meu pai era baixinho, careca  
e fumava cachimbo  
Meu pai virou pai quando nasci  
tinha 50 anos  
usava paletó de linho branco  
era míope, sorridente, barrigudo  
e tinha jeito mais parecido com avô  
Meu pai fazia versos  
sentado em sua escrivaninha  
encurvado sobre a máquina de escrever  
e os tec tec tec tec tec que emitia  
ainda ressoam distantes no tempo  
como recitais nostálgicos de piano  
Meu pai era professor, advogado e poeta  
escrevia em jornais e tinha livros  
frequentava saraus e consulados  
bebia whisky com gelo  
e queria que eu fosse embaixador  
Meu pai me durou apenas 10 anos  
alguns meses,  
um tanto de semanas  
um amontoado de poucos dias  
e toda uma eternidade retirada  
antes d'eu terminar a infância  
Em sua escrivaninha tem uma ausência  
e já não sinto o cheiro do cachimbo  
mas toda vez que digito versos no computador  
estou como se estivesse a dedilhar  
notas musicais em um piano  
*"Nunca mais (agora  
que tudo é silêncio)  
diante do amor e do vinho*



*teu rosto jovem revelará segredos"*

(meu pai, 1951)

## BREVE VIAGEM ALMA ADENTRO

Trago ecos dos meus pretéritos  
a ressoar no interior das costelas  
com sons distantes de menino

Se me cheirasse por dentro  
sentiria o perfume da minha mãe  
misturado ao aroma de café coado  
que ela sempre fazia nas manhãs de domingo

Tivesse a alma epiderme  
talvez estivesse mais delgada  
que minha pele amarrotada pelo tempo

No céu da minha boca  
não existem luas e estrelas  
mas nele tenho o sabor das Madeleines  
que em mim tem gosto de chicletes de menta

No dormir sonolento das pálpebras  
enxergo fragmentos de espelhos  
a refletir as noites que levo por dentro

Todos os meus sentidos  
não teriam sentidos se não fossem  
as lembranças duradouras dos meus sentimentos

## MEMÓRIAS FEITAS DE PAREDES, JANELAS E TELHADO

Será que a casa em que morei pequeno com meus pais  
ainda se lembra de mim  
daquele menino magro de costelas à mostra  
de cabelos rigorosamente penteados  
sempre de calças curtas acima dos joelhos  
que brincava sozinho na imensidão dos corredores  
onde lá deixou sua única e remontada infância?

Será que em suas paredes engorduradas de décadas  
manteve no escapar vaporoso dos anos  
as marcas dos meus dedos encardidos de criancices  
sujando de inocências a brancura dos tijolos tingidos  
como um pré-histórico nômade doméstico  
a pincelar de pinturas rupestres a sua passagem no tempo?

Será que suas solapadas fendas e discretas frestas  
conservam os tesouros que ali enterrei  
caprichosamente embrulhados dentro de um baú de sonhos  
como aquelas conchas e os búzios que trouxe da praia  
naquela furtada tarde de um sábado de novembro?

Será que suas abertas janelas verdes de madeira  
reconhecerão por detrás deste corpo gasto  
o garoto que nas noites em claro nelas debruçado  
olhava espantado o néon azulado dos fogos fátuos  
que emanavam do cemitério que lhe ficava à frente?

Será que as telhas do telhado que me acobertaram  
até hoje recordam dos meus aniversários  
nos quais a cada ano as velas aumentavam  
no desaparecer gradual da minha meninice?  
(Não sabia que aniversários eram celebrações de despedidas)

Será que a casa em que morei pequeno com meus pais  
ainda se lembra de mim?

## CADÊ?

**Cadê** o mar que a janela mostrava  
e as gaivotas voando no ar  
pingando o céu amanhecido de branco?

**Cadê** o cheiro matinal dos sargaços  
a me impregnar as narinas  
já acostumadas ao odor nauseante  
das moribundas algas marinhas?

**Cadê** a zoadas das pessoas  
animadas de sol e sal  
a bronzear a camada córnea da pele  
como se todo dia fosse manhã de domingo?

**Cadê** o vai-e-vem dos sorveteiros  
vestidos em camisas amarelas suadas  
com seus carrinhos oxidados de tempo  
adocicando o interior sedento das crianças?

**Cadê** o sussurrar das ondas  
perturbando o sossego das areias  
no lambar molhado dos seus beijos?

**Cadê** aquele oceano inteiro  
a se estender até o firmamento  
misturando os azuis no horizonte?

**Cadê** a praia dos meus anteontens  
e eu mesmo nela me banhando?

## HOJE

Em um hoje de novembro  
de meados do século passado  
eu nasci  
e no hoje de um ano depois  
eu andava

Alguns hoje após  
já falava  
e não tardou chegar no hoje  
em que lia, escrevia e estudava

Foi em um hoje na década de 70  
que pedi em namoro Luíza  
mas no hoje do final do ano  
o amor terminava

De hoje em hoje fui crescendo  
sofrendo  
caindo  
levantando  
plantando  
colhendo  
magoando  
e sendo magoado

À medida que os hojes se transformavam  
em lembranças de hojes passados  
cheguei a este hoje em que escrevo  
às vezes pensando no hoje do ontem  
outras vezes devaneando em sonhos  
um hoje ainda não alcançado

Mas haverá um hoje não desejado  
que no agora de hoje é amanhã  
ao tempo em que no hoje do futuro  
será o hoje do instante  
em que todos meus hojes irão sumir  
no hoje em que eu serei sepultado

## E SE...

E se eu tivesse acordado mais cedo  
saído na hora e não chegasse atrasado?  
E se eu não furasse o semáforo  
e esperasse o sinal verde ficando parado?  
E se eu andasse na outra calçada  
e não tivesse pela rua esburacada atalhado?  
E se eu não fosse afoito, avexado e afobado  
e vivesse manso, pacato e sossegado?  
E se eu me tornasse um rapaz comportado  
não perdesse o emprego ou do colégio fosse expulsado?  
E se eu tivesse o juízo por todos compartilhado  
e deixasse de ser para eles errado e insensato?  
E se eu usasse sapatos pretos e calça apertada  
ao invés de jeans desbotado com o tênis alaranjado?  
E se eu me portasse um pouco menos destrambelhado  
gostasse de novelas e não de versos nem sempre rimados?  
E se eu fosse engenheiro, prático ou advogado  
e não me tornasse poeta e um sonhador inveterado?  
Eu seria ilustre, importante e reputado  
e a História do mundo seria outra  
e o Universo estaria mudado  
mas não passaria as noites olhando  
você cochilando sentada ao meu lado



## NUVENS VESTIDAS DE GENTE

Um poeta não se mede  
pelos centímetros de sua altura,  
nem pela circunferência de seu abdômen  
ou pelo peso de sua massa corporal.  
Não há poetas altos ou baixos,  
gordos ou magros,  
esbeltos, franzinos ou pesados,  
porquanto são como nuvens  
formadas pelos suspiros dos homens  
e pelo suor da terra evaporados,  
que voejam no céu sem asas,  
indo além dos horizontes olhados.  
Todo poeta é um tanto enviesado,  
inquieta, buliçoso e desassossegado,  
que às vezes atravessa semáforos fechados  
e veste sua máscara, colocando-a ao contrário.  
O poeta é alguém que atira pedras  
catadas no interior dos dicionários.  
Os poetas são nuvens vestidas de gente

## A SOMA DE TODOS MEUS POETAS

Meu primeiro poeta foi meu pai  
sentado em sua escrivaninha  
com o cachimbo aceso ao lado  
datilografando na máquina de escrever  
versos que na época eu não entendia nada

No colégio em que estudava  
conheci Cecília Meireles  
que no poema Ou Isto ou Aquilo  
já me fez escolher seguir na vida  
sendo curioso, diferente e singular

Na juventude me chegou Vinicius  
com seus poemas e seu violão  
e com ele descobri que o infinito  
só é interminável enquanto dura

Quem viveu os anos que vivi  
amava ler Neruda e citar  
Fernando Pessoa  
Mário de Sá-Carneiro  
Hilda Hilst, Adélia Prado  
Manuel Bandeira e Ferreira Gullar  
além de Carlos Drummond de Andrade  
e tudo o que era underground

Porém foi nas madrugadas despertadas  
que vieram os poetas que escreviam em inglês  
mas como I don't speak English  
apenas os conhecia se fossem traduzidos  
para o meu bom e velho brasileirês

Agora que leio Mia Couto  
Louise Glück, Wislawa Szymborska  
Manuel António Pina e tantos outros  
desejo que meu neto me olhe  
sentado em frente ao computador  
com um cigarro aceso ao lado  
escrevendo versos nos dias do agora  
em que ele ainda não entende nada

## AS NUVENS DO ONTEM

Pela janela onde o tempo passa  
ainda vejo as nuvens do ontem  
sendo empurradas ao horizonte  
que se estende além do que agora  
é para hoje antigamente

O esvoaçar das nuvens de antes  
era moroso como as tardes  
que vinha após o almoço  
na casa da minha avó  
em que se servia macarrão de forno  
onde se mastigava também os domingos

As nuvens que ainda contemplo  
vagueiam por sobre telhados  
de residências que não mais vejo  
como se limpassem do céu a tristeza  
deixando-o com um azul mais azul  
que o azul turquesa do anel da minha mãe

Pela janela onde o tempo passa  
continuo assistindo o adejar  
interminável das nuvens do ontem  
que para mim sempre foram  
as asas de deus nos sobrevoando

## UM HOMEM ATEMPORAL

Lavou o rosto com a liquidez dos segundos  
escovando os cabelos com a pontualidade dos minutos  
Encobriu-se das horas necessárias  
e saiu para as ruas como se fosse um dia  
Nas esquinas dos calendários  
se encontrou com as semanas que o aguardavam  
e juntos passearam pelos meses das praças  
comemorando aniversários atrasados  
Voltou arrastado pelo se ir da tarde  
banhou-se com o frio do crepúsculo  
no aguar dos resíduos sobrantes das manhãs  
e se encobrimdo com lençóis de noite  
adormeceu o sono secular dos milênios  
no aprofundar eterno dos sonhos passageiros

## AS PALAVRAS QUE TRAGO POR DENTRO

Sou feito de palavras  
que me vieram dos livros  
e das bocas dos homens  
que habitam as ruas

Em meu vocabulário  
tenho diversos vocábulos  
como liberdade, igualdade  
fraternidade e solidariedade

Trago em mim gírias nordestinas  
muitas sabedorias populares  
e em meu pernambucês  
falo melhor do que em português

Meu léxico é miscigenado  
mestiço, negro e mulato  
salpicado e temperado  
com termos nativos e europeizados

Tagarelo com dicionários filosóficos  
escrevo poemas em poetês  
e quando penso o que penso que penso  
penso com as palavras que penso

É com a nudez das palavras mágicas  
que preencho meus vazios e vácuos  
pois sem conversas por dentro  
meus olhos seriam cheios de neblina e vento

Com as palavras formo frases  
com as frases formulo parágrafos

e no conjunto conjugado do texto  
sou um livro incompleto e um tanto vago  
sempre em busca de novas e outras palavras

Quem me vê assim silente e calado  
não sabe o tamanho do meu glossário  
que com ele vejo a dimensão do mundo  
injusto, truncado, inacabado e imperfeito

*"Quem não vê bem uma palavra  
não pode ver bem uma alma"*  
Fernando Pessoa

## DO QUE SONHAM OS POSTES

Vai poste, dorme  
dorme o sono matinal dos justos  
pois a claridade das manhãs  
escurece a mais perfeita  
imperfeição dos impuros

Vai poste, é hora  
é hora de cerrar as esquentadas pálpebras  
e descansar teu pescoço cansado  
que reclinado presenciou  
o perambular vacilante dos bêbados  
o urinar territorial dos cachorros  
e o encontrar das ruas no beijo  
nem sempre molhado das esquinas

Vai poste, repousa  
que a noite foi longa  
os vampiros já se recolheram aos castelos  
e os fantasmas não assustam mais ninguém

Vai poste, sossega  
logo teus pés fincados ao solo  
te levarão a passear  
por calçadas não cimentadas  
feitas apenas de nuvens  
por onde irás flutuar  
acima das cabeças da cidade e dos homens  
esquecendo-te dos pecados testemunhados  
e da solidão a que estás predestinado  
no que é tua sina e vocação

Vai poste, inverna



e sonhas o sonho dos namorados  
que no amor escuro das noitadas  
encontram o esconderijo protegido  
do alumiar recatado dos teus abraços

Vai poste, dorme  
que a seguir outra noite te espera  
e com ela seus acordados

## UM ESTRANHO NO INTERIOR DE MIM

Hoje acordei suspeito de mim  
como um estranho a ocupar  
meu lugar no interior do corpo

Quem é este que agora me aloja  
e que aqui não estava na década passada?

O que aconteceu comigo ao longo dos anos  
para desaparecer como era, sem nem me avisar?

A minha anterior exata face o espelho já não revela  
e embora ainda que pareça um pouco comigo antigo  
não consigo me reconhecer no hoje em que me vejo

(Os lagos encolheram  
ou será que foi meu Narciso  
que diminuiu de tamanho?)

Até o amor eterno foi destronado  
e em seu lugar impera o amor terno  
afinal a perenidade tem seu prazo de validade  
enquanto o que é terno germina, cresce,  
floresce, matura, continua e permanece

(A ternura é bem mais dilatada e prolongada  
que a ilusão passageira da eternidade)

Que aconteceu com minhas crenças  
minhas certezas e outras tantas veridades  
que em uma década em mim se dissiparam?

(Talvez esteja certo Karl Marx ao afirmar  
que tudo que é sólido se desmancha no ar)

Eu não me dei conta da mudança

que em mim revogou meus passados decretos  
que anulou o que antes era o absoluto certo  
que suprimiu meus perfeitos indubitáveis  
e que foi além das inabaláveis verdades

Em dez anos dez anos se passaram  
e quando me dei conta  
acordei suspeito de mim  
como se fosse um estranho  
a me ver nos espelhos do ontem

## (DES)ENCONTROS

Nada acontece por acaso  
nem o acaso

Se não te percebi do outro lado da calçada  
é porque nasci torto e inclinado a olhar o oposto.

Se não te vi sentada na mesa em frente  
é porque tenho mania de me sentar de costas

Se não te encontrei ali  
é porque eu estava aqui

Se não nos esbarramos ou nos tropeçamos  
é porque ando constantemente atrasado  
ou um segundo adiantado

Se não te conheci na festa  
é porque naquele dia estava acamado

Se nunca fomos apresentados  
é porque teus amigos não são meus amigos

Quando passastes à porta  
eu me encontrava à janela  
Quando passastes à janela  
eu me achava fechando a porta

Quando entrei na rua  
tu dobravas a esquina  
Quando dobrei a esquina  
tu entravas na loja

Quando passavas na faixa de pedestre  
eu vislumbrava o semáforo  
Quando enxerguei a faixa de pedestres  
tu já tinhas ido embora

Quando finalmente me vistes  
eu amarrava os sapatos  
Quanto enfim te vi  
tu olhavas as vitrines

Se hoje vivemos outros amores  
e somos felizes com netos e filhos  
foi porque nosso destino  
estava escrito nas estrelas erradas

Nada acontece por acaso  
nem o acaso

---

Originalmente publicado no livro **A VIDA COMO UM ESPANTO**, de autoria de Joaquim Cesário de Mello, pela Editora Labrador (SP), em 2022.

O mesmo também se encontra disponível em vídeo, no site **Palavra's**, com declamação de Marcos Antônio Terras, através do link: [www.youtube.com/watch?v=8fd-0w0aRwI](http://www.youtube.com/watch?v=8fd-0w0aRwI)

## TRAVESSEIROS ACORDADOS

Todas as noites acordo os travesseiros  
com o burburinho buliçoso dos meus sonhos

Se meus travesseiros falassem  
revelariam íntimos segredos  
que neles confesso como a nenhum padre

Meus travesseiros na escuridade do quarto  
se transformam em escudos do guerreiro  
em naves espaciais que perfuram galáxias  
nas caravelas singrando mares de ventos  
ou macios braços que me enlaçam  
como os seios aconchegantes dos enamorados

Entre a cabeça e os travesseiros tudo posso  
e em tudo sou isento e desculpado  
enquanto gotejo em suas fronhas molhadas  
salivas latentes dos meus febris encantamentos

Quando não estou meus travesseiros dormem  
o sono algodado das almofadas

(...)

Porém quando não mais existir  
quem desadormecerá os travesseiros  
e herdará os chumaços dos meus sonhos  
no interior deles depositados?

## A CADEIRA QUE VIROU LITERATURA

Vai poema

busca no interior dos dicionários  
as palavras que darão vida  
a vida que vive no íntimo da cadeira  
pois tolos são aqueles que pensam  
que ela é só feita de madeira

Vai poema

desoculta dela os sentimentos  
e faz de cada um deles versos  
trazendo de volta as saudades  
que sentem as cadeiras  
quando se lembram que um dia  
foram troncos e ramos de uma árvore

Vai poema

mostra que a cadeira  
não é apenas uma cadeira,  
mas sim literatura  
que só mesmo ti, poema  
aos tolos, como eu, revela

## O DESTINO DAS NUVENS

Às vezes penso como a vida corre e é breve e passageira. Mas logo percebo que ela já existia bem antes de eu chegar e permanecerá muito além do meu mais absoluto desaparecimento. Não é a vida que me foge, sou eu quem dela há de se retirar.

Todos viemos dos escuros líquidos dos ventres maternos e iremos desvanecer soterrados pelo negrume do manto sinistro que fatalmente nos encobrirá no chegar indesejado da hora incerta.

Todos queríamos a imortalidade, mas nem os deuses da Mesopotâmia foram assim tão eternos. A perpetuidade não nos cabe nos estreitos limites de nossas carnes. Não há matéria, substância ou corpo que não se desgaste, deteriore ou apodreça. Os fétidos odores que exalamos de dentro são como antecipações do cadáver que um dia nos tornaremos.

Não são raros os instantes em que invejo os crentes e os ingênuos, os beatos e as crianças. Aos piedosos, aos fervorosos e aos míticos são deles o Reino do Céu. Aos infantes e aos acriançados são deles a magia pueril e ingênua da perenidade. Os pequenos não sabem que a infância tem seu prazo de validade.

Somos transitórios como as nuvens que parecem flutuar lentas atravessando o espaço azul que nos acoberta, mas que logo são engolidas pela boca faminta do horizonte. Meu futuro termina quando acaba o firmamento. Queria o céu cristão de minha mãe, porém ela morreu afogada aos 45 anos. Se eu estiver enganado, como acho que não estou, talvez a reencontre nos jardins dos seus santos em meio à multidão de anjos.

Mas por que nos é tão contraditório lidar com a finitude, visto ser ela é a única certeza que temos? Aliás, tenho duas certezas. Primeiro que irei morrer. E como não morri ainda, então estou certo de que estou vivo. De nada sei o que havia antes de mim, assim como nada sei o que virá depois de mim. O que apenas sei, e já não me é pouco, é que existo, continuo existindo, até que me transforme em um nada ? que ao humano é algo suprimido de se pensar. Não há espaço para o nada em nossa mente. Mesmo os vazios que sinto trazer eles são preenchidos de saudades ou de desejos.

Decerto desviver se opõe à alma, que em grego chama-se psyché. Na Antiguidade dos gregos antigos, a alma (psique) era representada por uma vestal com asas de borboleta. Reza o mito que Psique era uma mortal filha de um rei que se apaixonou reciprocamente pelo deus Eros, e com ajuda de Zeus tomou ambrosia e se tornou imortal. E é isso o que somos, almas humanas em busca de suas ambrosias. Somos animicamente alados, embora, de fato, existimos como criaturas provisórias e breves.



Às vezes me encontro pensando como a vida passa. Mas não é a vida que me passa, sou eu quem passo. A vida nos é tão somente paisagem.

## O MISTÉRIO NO GUARDA-ROUPA DE MINHA MÃE

No interior do guarda-roupa de minha mãe  
havia uma caixa de madeira com fechadura  
cuja chave nunca achei, por mais que procurasse  
Era larga, retangular, alta e folheada  
com desenhos barrocos nela entalhada  
que para mim lembravam gravuras de outro mundo  
que eu não entendia, mas também me diziam nada  
No fundo escuro do guarda-roupa  
por detrás dos seus vestidos e blusas  
minha mãe parecia resguardar segredos  
em meio a confidências e intimidades  
livre dos olhares intrusos e curiosos  
assim como eram também os meus  
Quantos mistérios aquela caixa reservava  
quantas histórias para mim jamais reveladas  
se escondiam no habitat intestinal da arca?  
Seria minha mãe uma outra oculta mulher  
a amar um homem ao invés de uma criança  
logo eu que em minha orfandade paterna  
pensei ter herdado o vago da cama ao seu lado?  
No interior do guarda-roupa de minha mãe  
havia uma caixa de madeira com fechadura  
que apenas um dia de lá desapareceu  
assim que ela de mim se foi e morreu  
Fui um garoto feliz e afortunado  
pois tive duas mães enquanto menino:  
a que conheci andando pela casa  
e a outra em tempo algum desvelada  
que passou minha infância dentro da caixa

## ANTES DE IR EMBORA

Vou comer com a boca dos livros  
mastigando cada instante  
com os dentes afiados das palavras  
Vou sorver os segundos ocultos  
por detrás dos minutos  
tragando-os ao interior dos pulmões  
no inalar das lembranças vindouras  
Vou fotografar o piar dos pássaros  
que a mão do vento aos ouvidos me traz  
como uma esponja a absorver o mar  
Vou beber o mundo que me cerca  
e me embriagar de extremo gozo  
na vertigem do dia que me acolhe  
Vou tatear as paredes do tempo  
seguindo o destino das portas  
e percorrer os corredores da vida  
até onde eles lá se encerram  
Vou mergulhar no céu que me encobre  
e nadar com as nuvens entre horizontes  
tornando-me anjo antes da hora  
Vou cheirar o aroma do invisível  
sentindo o sabor do oxigênio  
vendo o amanhã que se forma  
no formar do breve ontem que carrego  
e mais adiante ainda levo  
Vou colher das árvores que plantei  
em sítios que já não existem mais  
os frutos com cujas sementes semearei  
os desertos em que meus netos irão pisar  
E quando tudo isso tiver passado  
e não houver em mim passados  
vou para o celeiro das almas

ler os versos que foram por mim

aqui deixados

## DE QUE SÃO FEITOS OS POEMAS

Nenhum poema é feito apenas para ser lido.  
Poemas são feitos para serem vistos,  
cheirados, tocados, degustados, sentidos  
Poemas são compostos para serem lambidos  
com a língua nem sempre macia dos sentimentos,  
mastigados, degustados e engolidos.

Poemas têm gosto de chocolate amargo,  
misturado com amêndoas adocicadas  
retiradas do seio das pedras e dos cascalhos  
do que ainda restou dos nossos meninos.

Poemas são imagens táteis, sensíveis,  
que devem ser apalpados sem pressa,  
como um acariciar dos enamorados virgens.

Poemas têm a alma das aves,  
mas nem sempre cantam como cotovias.  
Tem versos que são estridentes  
esganiçados, agudos e contundentes.  
Poemas são pássaros que de cima olham  
o telhado das casas e a sujeira dos asfaltos,  
deixada pelas apetências passageira dos homens.

Poemas têm cheiros de tintas,  
com que pincelamos o branco dos vácuos  
e descolorimos as ruas para pintá-las de novo  
(todo poema tem o aroma dos ventos  
e do que ele nos traz ao interior  
ofegante das narinas).

Nem todo poema é assim comestível,

têm os encruados e os indigestos,  
os espinhentos e os penosos,  
os azedos, os ácidos e os coalhados,  
tem até poema picante e ardido,  
e aqueles que são feitos com o sal da terra,  
com o suor da carne e do chorar dos anjos.

Poemas são paisagens que olham  
o desejo das janelas e o ocultar das persianas,  
que entende o falar moscado das orquídeas  
e o tagarelar anunciante dos grilos.

Poemas traduzem o linguajar das paredes,  
os segredos sigilosos dos sapatos  
as lamúrias dos óculos abandonados,  
as confidências dos desnudar das roupas íntimas,  
o sussurrar saudoso dos fantasmas,  
o voejar desalado das nuvens  
e os alaridos infantis do passado.

[A poesia é a língua preferida dos silêncios]

O que seria dos poemas sem as palavras?  
O que seria dos poetas sem os poemas?  
A poesia é como uma criança órfã  
que anda por aí em busca  
de um autor para ser adotada.

Mas os poetas não fazem poemas.  
São os poemas que nos acolhem,  
e escolhem a gente.

## MEU MUNDO PENETRADO

Tenho a fome dos ouvidos  
a sede dos olhos  
e o paladar dos dedos

As esquinas têm mais sussurros  
que minha boca fechada  
enquanto inalo a maresia que vem dos mares  
e saboreio o alcalino salgado dos sargaços

Acaricio livros com a luxúria dos amantes  
embriagando-me da fragrância das tintas  
e do aroma adocicado das celulosas

Nos breus das noites  
escuto o tingido mudo das cores  
com o olhar surdo dos óculos escuros  
e como se lambesse as madrugadas  
mastigo a vida pelas beiradas  
bem antes mesmo de terminar o prato

Em minhas calejadas mãos  
não suporto todos os afetos do mundo  
apenas carrego todos os sentimentos meus

O redor cósmico infiltra-se integralmente  
pelas brechas do meu corpo  
estas janelas e portas por onde se entra  
o que de mim fora habita  
e pelos quais transpiro os suores  
vaporizados dos pasmos interiores  
da minha espantada alma

...

Se acaso fosse um sistema fechado  
seria tão insulado, isolado e seco  
como os mistérios findos  
de um universo morto e consumado

[Nada em mim tem sentido  
se não vier e for pelos sentidos  
e pela essência íntima  
desta minha inquieta  
subjetividade]



## POEMA PARA MAIORES DE 60 ANOS

Na infância meninos se divertiam em carrinhos de rolimã  
feitos de madeira com que corriam ladeiras abaixo  
enquanto meninas ninavam Suzis e Barbies  
e todos jogavam cinco marias e pião  
Nos meus tempos de criança  
soltava-se barquinhos de papel nas chuvas  
assoprava-se bolinhas de sabão  
joelhos eram ralados em polícia-ladrão  
e se chegava ao céu pulando de uma perna só  
em cima de amarelinhas pintadas no chão  
Lá  
latinhas, pneus velhos  
barbantes, jornal e arames  
tudo era motivo de recreação  
Ali  
empinávamos papagaios e pipas  
jogava-se bolinhas de gude  
pulávamos cordas e fazíamos adivinhação  
E atravessávamos as tardes  
passando anel  
fiando dedos em camas de gato  
cantando cantigas de roda  
correndo em pega-pegas  
melando as roupas de barro  
sujando de lama os pés descalços  
e depois levando carão  
Na infância de então  
até Estrela era brinquedo  
e a gente tinha medo de bicho-papão

## MANIFESTO ANTIPOÉTICO

Quero a poesia profunda  
as das hemácias  
as das palavras chulas  
e as ocultas nas solas dos sapatos

Quero a poesia suja  
pelos batons das prostitutas  
pelas mãos dos mendigos  
e pelo lodo salgado dos manguezais

Quero a poesia sombria  
pelos sustos das madrugadas  
pelos assombros dos cemitérios  
e pelo silêncio que vem do nada

Quero a poesia dos embriagados  
da interminável boemia dos bares  
do cheiro urinado dos postes  
e dos dejetos humanos nas calçadas

Quero a poesia dos opostos  
dos contrários das flores  
dos adversos dos versos  
do antilirismo dos amores contrariados

Quero a poesia das febres  
dos delírios dos alucinados  
do fogo dos apaixonados  
e das chamas queimantes dos cigarros

Quero a poesia imperfeita  
da incompletude das almas

da fome insaciável dos desejos  
e das rimas mancas tropeçadas

Quero a poesia ácida das salivas  
dos orgasmos sufocados nos quartos  
dos beijos clandestinos roubados  
e da aridez solar dos sertões nordestinos

Quero a poesia triste dos melancólicos  
do risco que vem da navalha  
do voar dos anjos desesperados  
e dos soluços molhados dos abandonados

Quero a poesia com sabor de groselha  
misturada em litros de leites coalhados  
com pitadas amargas de sonhos frustrados  
e com o odor exalado dos centros das cidades

Quero a poesia de cabeça pra baixo  
que me revele também o outro lado  
que esbofeteie meu rosto lavado  
e que me rompa os véus  
rasgue minhas fantasias  
me desnude da ilusão das fachadas

Quero a poesia como ela é  
pois o resto é só quimera e disfarce  
e nada mais

## O ROSTO DO TEMPO

Eu hoje vi o tempo. Ele estava na superfície das coisas findas: as demoradas, as tardias, as breves e as apressadas, as longas, as precoces, as morosas, as decorrentes e as ligeiras.

Vi o tempo escapado dos relógios e dos anuários, que corre afastado dos horóscopos e dos jornais, dos números e dos ponteiros, o tempo oculto dos calendários, translúcido e diáfano como são os átomos e os segundos.

Vi o tempo na porta descascada do quarto, na mancha de mofo na parede que ali ontem não estava, na rua esburacada de chuvas e tráfegos, no choro da filha recém-nascida do vizinho, e no rastro de pó de madeira deixado pelos cupins. E ele estava tão guardado nas caixas onde conservo retratos e que ali me disfarço de furtivas imortalidades ainda não roídas pelas traças do tempo.

Vi o tempo no homem comendo melancia enquanto dobrava a esquina, e também na mosca que mora na cozinha e estava crescendo. Vi o tempo sendo carregado nas folhas que as formigas levam aos formigueiros, nas nuvens se decompondo ao vento, no murchar gradual dos crisântemos, no marrom das bananas na fruteira, nos besouros-de-maio que os peixes se alimentam.

Vi o tempo no espelho do banheiro. Ele estava ressecado, flácido e enrugado, e eu estava nele aos poucos desaparecendo como o escuro dos poucos cabelos que ainda me restaram e que agora estão ralos, encanecidos e reduzidos de melanina. E assim como Cecília Meireles, este rosto não era ontem assim tão árido, fatigado, nem meus olhos estavam engordurados de dias e as pálpebras arriadas como se estivessem amargas, tristes e vazias. Também não me dei por esta transição e provisória mudança.

Vi o tempo na latência do mundo, espremido no exíguo espaço entre o antes e o depois. Ele tem o cheiro amendoado dos livros velhos e o sabor azedo do leite esquecido na geladeira. Eu o vejo no silêncio mastigante das traças e no toque endurecido e enferrujado das tesouras. O tempo é líquido, constante e fluido - se fosse feito de água seria um rio a desaguar em um oceano vazado, abissal e seco.

Vi o tempo se prolongando na memória, multiplicando-se de passados colados nas amuradas mais remotas das minhas entranhas. Um tempo inchado, abundante e dilatado como uma bolha a se agigantar até o espinho do meu último momento. Este é o tempo que vive a se infiltrar em meus repentinos presentes.

Eu hoje vi o tempo. Ele bateu no vidro da janela me acordando

## O DEUS DAS COISAS MORTAS

Ao futuro depois de mim não chegarei  
a imortalidade dura o intervalo permitido  
pelo sangue que pulsa em minha carne  
No amanhã em que não acordarei  
o Sol não me encontrará no quarto  
e as roupas penduradas nos cabides  
jamais serão por mim utilizadas  
Deixarei tudo como tudo estava  
nos seus devidos territórios e lugares  
enquanto a Terra continuará girando  
e criando outros anos e aniversários  
Nunca mais irei me rever nos retratos  
esses pequenos pedaços de espelhos de papel  
onde lá ficaram aos olhares vindouros  
todas minhas repentinas eternidades  
Aos que hão de vir e chegar  
doarei o montante dos objetos colecionados  
que durante muitos anos me acompanharam  
como vestígios além de mim preservados  
Após concluído meu inventário  
espalhar-me-ei pelo mundo inteiro  
em novos cômodos, quartos e salas  
onde serei cultuado pela memória das coisas  
quase como se fosse um deus invisível  
desconhecido, extinto e esquecido  
pelo futuro que chegará depois de mim  
quando nem pelos versos serei lembrado

## A CASA DA INFÂNCIA

Todos se foram  
uns de morte morrida  
muitos de velhice  
alguns até cedo demais  
outros porque se mudaram  
e até a eternidade partiu  
e nunca mais foi encontrada

Do menino apenas tenho notícias  
das vezes que lembro dele  
ou lendo gibis na soleira da porta sentado  
ou correndo atrás das lagartixas  
que ali também habitavam

Nada mais ficou  
nem os móveis, os tapetes e os retratos  
mas talvez ainda exista  
o pé de feijão que no quintal  
um dia lá atrás foi plantado

O que resta são as paredes descascadas  
olhando o silêncio dos espaços desocupados  
e se elas tiverem a memória que tenho  
deverão estar agora chorando  
lágrimas disfarçadas de mofo e umidade

Certa tarde passei na frente da casa  
em que todos erámos felizes e morávamos  
e vi formigas carregadeiras levando  
pedaços da minha infância  
que apressado acabei deixando  
esquecida por lá no chão em algum lugar

nos tempos da infância das minhas idades

## DOMINGO SINCOPADO

Hoje é domingo, e tudo parece tão diferente do ritmo e dos sons dos outros dias. Domingo tem ares de nostalgia e de melancolia para alguns, enquanto para outros cheira a churrascos e a salinidade das praias. Ainda há aqueles que reservam o domingo para ver os pais ou avós. Para estes o domingo tem sabor de macarronada e lasanha. Decididamente domingo é um dia desigual e discordante.

Há uma inquietante lentidão nas horas dominicais onde se subverte a ordem natural das coisas. Porém quando o domingo acaba tudo volta a continuar na mesma. Então por que existem os domingos? Kafka já dizia que os outros dias é que são cruciais para se preparar para a chegada deste dia em que somos lançados no confundir dos nossos hábitos e rotinas. Inimaginável uma semana sem domingo. Domingo é um mal (ou um bem?) necessário.

Certo estava Proust quando afirmou que os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem. Creio que se os calendários pudessem falar diriam estranhar os domingos.

Uma existência humana não é feita de dias, meses ou anos, mas de intervalos entre os domingos. Nossa alma não envelhece. Quem envelhece são os domingos da alma. Há domingos chatos e domingos alegres ou divertidos. Há domingos sonolentos e preguiçosos, e há domingos agitados e buliçosos. Existem aqueles que exalam aromas de livros, enquanto outros emanam olências de cravos. Todo domingo é igual, todavia todo domingo não é igual. Semelhantes são as missas e os jogos de futebol. Domingo não. Domingo é indisciplinado e rebelde. Representa a insurreição do tempo. Devia-se nascer e morrer aos domingos.

Domingo é dia de coçar pentelhos, tomar cervejas, rezar terços e rogar pragas. Domingo é um dia para esconder nosso anonimato e desaparecer.

Os pássaros voam e cantam diferente. O vento sussurra segredos inaudíveis. O sol é mais quente e a chuva mais fria. Até o tédio é mais poético. Não há bocejos que não sejam ruidosos, ou cochilos que não sejam prolongados. A solidão dos domingos é a nossa melhor companhia, inclusive os minutos se tornam indiferentes. Nada se repete nos domingos que se repetem.

As pessoas param mais para conversar. As pessoas param mais para se isolar. Tem os que meditam e os que fogem. Tem os que acordam e os que adormecem. Os homens das segundas, das quintas e dos sábados não são os mesmos das horas dominicais. Até os beijos ficam mais deliciosos.

Devia-se nascer e morrer aos domingos.

---

Originariamente publicado no livro A VIDA COMO UM ESPANTO, Joaquim Cesário de Mello, Editora Labrador (SP), em 2022.



## CIRQUE DE LA VIE

Senhora e senhores  
vai começar o maior espetáculo da Terra  
O palhaço chorou  
O elefante fugiu  
O trapezista caiu  
O equilibrista partiu  
A bailarina se machucou  
O mágico gripou  
O leão morreu  
Senhoras e senhores  
o show não pode parar  
e a vida enfim tem que continuar  
Quando o circo se for  
e a prefeitura chegar  
vão lavar a superfície do chão  
onde ficou a última serragem  
dos restos esfarelados dos meus  
remontados encantamentos  
Quando o amanhã reiniciar  
vou comprar logo as entradas  
do circo que exhibirá  
o reprisar acriançado  
do ontem ameninado  
que hoje se encontra soterrado  
no subsolo de algum isolado lixão  
Senhoras e senhores  
vai recomeçar o maior espetáculo da Terra  
e eu espero ainda estar lá

## CRÔNICA DE UMA JANELA APAIXONADA

Seria uma janela como outra qualquer, não fosse seu enorme prazer de sentir-se um olho a observar a cidade em cima do céu do vigésimo andar.

Acreditava-se onipresente naquele quarteirão de poucos metros quadrados. Na onisciência do que tudo via se considerava um deus a espreitar o mundo que não criara, através do buraco na parede por onde o vento passava, arejando o quarto onde vivos dormiam, acordavam, trocavam de roupas e em algumas vezes se amavam. Um quarto está para um lar como uma guarita sigilosa e privada está para um castelo. É onde os reis podem se despir de seus trajes majestosos, e, aliviados das cintas, dos espartilhos e das armações metálicas, podem respirar na soltura proeminente e flácida dos abdomens relaxados.

Prisioneira em sua solidão paredada dialogava com as demais janelas na linguagem das ventanas, no entreabrir piscante das cortinas e persianas, em um confidenciar silencioso no bailar dos ventos que só as janelas sabem. Triste das janelas descortinadas e as dos apartamentos desocupados, pois vivem a mudez como fendas fechadas e reprovadas.

A janela do vigésimo andar olhava o passar dos transeuntes pelas calçadas. Conhecia-os no seu ir-e-vir cotidiano. Acaso soubesse as horas saberia com exatidão o instante em que cada um passaria ou indo para o trabalho, escola, compras, ou voltando dos compromissos repetitivos do dia a dia. Havia os madrugadores passeando cedo com seus cães e aqueles que vinham de longe para os trabalhos mais braçais e menos remunerados. A janela, assim, apreciava do alto a romaria continuada dos homens.

Dos apartamentos em frente observava como um voyeur privilegiado a vida íntima das moradas. Os cafés da manhã e os jantares, o conviver nem sempre harmônico das famílias. Já vira de tudo um pouco: brigas, traições, separações, sexo, choros e várias e diferentes formas humanas de se amar e de odiar. A privacidade de uma casa é o esconderijo onde os seres humanos dispõem suas máscaras e revelam suas verdadeiras faces.

Mas o que mais ela gostava de olhar era a janela direita do décimo quarto andar do edifício defrente, a janela do quarto dela que ficava próximo da esquina onde havia um semáforo. Foi lá, na distância métrica que atravessa as ruas, que conheceu pela primeira vez o amor das impossibilidades. A outra janela era bela e bem cuidada, ornada com lindas cortinas rosas claras de algodão mesclado, com finos bordados florais que lhe davam um ar tímido de feminilidade clássica e sedutora, que lhe fazia pulsar as artérias de alumínio no ofegar frio da vidraça.

E assim se amaram por anos e décadas. Muitos moradores se mudaram, os transeuntes já não eram mais os mesmos, os cachorros eram outros, mas a janela do vigésimo andar com nenhuma outra janela jamais se encantara.

E viveram feliz para sempre, até que a demolição um dia as separe.

## QUANDO AQUI CHEGUEI

Quando aqui cheguei  
as ruas eram feitas de casas  
e os poucos prédios  
eram de três andares de escada

Quando aqui cheguei  
os galos chamavam o Sol  
espantando as estrelas nas madrugadas  
e o dia amanhecia encantado

Quando aqui cheguei  
não havia supermercado  
as mercearias e as quitandas vendiam fiado  
com moedas se comprava dezenas  
de confeitos como se fossem sonhos caramelados  
e tudo lá parecia confeccionado  
em um amontoado de secos e molhados

Quando aqui cheguei  
as meninas usavam trancinhas  
lacinhos e vestidos babados  
enquanto os meninos só usavam calça comprida  
em dias santos, aniversários e feriados

Quando aqui cheguei  
minha avó tinha cabelo nevado  
era surda do ouvido esquerdo  
e como os outros velhos que tinham minha idade  
passava horas nas cadeiras de balanço  
embalando o final moroso das tardes

Quando aqui cheguei

lagartixas andavam serelepes nas calçadas  
as mangas do vizinho eram mais adocicadas  
em dias de chuva caíam tanajuras molhadas  
e as minhocas se arrastavam sorridentes  
antes de serem soterradas embaixo de asfaltos

Quando aqui cheguei  
aprendi a escrever em Português na escola  
lá se ensinava também Francês  
(je suis un petit garçon)  
e de inglês e de relógios eu não sabia nada

Quando aqui cheguei  
o mundo era pequeno do tamanho do meu bairro  
havia menos carros a atrapalhar as peladas  
e dos terrenos baldios voltávamos às casas  
cheios de areias, barros e gargalhadas

Quando eu aqui cheguei  
tudo estava pronto, concluído e acabado  
a vida parecia constante e infundável  
até compreender que o que é permanente  
Dura pouco e é para ser sempre mutável

Quando aqui cheguei  
todos estavam presentes  
e posavam às fotos nos dias  
dos meus primeiros aniversários

## RABISCOS NA AREIA

Antes a Terra era o centro do Universo  
e nove esferas giravam em torno dela  
No Cosmos tudo volteia e rodopia  
como um imenso bailar de piões  
e luas circulam planetas  
e planetas orbitam estrelas  
e estrelas piruetam em torno de si mesmas  
Na geometria dos espaços infinitos  
o círculo tem a forma mais perfeita  
e é nele que se expande o tempo  
onde mora a eternidade  
essa coisa imorredoura  
que não tem princípio, meio ou desfecho  
Quando uma criança  
risca no chão da praia um círculo  
ela está desenhando Deus na areia

## SE EU SOUBESSE FALAR FRANCÊS

Ah! se eu soubesse falar francês  
iria visitar a Torre Eiffel  
ficar mais perto das nuvens no céu  
e quem sabe lá não veja um anjo  
que gentilmente me pergunte  
*comment allez-vous*  
e eu lhe responda  
*três bien et vous*

Ah! se eu soubesse falar francês  
andaria pelos boulevards de Paris  
olharia todas translúcidas vitrines  
compraria canetas Montblanc  
dois relógios de pulso Cartier  
e me sentaria comigo em uma cafeteria  
*Et me parlerait* como eu me sinto

Ah, se eu soubesse francês  
visitaria Borgonha  
para me embebedar de Pinot Noir  
e dançar com minha fada madrinha  
uma coreografia mais que divina  
ao som de O Último Tango em Paris

Ah, seu eu soubesse falar francês  
iria ser amigo de Asterix  
tomar a porção mágica em lugar de Obelix  
e chegaria em teu ouvido esquerdo  
sensualmente quase cantando  
pronunciar na língua que sei  
*Je t'aime mon amour*  
com sotaque de um velho gaulês

Ah! se eu não tivesse abandonado o francês  
que minha mãe na Aliança Francesa me levou  
e que em um tempo juvenil depois  
foi tomar banho de mar e nunca mais voltou

Ah! se soubesse falar francês



## MÃOS CIGANAS

Se tuas mãos falassem  
ouviria o idioma dos deuses  
mas mãos não falam  
apenas dialogam caladas  
afagando docemente os céus  
feito nuvens roçando macias  
o azul do ar em que respiro

Em tuas mãos ciganas  
perambulam todos meus futuros  
e como um bêbado cansado  
adormecido em travesseiros sonhados  
vou voar em afetos alados  
pela amplidão daqueles céus  
que amorosamente acaricias

Em tuas mãos  
prolongo, então, meu destino

## SE UM DIA EU ME TORNAR ADULTO

Quando era criança não entendia  
o que os adultos falavam  
quando era adolescente eles é que não  
compreendiam o que eu pensava

Agora que tenho os cabelos pintados de tempo  
e sou mais velho que meu pai  
escuto-os com ouvidos de menino  
e eles me veem como se eu fosse rapaz

Às vezes é muito chato  
ser que nem uma ilha  
cercada de adultos  
por todos os lados

Mas se um dia eu me tornar adulto  
vou trazer minha infância comigo  
levando-a até meu último futuro  
e conversar com as crianças  
pois são elas quem sabem  
das coisas encantadas que há no mundo

Não nasci para ser gente grande  
surgiu mesmo foi para ser pequeno

## CICLO DE VIDA

Não há mais testemunhas  
no céu da infância  
- Do menino sou  
seu único legado

Em seguida espichei  
meio metro em mim se somou  
e todos ao redor me chamaram de rapaz

Vivi agudamente  
os anos da mocidade  
e não morri jovem

Depois vieram as décadas  
em que ninguém mais celebrava  
com bolos os meus aniversários  
- Quando logo me vi  
já estava na meia-idade

Perdi cabelos  
fomes e desejos  
e no espelho do banheiro  
tudo se modificava  
- Joguei no lixo  
o diploma de datilografia  
que não mais prestava

Minha memória  
sempre aumentava  
até que um dia  
se tornou maior do que eu

Agora

que após o depois do amanhã

só espero o escuro e o nada

vou brincar de volta

com meu menino

até quando terminar

esta prolongada

e derradeira madrugada

## NO MERIDIANO METAVÉRSICO DE MIM

Vou voar como um Ícaro ressuscitado  
vestindo minhas asas de cera  
com tecidos de roupa de bombeiro  
Vou para o outro lado do Sol  
onde tudo é sombra e gelo  
e seguindo o brilho da próxima estrela  
chegar na curva do Universo  
e de lá atravessar a fronteira  
Vou morar como se fosse no espelho  
me ver arrumando o cabelo  
e no interior desse sonho imaginado  
levantar da cama com o pé direito  
No paralelo oposto de mim  
não vou deixar que aquele segundo  
mude de novo minha vida inteira

## NEVERLAND

Vivo no relógio do meu pai  
onde o tempo não passa  
com suas horas apressadas  
nem os ponteiros assinalam  
o virar consumido dos dias  
Nele brinco de criança sem cansar  
como se vivesse numa Terra do Nunca  
em que meu imortal menino  
escapou de ser adulto amanhã  
No relógio do meu pai  
não coabitam vindouros  
esses lugares em que o amanhecer  
e o aclarar das noites  
são sempre impregnados de ontem  
No interior do relógio do meu pai  
não se contam os minutos  
não existem cemitérios  
as roupas não crescem  
e todos meus primos estavam lá  
No Mido do meu pai  
o Universo não era digital  
e se movia redondo e animado  
que nem um pião alegre e brejeiro  
puxado e liberto das suas cordas  
Naquele relógio do meu pai  
minha infância corria entre os números  
que iam de um a doze  
com a rapidez dos milênios  
enquanto o eterno e o imutável  
eram simplesmente infindáveis

O relógio do meu pai

parou no dia em que ele morreu

## A CADEIRA VAZIA

Com quem dialogo neste instante  
na cadeira vazia à minha frente?

Será com meus finados  
ecos de um passado que se encontra  
no silêncio no Universo aqui fora?

Quem me olha sentado na cadeira vazia?  
Meu menino desaparecido  
meu adolescente crescido  
ou meu adulto renitente e inconformado?

E se for eu mesmo  
pousado em meu leito de morte  
como um velho mais velho a me encarar  
querendo balbuciar algo aos meus ouvidos  
que moucos não entendem direito o que ele fala?

O que diria eu mais adiante  
a mim preso neste presente  
a tramar na surdina a velhice do amanhã  
ou o póstumo das antecipadas orfandades?

Que críticas trago do ontem  
Esse lugar que nenhum hoje apaga  
a me julgar com serventia tolerância  
o adulto vivido que aqui se faz?

Ou tornei-me um Quixote desvairado  
a conversar com a vazia de uma cadeira  
ocupada apenas por moléculas de oxigênio  
e pelo silêncio oco do bafejo dos ventos?



(Quem me dera meu pai ali sentado  
discutindo comigo um poema inacabado)

Só sei que nesta noite  
em que dialogo com a cadeira à frente  
minha filha, casada, mora em outro bairro  
e minha esposa dorme tranquila no quarto  
que fica no final do corredor à direita da sala

## **SOBRE CHÃOS E ASSOALHOS**

Passei pelo passado  
e eu sei que por lá passei  
pisando em chãos e assoalhos  
em que meus antepassados pisaram  
Vim de dias terminados  
de velhas folhinhas de calendários  
que já não existem mais  
e de pretérito em pretérito  
construí este meu atual itinerário  
No ontem de mim  
fui o que até aqui não consegui ser  
e o que consegui ser  
hoje é o meu todo utilizado  
Meus anteriores futuros viraram passados  
e os meus passados já passados  
caminham comigo e com meus passos  
que tão logo dobrar a esquina  
me serão meus mais recentes passados  
Quanto tempo me resta de estrada  
não sei e nem me importa  
afinal sou um amontoado de lembranças  
pisando em chãos e assoalhos  
em que meus antepassados pisaram  
Ao final de tudo é isso que seremos  
um passado que passa passante  
até ao dia em que não haverá mais passado  
e outros andarão por onde passamos  
criando e fazendo transcorridos passados

## CIDADE DOS SONHOS

Quero de volta  
a alegria das calçadas matinais  
o sorriso ventilado das janelas abertas  
a língua amolada das ruas pavimentadas  
de pedras, granitos, cimentos  
areias, paralelepípedos e poeiras

Quero de volta  
o mascate das miudezas  
das bolachinhas de vento  
que mercadejava bijuterias  
como se fossem lindos brilhantes  
iguais aos olhos claros da minha mãe

Quero de volta  
os sábados sem aulas e deveres  
que eram os dias que íamos às feiras  
ver sapotis acastanhados feito madeiras  
misturados ao calor suante dos itinerantes  
com a zoeira desentoadada e desafinada das barraqueiras

Quero de volta  
a brisa do sombrear dos cajueiros  
os quintais das minhocas soterradas  
as lagartixas pousadas na frieza das paredes  
o sono das camas encobertas pelos mosquiteiros  
o cair das tanajuras nas noites defumadas de São João

Quero de volta  
o anjo da guarda que fugiu de casa  
as novenas do mês de maio extraviadas  
as missas em latim que eu não entendia nada

a coleção de escapulários da tia beata e solteira

Quero de volta

as bicicletas Calois e Monarks

o olhar zarolho da sobrinha do bicheiro

os fiteiros das gaivotas e dos continentais

a matinê dos cinemas de bairro onde se assistia

Noviça Rebelde, Tom & Jerry e os Três Mosqueteiros

Quero de volta

o Recife depois de Bandeira

azulado como o de Carlos Pena Filho

que nos escorregos do Parque Treze de Maio

vou me reencontrar com meu menino travesso

do meu querido Recife hoje longevo

saudoso, imortal e tão brasileiro

## UM POEMA NO ESPELHO

Hoje eu vi um poema no espelho  
ele estava escondido por detrás dos olhos  
despidos dos óculos de manhã logo cedo  
Era feito de versos guardados nas costelas  
onde os minutos se calcificam grisalhos  
no acumular das lembranças e do tempo  
Na cacofonia desafinada dos meus interiores  
descubro inusuais sinfonias que sequer sabia  
haver se tornado esse amontoado de versos  
que trago espalhados em mim por dentro  
O poema que se revela no espelho  
não se parece com meu rosto  
que dali retiro nas manhãs que saio  
como se fosse uma máscara colada  
ao vulto cujo mundo se acostumou a conhecer  
Um poema assim tão verdadeiro  
que me mostra a me exhibe por inteiro  
necessita ainda ser composto e escrito  
mas antes é preciso atravessar o espelho

## SEU MÁRIO

Conheci Seu Mário  
na segunda metade do século passado

Ele tinha uma banca de revistas  
que ficava no fim da rua da infância  
no meio da esquina em que naquela época  
para o outro lado eu nunca dobrava

Seu Mário era um homem velho  
um pouco mais velho do que hoje sou  
de cabelos grisalhos desgrenhados  
parecidos com sua eterna camisa  
branca, encardida e suada  
e tinha um dente postiço de ouro  
no lugar do segundo incisivo superior  
que em dias de sol sempre brilhava  
e ele orgulhoso sorrindo nos mostrava

Nas tardes após os deveres de casa  
saía correndo para onde estava Seu Mário  
comprava figurinhas de álbum  
confeitos, chicletes e bombons  
e quando as moedas não davam  
ele me deixava ler os gibis de graça

Invejava Seu Mário  
que passava os anos cercado  
de Tios Patinhas, Mickeys  
Bolinhas e Luluzinhas  
chupando o adocicado da vida  
por detrás daquele dente dourado  
(Quando crescer

quero ser como Seu Mário)

Até então não sabia  
que as tardes, os meses, os anos  
que até os séculos passam  
e depois que a esquina do fim da rua me dobrou  
eu nunca mais vi Seu Mário  
com sua camisa grisalha  
a cabeleira toda arrugada  
e o dente de ouro na frente estampado

Para onde foi Seu Mário?

## POEMA PARA UM TOLO

Vou me esconder do tempo  
ficar por detrás dos relógios  
e nunca mais olhar os espelhos

Vou fugir dos dias  
evitar as horas  
me atrasar para os minutos  
e todo e qualquer segundo  
vou logo tratar de apanhar com as mãos  
como se eu pudesse congelar o momento

Vou deixar de morar  
na vida lá fora e me refugiar  
quietinho aqui por dentro  
pois só se envelhece quem vive  
e só morre quem está vivendo

Pensando melhor  
vou me revelar ao tempo  
enquanto tempo ainda tiver



## PENSAMENTOS PENSADOS

O que penso quando penso, logo eu que penso tantas coisas?

Mas o que penso são pensamentos meus?

Eu nunca pensei por que a lua não cai ? quem pensou foi Isaac Newton.

Nem fui eu quem pensou que soma dos quadrados dos catetos  
é igual ao quadrado da hipotenusa.

Pensava que quem descobriu o Brasil foi Pedro Alvares Cabral,  
mas leio que o espanhol Vicente Pizón chegou primeiro.

Acho que alguém me disse que o maior índice de suicídio no mundo é na Suécia,  
porém jamais vi qualquer estatística a respeito.

Será que pensar é pensar pensamentos que não são meus?

Portanto, de onde brotam os pensamentos?

Há pensamentos certos ou menos certos?

Errados ou menos errados?

O outro pensa diferente de mim ou será que sou eu que penso diferente dele?

Se houver pensamento certo então ele é imutável.

Mas já mudei de tantos pensamentos, talvez eu só pense errado.

Todavia se eu penso errado é porque o outro pensa certo.

Discordo.

Não acho que haja pensamentos certos ou errados,  
mas pertinentes ou equivocados.

Melhor mesmo é não pensar em nada. Contudo, o que é o nada?

Nunca pensei nisso.,, Nunca pensei sobre nada.

Mas será que pensar em nada é ausência de pensamentos,  
ou pensamentos que não estão sendo pensados?

## ABSURDOS DE UM HOMEM DESMEDIDO

Eu tenho a fome dos saciados  
a lucidez dos embriagados  
a certeza dos incautos  
e a insanidade dos homens normais  
Eu tenho a alegria de ser triste  
a inquietude dos acomodados  
a pressa lenta dos afobados  
e as mãos parecidas com as do meu pai  
Eu tenho a rebeldia dos mais jovens  
os cabelos brancos da minha idade  
e se nasci com o cérebro pequeno  
minha alma já se achava grandiosidade  
Eu tenho a coragem dos medrosos  
que dormem calados nos quartos escuros  
rezando terços escondidos  
para um deus mais ateu do que eu  
Eu tenho a confusão da ambiguidade  
a oscilação dos equilibristas descompensados  
o desvario quixotesco dos congruentes  
e a ponderação dos insensatos  
Eu tenho em mim o amor da minha mãe  
as palmadas que devia ter levado  
a inocência original dos culpados  
e a trela disfarçada dos meninos comportados  
Eu tenho a avidez desejante dos pacatos  
o contrassenso dos sensatos  
a incosequência dos comedidos  
e a bisbilhotice dos desinteressados  
Continuo o mesmo por ter mudado  
ainda uso calças e camisas apertadas  
em um corpo envelhecido e engordado  
e trago no meu futuro meu presente passado

E se penso com as mãos  
escrevendo com a cabeça  
foi porque meu anjo da guarda  
ficou manco caindo da escada  
Minha esposa sempre diz  
que eu sou todo errado

## SAPATOS LARGOS

Quando era miúdo  
do tamanho que tinha meu menino  
calcei os sapatos usados do meu pai  
e com eles andei pelo assoalho do mundo  
que estava na superfície segura da sala

Meus pequenos pés voavam  
na imensidão funda e vasta dos calçados  
e na abundância folgada dos espaços  
eu neles brincando de adulto flutuava

Soubessem meus acanhados pés  
que muitos chãos haveriam de andar descalços  
guardaria a infância no interior recolhido dos sapatos  
que um dia albergaram os enormes pés do meu pai

Os sapatos usados dos crescidos  
têm o tamanho dilatado das galáxias

## MANIFESTO MASCULINISTA

Nasci menino de nascença  
e a vida me fez masculinista  
Tenho pelos nos sovacos  
tomo cervejas em gargalos  
falo palavrões feito quem fala palavrez  
e arroto bafos com cheiros de cigarros  
De minha mãe usei sutiãs escondido  
até já cai de seus sapatos altos  
e o anjo que por dentro trago  
usa batom vermelho e maquiagens  
por detrás das máscaras e dos disfarces  
Na cama sou heterossexual  
e no chão do mundo sou pluriafetivo  
não me importo com as divergências  
só não gosto das desavenças  
e de diferenças bem entendo  
pois entre elas sou o mais desigual  
Não sou sexista nem racista  
e de gênero prefiro filmes de drama  
suspenses, cults e tramas de tribunal  
Amo mais o distante do que o próximo  
que comigo pensa semelhante  
só não amo quem se acha superior  
acima do amor da cristandade  
e sem nenhuma ou qualquer alteridade  
Herdei dos meus pais o respeito  
a igualdade e o gosto pela reciprocidade  
e do meu parentesco com a humanidade  
tenho aqui e acolá alguma verdadeira amizade  
Minha virilidade é feminina  
que não afeta minha masculinidade  
e se hoje sou letrado, culto e intelectual

foi porque os livros me chegaram  
logo que saí de lá do berçário  
aprendendo a ler depressa e cedo demais  
Sou masculinista a me olhar em espelhos  
e me vejo refletido ao contrário  
e tenho mais empatia e sensibilidade  
do que músculos, barba e cabelos  
Tenho pelos nos sovacos  
tomo cervejas em gargalos  
falo palavrões feito quem fala palavrez  
e arroto bafos com cheiros de cigarros

## O TAPETE PERSA

Na casa da minha avó  
existia um tapete mais velho do que ela

Diziam que era persa  
e que fora herdado da mãe da mãe de sua mãe  
que deve ter comprado em alguma quermesse  
ou nas feiras beneficentes das remotas igrejas

Sobre o tapete da casa da minha avó  
passei com meus pequenos pés de infância  
e parei por cima de cidades que nunca vi  
salvo na lucidez delirante do meu maravilhado menino

Na casa da minha avó  
havia um tapete que era voador  
onde amei flutuar de olhos fechados  
junto ao algodão doce das nuvens  
no céu dos anjos da infância

Dele não conheci seu paradeiro ou destino  
apenas o tenho nos álbuns em preto e branco de fotografias  
e no colorido pintando da memória  
que nem as cores das guloseimas, dos dropes e das jujubas

O tapete da casa da minha avó  
era mágico e eu não sabia

## NO INTERIOR DO BOLSO ESQUECIDO POR MIM

Aconteceu há tantos anos atrás  
que eu já não me lembro mais  
A vida tem disso  
quantas coisas ocorreram  
no desfiar moroso dos dias  
mas depois se perderam  
no interior mesclado e confuso  
dos escaninhos da memória?  
Tenho em mim mais esquecimentos  
do que este novelo de lembranças  
de onde retiro o enredo das minhas histórias  
Não sou quem me lembro  
pois quem sou não se acha  
nos momentâneos instantes  
gravados em minhas paredes  
como toscos desenhos rupestres  
Em mim habita um imenso Joaquim  
microscópico, invisível e calado  
que nem às fotos revelo  
feito de intervalos e lapsos  
que se encontra nas rachaduras  
esburacadas do passado  
um Joaquim inarrável e encoberto  
desconhecido, clandestino e secreto  
Eu sou a maquiagem que vejo  
e o somatório de toda minha desmemória



## O AMANHÃ, DEPOIS DE MIM

O que se verá no amanhã  
abaixo do céu em que não estarei?  
Quem pisoteará os caminhos porque passei  
cujas pegadas ficaram soterradas  
no aterrar dos dias e do esquecimento?  
Que mundo viverá os instantes  
que jamais em meus sonhos imaginei  
e quem herdará meus óculos  
que ao partir deixei em cima do criado mudo  
que fica à esquerda da cama  
em que presenciei o amanhecer dos meus anos  
e o findar das noites no cobrir das pálpebras  
que de mim afastavam os sonâmbulos fantasmas  
que continuam a perambular nos quartos como muriçocas  
a assustar a infância dos recentes meninos?  
De que morrerão os velhos longevos  
e por onde se acharão os filhos dos meus netos  
se quando tudo o que aqui deixei  
se for como também se vão  
os finais das tardes de domingo?  
O que se verá no amanhã  
que eu não verei  
pois acima do céu que abraça a vida  
tudo é tão obscuro como será o escuro  
em que vou somente me ausentar  
e desaparecer

## PROCURA-SE UMA LEMBRANÇA

Eu tinha uma lembrança  
eu sei que tinha  
só não sei onde ela está  
Já remexi por todo canto e recanto  
escaninhos e esconderijos da memória  
no fundo das suas gavetas  
no interior dos seus armários  
até nos encaixotados fupei  
mas nada dela encontrei  
Eu tinha uma lembrança  
eu sei que tinha  
só não sei onde ela está  
Procurei por aqui  
procurei por lá  
procurei por todos os lugares  
até debaixo da cama dos meus pais  
que é a imagem que tenho  
daquela noite de tempestade chuvosa  
em que acordei com medo dos trovões  
e dormi aninhado com eles  
no leito que cheirava a lavanda  
alecrim e a pétalas de rosas  
Eu tinha uma lembrança  
eu sei que tinha  
só não sei onde ela está  
Percorri corredores pouco revisitados  
entrei em salas que nem mais recordava  
vasculhei minhas lacunas e meus lapsos  
pensei até em meus atos falhos  
mesmo assim minha lembrança continuava  
perdida, desaparecida e extraviada  
Reencontrei outras tantas lembranças

as antigas, as novas e as remotas  
lembranças de todos os tamanhos  
espécie, gênero, tipo e variedade  
as reais, as fantasiadas e as misturadas  
mas, no fim, tudo isso acabou em nada  
Eu tinha uma lembrança  
eu sei que tinha  
só não sei onde ela está  
Cheguei até as portas do Inconsciente  
que é onde fica as memórias proibidas  
as censuradas, as reprimidas e as recalcadas  
porém um guardião me impediu de lá entrar  
Mas do que me lembro  
da lembrança que não me lembro  
é que ela existia e por aqui estava  
e uma lembrança que era lembrada  
não pode ter sido desautorizada  
desmaiada, esvaída ou ter sido desbotada  
Terá ela fugido, morrido ou sequestrada?  
Será que ela foi de mim desterrada?  
Aonde foi que ela se escondeu  
ou será que ficou camuflada  
encoberta nas entranhas do interior  
de uma outra qualquer memória?  
Só sei que desde então  
sinto falta de um pedaço da minha história  
e carrego comigo um oco fincado  
no lugar daquela esquecida memória  
...  
Procura-se uma lembrança perdida  
Quem achar favor devolver à minha alma  
que será por ela bem recompensado

## COM AMOR, JOAQUIM

Quisera escrever uma carta  
que sei jamais farei  
para revelar murmurante  
meus segredos mais miúdos

Confesso  
espreito-te pelas frestas do cotidiano  
(naquele dia em outubro passado  
sem que sequer desses conta  
furtei de ti o olhar de entardecer  
com que absortas miravas o céu  
como quem cata naturalmente anjos)

Até mesmo  
nos momentos dos teus banhos  
tantas vezes escutei por detrás da porta  
o teu adornar de essências e espumas  
e invejei  
(ah, deus sabe como invejei!)  
a água que percorria  
acariciante teu corpo  
como um amante em abraços  
tão íntimos e úmidos  
que nunca dei

Quisera escrever esta carta  
que sei jamais farei

---

Originariamente publicado no livro A VIDA COMO UM ESPANTO, Joaquim C. de Mello, (ed. Labrador/SP, 2022)

## O MAIOR ESPETÁCULO DA TERRA

Ainda espero da vida  
a derradeira despedida  
de tantas que me fez passar  
Ela me levou o menino  
com ele meus bolos de aniversários  
mas me deixou no fundo dos tímpanos  
o cantarolar dos muitos anos de vida  
que minha memória perdeu a soma ao contar  
Depois me retirou aos poucos os vivos  
que estavam no mundo quando aqui cheguei  
logo foram os transeuntes com quem esbarrei  
e quando me dei conta dos anuários  
já me tinha levado o século passado  
e com ele quatro décadas de história  
havam virado algumas dúzias de retratos  
Do fino fio que ainda me resta  
caminho como um equilibrista espantado  
por sobre este arame bastante esticado  
olhando de cima minha entrelaçada memória  
como se fosse uma rede de nuvens a me resguardar  
Mas quando o circo da minha vida se for  
quero dar o último adeus às lembranças  
que construíram comigo meu espetáculo  
recolher a lona, meus trecos e ir embora  
Senhoras e senhores  
o show da vida vai continuar...

## O QUE OS OUTROS VEEM

Sou um homem comum e habitual  
desses que a gente normalmente esbarra  
e deles não levamos nada  
nenhuma lembrança, nome  
rosto, jeito ou presença  
pois, como eles, sou banal demais

Sou tão corriqueiro que acordo todo dia  
levanto, tomo banho, escovo os dentes  
dou bons dias aqui e acolá  
cumpro meus roteiros como se fossem destino  
carrego minhas pedras até quase ao topo  
e quando elas escorregam adormeço  
para no dia seguinte voltar a levá-las

Sou um homem normatizado  
de tal maneira convencional  
que chego a ser até revolucionário  
rebelde, insurgente e avançado  
aí troco todos meus disfarces  
e quase finjo fazer poesia de verdade

Sou um homem conservador  
preservo em mim o espanto do menino  
e a ousadia irreverente do rapaz

Sou quem os outros veem  
cordato, vulgar e bem-educado  
porém quem sou mesmo e de fato  
deixo pela manhã nos espelhos  
e saio como sempre pro trabalho

Sou simpático quando sou cordial  
sorridente, afável e trivial  
mas quando digo não sou antipático  
e é quando os outro me chamam de chato

É mais fácil vestir uniformes  
mas por dentro eu sou descarado  
insolente, zombeteiro e libertado

## A POESIA ROUBADA

Quantos poetas cabem em um poema  
e quantas línguas tem um verso?  
A poesia foi feita para ser roubada  
seja do lirismo emotivo da vida  
ou da loucura de um mundo desgovernado  
seja do universo indiferente e apático  
que nos encobre com seu escuro desinteressado  
Todos os poemas já foram feitos  
escritos, falados ou silenciados  
o resto é como prato requentado  
porém salpicado de tempero modernizado  
Se na natureza nada se cria e nada se perde  
então quando me visto de poeta  
sou meus antepassados remexidos  
em novos versos assim tão diversificados



## AMORES CITADINOS

No ardente escuro dos asfaltos  
as esquinas se encontram  
no beijo passante das ruas

## O INFINITO REVISITADO

Eu hoje voltei do infinito  
onde mora a eternidade  
e lá fui visitar meus pais

Minha mãe estava como sempre  
bem vestida, elegante e charmosa  
com seu penteado fixado de laquê  
enquanto meu pai continuava  
como nos retratos guardados  
baixinho, barrigudo e gordinho  
encoberto por ternos de linhos amassados

Foi ali no fundo fim do que é inacabado  
que encontrei meu menino  
imaginando que quando alargasse  
o futuro seria um amanhã acriançado  
o mundo inteiro da infância seria prolongado  
e todos estariam em todos outros aniversários

Lá em que a morte não é permitida entrar  
é que recuperamos o que antes era  
duradouro, perene e perdurável  
e os dias são feitos de ontens  
nos quais até verbos se conjugam no passado

Tenho pena das crianças esquecidas  
nos adultos alheios e desmemoriados  
elas vivem como se fossem  
roupas velhas largadas no encovado  
fechado e desalumiado dos armários

Se soubessem os crescidos

que a infância sobrevive infindável  
no interior das almas termináveis  
eles sentiriam que a maturidade  
é ser também uma criança com maior idade

Daqui a pouco vou voltar ao infinito  
que é o lugar que nunca devia ter deixado

## POETA DE UM VERSO SÓ

Sou poeta de um verso só  
e nele há a infância  
o tempo, a impermanência e a morte

Já tentei falar em amor  
mas não dei muita sorte  
afinal amar é sentimento  
grafado em verbos de acenos e gestos

Se olho para trás  
vejo-me garoto e pequeno  
me divertindo e correndo  
como se quisesse ganhar do tempo

No encarar do hoje  
contemplo o mundo envelhecendo  
e meu menino continua correndo  
como se desejasse coagular o tempo

Mas quando descortino o tempo  
enxergando o que vem em frente  
lá se vai a criança correndo  
como se pudesse  
    um dia  
        vencer o tempo

## BOM DIA, DIA

Bom dia, dia  
Bom sabê-lo ainda vivo  
a compor mais um dia  
no anuário das datas transitórias  
desta minha repentina imortalidade finita

Bom dia, dia  
Antes que tu vás embora  
quero habitá-lo como se deve  
ser povoado os dias  
colhendo os frutos das manhãs  
plantando as sementes das tardes  
e descansando em teu colo noturno  
como um amante saciado e farto

Bom dia, dia  
Que tu hoje sejas  
o dia mais belo  
dos mais lindos dias já vividos  
e quando na madrugada me deixares  
levar-te-ei pelos demais dias  
em que aqui estiver até lá presente  
no interior delicado das minhas memórias

Bom dia, dia  
Sejas bem-vindo neste novo espantoso dia

## ROSTOS, SEMBLANTES E FACES

Vejo rostos por onde passo  
ou será que são os rostos  
que por mim passam  
enquanto estou parado?  
São rosto de todas as cores  
idades, molduras e formatos  
rostos que quando estou distraído  
não me dizem nada  
Vejo rostos por onde passo  
uns velhos  
outros jovens  
rostos redondos  
longos, retangulares  
ovais e quadrados  
alguns disfarçados em maquiagens  
todos consumidos, borrados e cansados  
(Aquele rosto  
no canto esquerdo do enquadre  
lembra o rosto da minha mãe  
depois do luto inconcluso do meu pai)  
Por detrás verniz dos rostos  
até mesmo dos mais impenetráveis  
há sempre uma pessoa  
submersa, desconhecida e ocultada  
com centenas de desejos malogrados  
e milhares de sonhos frustrados  
Quando chego à noite em casa  
sozinho em frente ao espelho do banheiro  
retiro da cara meu disfarce  
e me vejo refletido ao contrário  
No íntimo dos espelhos  
reside nossa verdadeira face

Por isso ao morrer devíamos ser enterrados  
com nossos espelhos repousando ao lado

## SEGUINDO OS NÚMEROS

Vou seguir os números  
e ver aonde eles vão dar  
Vou começar do zero  
um algarismo que não  
consigo nem sequer me lembrar  
Depois que deixar o um  
é que vou então andar  
mas quando chegar no segundo  
que vem logo após o três  
que sucede o número dois  
vou esperar adicionar mais um  
para os meus cinco anos completar  
Vou aprender português  
contar além de dezesseis  
ler as horas que giram nos relógios  
aumentar o tamanho dos sapatos  
trocar as camisas do ano passado  
e comemorar meu décimo primeiro aniversário  
Os próximos sete anos vão ser agitados  
irão aparecer pelos debaixo dos sovacos  
os testículos ficarão alongados  
o menino será esticado  
o banheiro vai ser mais usado  
e vou me apaixonar  
pela garota da sala ao lado  
Avançando ainda mais  
adicionarei uma dezena  
e então estarei casado  
e cedo me tornarei pai  
mas o que eu queria mesmo  
era estar morando  
como um dia lá já morei



com meus primeiros antepassados  
E de dez em dez fui somando  
e de dez em dez fui subtraindo  
e até hoje não sei  
se estou mais perto de voltar ao zero  
ou se estou chegando próximo de cem

## BOLINHOS FEITOS DE ONTEM E FEIJÃO

Miné na cozinha  
faz bolinhos de feijão  
enquanto minha mãe  
conversa ao telefone  
sobre a última moda do verão

A manhã vai passando  
pelo céu das nuvens paradas  
fatiada em diminutos segundos  
pela fina lâmina dos ponteiros do relógio  
feito a navalha gasta  
no barbear matinal do meu pai

Lá fora a vida me espreita  
no aguardo das perdas que um dia virão  
e eu continuo absorto e distraído  
assistindo o desenho animado  
que está passando na televisão

Ainda não conheço a língua das ruas  
o entrelaçar ardiloso das Moiras  
o cheiro dos cravos e dos crisântemos  
nem os caminhos que me levarão  
para fora desta bolha azul de sabão

O princípio de mim vai se construindo  
por debaixo da ingenuidade da carne  
no pântano caudaloso da memória  
e quando lá me olhar para trás  
vou me ver sentado  
assistindo desenho animado na televisão  
quando Miné está na cozinha

fazendo saudosos bolinhos de feijão  
e minha mãe conversando ao telefone  
sobre a última moda daquele remoto esquecido verão

## UM MINUTO ANTES DA NOITE

No cochilo das árvores  
as folhas sonham ser flores  
e a tarde passa por cima das copas  
sem perturbar o sossego das folhagens  
Nas ruas faróis se acendem  
no diminuir da velocidade dos carros  
enquanto nas calçadas pés alvoroçados  
pisoteiam os segundos agitados  
como se fossem bitucas de cigarros  
Nas cinzas do queimar da tarde  
sonhos buscam voltar às camas  
ao mesmo tempo em que o sol se põe  
expondo a noite que se escondia  
por detrás do véu azulado do dia  
Os postes madrugam mais cedo que os gatos  
que nos cantos dos becos desalumiados  
onde todos são encardidos e pardos  
aguardam o regressar dos próximos ratos  
Nos botequins da cidade  
alguns alongam o sepultar das horas  
retardando o reencontrar com o trinco das portas  
que os separam das realidades das casas  
e das sequidões apáticas dos quartos  
Em um lugar neste instante  
nem sempre assim tão distante  
alguém se despede da vida  
enquanto um outro amanhece e se cria  
e os demais apenas esperam  
depois das novelas e das preces  
o cerrar solene das pálpebras  
no apagar de mais um pedaço da vida  
que acompanha o escapar transitório dos dias



## CÉU DAS MEMÓRIAS

Nesta noite escura de um quarto aceso  
vou me intoxicar de saudades  
viajando por debaixo da pele enrugada  
como um andarilho caminhando entre costelas  
na contramão dos relógios e dos anuários

Vou mais além que as semanas passadas  
dos meses anteriores dos anos pregressos  
em que estava criança brincando  
de pular corda e de fazer bolhinhas de sabão

Quando minhas idades somavam pouco  
não me esperava no século vindouro  
mas agora em que nele estou  
vivo a pensar naquele menino  
que o virar do século me retirou

E antes que um outro século me leve  
vou para o céu das memórias  
encontrar meus pais e meu cachorro  
pular corda em bolhas feitas de sabão  
e ser miudinho de novo

## O VERSO E O POEMA

O que faz esse verso aqui  
neste poema que não terminou?

Como ele chegou e de onde veio  
logo agora que não pensava nele?

Esse verso não me pertence  
pois não me lembro que o trazia  
no começar deste poema que não terminou

Ou será que andava por aí  
ignorado e despercebido  
e nunca me dei conta dele?

Mas como pode  
um verso tão melódico  
de tanto lirismo singelo  
a confessar intimidades  
que nem eu saberia dizer  
passar tanto tempo escondido  
como se não quisesse  
ser encontrado ou visto?

Quem será seu dono que o perdeu  
cujo bolso na alma estava furado  
e por ele o verso se soltou e caiu?  
(Será que percebeu que está mais leve  
e em seu interior um vazio retirou-se e saiu?)

Versos são imagens de sentimentos  
pincelados com palavras  
que vivem em busca de olhos

bocas e ouvidos de gente

Um verso achado ao acaso  
no chão acidentado da vida  
não é um verso roubado  
plagiado ou fraudado  
mas um verso órfão  
que quer ser adotado  
por um poeta qualquer  
em um poema incompleto  
que ele ainda não finalizou

E agora  
que faço com esse verso achado  
neste poema que não acabou?



## O DIA SEGUINTE

O dia amanhece no quarto vazio  
e pontualmente o despertador toca  
mas a cama desocupada continua  
deitada no mesmo lugar

No guarda-roupa fechado  
vestes aguardam escolhas  
porém hoje nenhuma delas  
verá a luz do Sol  
ou encontrará olhares de gente  
nem o acariciar deleitoso dos ventos

Qual a serventia  
de uma escova de dentes usada  
sem o beijo mentolado das bocas  
ou aquele sabonete meio gasto  
com um fio cabelo nele guardado  
que nunca mais será utilizado?

E todos aqueles pincéis de maquiagem  
o primer, a base e os corretivos  
o blush, os batons e os pós compactos  
acomodados no silêncio do armário  
acostumados a mascarar um rosto  
que o espelho jamais voltará a encontrar?

Na cabeceira da cama de seu quarto  
os óculos que antes me assistiam crescer  
repousam parados e inanimados  
com ninguém no outro lado

Da parte que me cabe da casa

desacordo dos sonhos juvenis  
levantando meus dezesseis anos  
que me habitam o corpo magro  
ainda um tanto desengonçado  
e sozinho e assustado  
inicio o primeiro dia  
da minha mais longa  
e última interminável orfandade

## O INVENTOR DE MEMÓRIAS

Inventava memórias  
balsamando a alma  
de histórias criadas  
para quando fosse velho  
ter do que se lembrar

Se inseriu no tempo  
como um Quixote alucinado  
montado em um Rocinante imaginado  
a desbravar Catalunhas encantadas  
lutando com moinhos que nem o vento assoprava  
sendo herói de reinos fabulados  
apaixonando-se por Dulcineias jamais encontradas

Urdu no interior calado dos quartos  
por sobre macios colchões de sonhos  
mais odisseias que Ulisses  
conquistou mais horizontes e confins  
que nem Alexandre da Macedônia alcançou  
e venceu leões e aniquilou hidras  
em quantidades maiores que Hércules conseguiu

Descobriu o segredo da Pedra Filosofal  
encontrou o sagrado cálice do Santo Graal  
derrotou Saladino no norte ao sul de Damasco  
carregou no peito mais medalhas  
que Júlio Cesar, Napoleão ou Eisenhower  
e da janela de sua pequena mansarda  
caminhou por ruas e vielas nunca pisadas

Compôs sinfonias mais belas que Beethoven  
escreveu intensas cartas de amor

melhores que Cyrano de Bergerac  
pintou azuis mais azulados que Picasso  
escalou o Everest e a Montanha Mágica  
atravessou ondas tubulares na Austrália  
e rompeu a barreira do som  
pulando de paraquedas  
no alto do céu desanuviado de Dubai

Foi no íntimo dos quartos em que morou  
que fez de si o que existindo não se fez  
e de lá grafou poemas que ninguém leu  
e se vestiu de roupas mais majestosas  
do que pode se vestir o maior dos reis

Passado os anos tangíveis da vida  
hoje resta um túmulo corroído e desgastado  
em um cemitério esquecido e abandonado  
onde mal se lê redigido na lápide  
o seu nome que o cosmos não conheceu

Como disse Fernando Pessoa  
*"o mundo é para quem nasce para o conquistar  
e não para quem sonha que pode conquistá-lo  
ainda que tenha razão"*

## NESTE MOMENTO, NO OUTRO LADO DA VIA LÁCTEA

Neste momento  
alguém está nascendo  
um corpo está sendo velado  
pessoas estão se enamorando  
outras se casando  
casais estão se separando  
e eu aqui na sala esperando  
minha esposa daqui a pouco acordar

Neste momento  
Maria está sendo batizada  
João comemora aniversário  
Pedro está chorando  
Paula ganhou uma medalha  
José está adoentado  
Milena descobriu que está grávida  
e eu estou me tornando  
cada vez mais para mim indispensável

Neste momento  
fulano está estudando  
sicrano foi à praia  
beltrano está bebendo  
alguém será atropelado  
há quem esteja fazendo nada  
e eu conversando calado  
com meu retirado e despovoado passado

Neste momento  
Silvestre saiu para trabalhar  
Roberto perdeu o emprego  
Ana foi assaltada

Calebe está na farmácia  
Monique está arrumando o armário  
e eu me absolvendo  
dos meus velhos antigos pecados

Neste momento  
a Lua está minguante  
Cícero pediu Simone em noivado  
Mauro fez seu mapa astral  
Mercúrio está em Touro  
Roberto se sente entediado  
Carla não sabe onde deixou as chaves  
e eu continuo sobrevivendo  
àqueles que por mim brevemente passaram

Neste momento  
o cometa Halley  
está a cinco bilhões de quilômetros  
mais longe do Sol  
uma estrela está se apagando  
outra está se acendendo  
o mar não está pra peixe  
e eu me preparando para desaparecer  
nas brumas profundas da imortalidade

Neste momento  
alguém na China tossiu  
um furacão se aproxima das Bahamas  
está nevando em Borgonha  
faz calor no Senegal  
um rio transbordou no Peru  
a terra tremeu no Japão  
e no outro lado da Via Láctea  
o Universo não está nem aí  
para o que está acontecendo aqui  
nesta irrelevante biosfera pequena



## **EU E O CIGARRO**

O cigarro me sorve a vida  
em cada trago que lhe faço

Assim me evaporo aos poucos  
nas fumaças que exalo  
e amanhã restar-me-ei em cinzas  
espalhadas em diversos cinzeiros  
que um não dia utilizarei mais

Quando chegar a vez do derradeiro cigarro  
vou desaparecer que nem vapor entre meus dedos  
apenas não sei se levarei ou deixarei saudades



## A METAMORFOSE

Vou me colocar no computador  
deixar este meu hardware carnal  
transformar meus neurônios em bits  
e pousar minha memória nas nuvens

Vou me fundir com a máquina  
deixar de ser mundano  
me redesenhar em chips  
e passar a ser transhumano

Vou trocar o cognitivismo de lado  
deixando de pensar em português  
falar em Java, SWIFT, Python  
melhorar meu escasso inglês  
e namorar tecnologicamente em eletrônês

Meu destino será algoritmo  
vou resolver todas as questões matemáticas  
o enigma dos buracos negros  
saber tudo sobre xadrez  
aprender jogar Go e gamão  
completar as palavras cruzadas  
além de ganhar muito dinheiro  
acertando shows do milhão

Vou para a Pasárgada do meu multiverso  
onde lá sou eu quem serei o rei  
e vou deixar meu analógico Joaquim  
no século que me foi passado  
e pro futuro serei ilimitado  
e a partir daí não terei  
começo, meio ou fim

Vou me transmutar em digital  
e viver a eternidade virtual

## PASSAGEIROS DA PAISAGEM

A vida passa como sempre passa  
lenta, gradual, ferosa e ligeira

Mas a Vida não passa  
nem se move e trespassa  
não vai de um lugar a outro  
como se fosse alguém  
que entra, transita e sai

Quem passa são os relógios  
e as folhas dos calendários  
assim como o dia e a noite  
que encobrem as cabeças  
as casas, os terrenos, as árvores  
e os telhados das cidades

Quem passa são as coisas  
que pela Vida passam  
as plantas, os vegetais, as flores  
os insetos, os peixes e os demais animais  
até as pedras também se desgastam  
com a força dos ventos e das águas  
que nelas golpeiam e por elas passam

Nada permanece na Vida  
em que tudo por nela fica ou se move  
mas o que se conserva na Vida  
é ela que sempre continua  
e continuando jamais passa

Mudam-se as pessoas, os seres  
os deuses e os cenários

as culturas e as sociedades  
mas a Vida persiste  
gerando e retirando vidas  
pois sem a Vida não haveria vida  
apenas e somente um vazio e imenso nada

A Vida é palco, recinto e tablado  
onde as pequenas vidas que nela passam  
encenam grandes e pomposos espetáculos

Senhoras e senhores  
vós que comprais os ingressos  
não fiquem sentados nos seus lugares  
pois daqui a pouco o show vai terminar  
e quem não trocou de assento ou de lugar  
não vai poder então nunca mais mudar

## O DESTINO DOS LIVROS

Que destino terão meus livros  
quando minhas mãos não mais os manusearem?  
Quem decodificará minha alma formada  
no interior folhoso das brochuras  
e dos calhamaços empilhados nas estantes  
ou por cima das escrivatinhas  
tábulas, mesas e bancadas da casa  
Livros são feitos de mudezes que falam  
no instante em que a quietude das letras caladas  
é exposta aos olhos bisbilhoteiros  
que esfomeados de espantos  
buscam no esfolhear desnudante  
os segredos embutidos na vida  
que habitam a imensidão cósmica  
dos deuses, de Delfos e do Universo  
Para onde irão meus diversos Fernandos Pessoa  
e por quais mares nunca dantes navegados  
irão singrar Moby Dick, Camões e a Odisseia  
edição capa dura de 1974?  
Quem herdará meus livros fechados  
por onde percorri milênios de histórias  
lutei em Cartago  
cavalguei com Quixote  
atravessei buracos seguindo coelhos  
segui o mapa e achei o tesouro  
passei férias no Sítio do Picapau Amarelo  
conheci o retrato de Dorian Grey  
descobri o Horizonte Perdido  
e como Bandeira fui também amigo de rei  
E esse tanto de letras?  
E essa abundância de palavras?  
E essa enxurrada de ideias?  
E esses véus rasgados?

E esses sonhos acordados?  
E essa vida vista do outro lado?  
E as incontáveis noites em claro  
que passava lendo durante a madrugada  
como se vivesse em uma Babilônia encantada?  
(Quem ficará com minha face  
logo após abrirem o meu inventário?)  
Um dia me tornarei cinzas  
como pó que o tempo acrescenta  
às lendas escritas nas lombadas

## A ÚLTIMA CEIA

Que me desculpem os ausentes  
mas não vou ao meu último jantar  
Podem comer sozinhos  
fiquem bem à vontade  
façam de conta que estou  
presente na cadeira vazia  
que estou reservado a me sentar  
Não me esperem pontualidades  
agendas, obrigações ou compromissos  
pois não sou de olhar em relógios  
as agulhas do tempo passar  
nem faço promessas ao destino  
que sequer sei em qual esquina  
vou a contragosto por fim encontrar  
Por favor não fiquem chateados  
com esse meu eventual desaparecimento  
reconheço que não fui assim tão educado  
mas ele será tão somente breve e temporário  
e por enquanto me entendam  
que não estou com nenhuma fome  
ou com a mínima vontade e anseio  
de junto com vocês logo cear  
Que fiquemos então assim combinados  
quando quiser noturno e mais adiante  
de eternidades me empanturrar  
vou ao rol dos meus sumidos  
e a todos vocês irei convidar  
Porém  
por agora e no momento  
apenas me deixem aqui no meu canto sossegado  
banqueteando-me desacompanhado com as memórias

que sei que em alguma mesa irei reencontrar



## JORNADA NAS ESTRELAS

Vou fazer um foguete e sair do planeta  
viajar pelo espaço sideral  
seguir os rabos dos cometas  
surfear em ondas gravitacionais  
excursar que nem turista  
por entre astros, satélites e galáxias  
e visitar alguma tia distante  
que mora no subúrbio de Andrômeda  
depois da terceira curva da espiral

Quem sabe se não encontro algum anjo  
voando alucinado por aí assim como eu  
e juntos brincar de esconde-esconde  
por entre brechas, rachaduras e fendas  
dos buracos negros do universo

E quando retornar pra casa  
vou tomar banho em uma banheira  
cheia de essências e sais aromáticos  
e me limpar da poeira cósmica  
e dos refugos esfarelados do que sobrou  
das supernovas despedaçadas que em mim ficou

## OLHANDO PARA TRÁS

Olho para trás e vejo mortos e feridos de batalhas que a vida inventou, apenas porque estávamos vivos. No presente em que me vejo olhando para trás, eles não podem retornar às carnes abandonadas, mas sobrevivem nas partes mais íntimas da minha alma. Todos os que dobraram às esquinas opostas as que virei, sumiram da paisagem desta minha alongada estrada.

Olho para trás e vejo terrenos baldios em que jogávamos bola, esperando a infância terminar. À época não sabia que o findar seria tão rápido, pois tudo que antes me cercava parecia banhado de eternidade. A substância inocente de que são feitas as crianças é frágil, passageira e volátil.

Olho para trás e vejo que aqueles terrenos, em que deixei minhas pequenas pegadas enterradas, estão hoje ocupados por elevados prédios, repletos de apartamentos de 60 metros quadrados, onde se assistem novelas, telejornais e seriados. Em suas varandas, varais de roupas estão penduradas, como se fossem bandeirinhas de São João, a tremular no vento que restou do verão passado.

Olho para trás e vejo casas que não existem mais, e fantasmas despejados vagueiam atônitos pelas ruas da cidade, feito mendigos desempregados. Tanto as pedras, os tijolos e os telhados se vão, mas ficam os fantasmas esfomeados, que não assombram os novos quartos das crianças recém-chegadas.

Olho para trás e vejo a loja Sloper e minha mãe comprando estojos de maquiagem, para posar bonita às fotos em que seu rosto ficou guardado, que nem tatuagem gravada na pele envidraçada dos porta-retratos.

Olho para trás e vejo meu Joaquim perplexo olhando no espelho seu corpo crescendo, enquanto a Terra gira ao redor do Sol, comemorando aniversários.

Olho para trás e vejo o que ficou para trás...

## VERSOS ÍNTIMOS

Minha mãe nunca me disse que me amava  
mas eu na baixeza do meu tamanho  
e no pouco das minhas idades  
observava o que ela fazia  
e em seu protegido silêncio me contentava

Certa vez ouvi ela dizendo  
que ninguém me tocara em um fio de cabelo  
e enquanto ela viveu  
meus cabelos continuaram intactos

Minha mãe não me beijava  
nem me abraçava  
mas quando ficava doente  
ela se vestia de enfermeira  
cuidava de mim  
me servia canja de galinha  
tocava em minha testa febril  
e me colocava para dormir  
junto com ela em seu quarto

Eu nunca disse a minha mãe que a amava  
porém quando ela se foi afogada  
no mar da minha chegada adolescência  
segui em frente e me tornei  
um homem como ela sonhava

Minha esposa não conheceu sua sogra  
nem minha filha a sua avó  
mas o que elas não sabem  
é que a conheceram  
em meus mais sutis

e mínimos detalhes

Desde muito cedo  
com minha mãe aprendi  
que o amor não cabe  
no universo restrito das palavras

## SEIS GRAUS DE SEPARAÇÃO

Eu conheço uma bailarina  
que conhece um maestro  
que certa vez regeu  
a Orquestra Sinfônica de Boston  
e lá conheceu uma camareira japonesa  
que tinha um namorado marinho  
que conhecia uma prostituta em Amsterdam  
que tinha um cliente alemão  
cujo avô havia lutado na Rússia  
e lá se apaixonou por uma cozinheira  
que havia nascido na Ucrânia  
cujo tio era primo distante  
do alfaiate de um inglês  
que morou na Índia  
e ficou amigo de um nepalês  
que havia trabalhado na China  
e lá conheceu uma afegã  
que foi refugiada no Paquistão  
e que se casou com um operário  
que conhecia um palhaço  
que foi com o circo até o Kuwait  
quando conheceu um soldado  
que lutou na guerra Irã-Iraque  
e era sobrinho de uma enfermeira  
que tinha uma amiga que tinha  
uma vizinha que conhecia uma aeromoça  
cuja mãe morou na Turquia  
e agora estava na Argentina  
quando conheceu um psicólogo  
que era uruguaio  
mas a mãe era paraguaia  
casada com um cubano

que fugido de Havana  
conheceu um contrabandista mexicano  
que vendeu whisky falsificado para um cientista  
que havia estudado na França  
com um professor italiano  
que conhecia um alpinista belga  
que escalou o Everest  
e era amigo de um médico português  
que havia tratado uma paciente croata  
que perdeu a memória  
e não se lembrava de nada  
e não reconhecia ninguém

Eu conheço o mundo  
e toda a humanidade

## DE MANHÃ, LOGO CEDO

De manhã logo cedo  
acordo com o som das panelas  
no chegar de Neide ao trabalho

No banheiro enxaguo os sonhos  
ensaboo os desejos molhados  
e me enxugo com o calor da claridade

À mesa como sanduiche de queijo  
dois ovos estrelados  
tomo café coado  
e depois fumo um cigarro

Saio para às ruas  
na incerta certeza de que vou voltar  
deixando no ar um beijo  
para a mulher que dorme  
com o anjo da guarda no outro quarto

## O LAMENTOSO DESTINO DAS SOMBRAS

Triste o destino da sombra de alguém  
cujo corpo foi sepultado

Na mudez cinzenta do céu das sombras  
espectros desencarnados vagueiam  
no infinito escuro desalumiado  
como um cortejo de penumbras abandonadas

Quem irá prantear a orfandade das sombras deixadas?



## CANTILENAS DE UM POETA

Sou poeta das horas inteiras  
dos momentos adversos  
da mudez das paredes alvas  
do segredar confidente dos ventos  
dos intervalos alongados dos minutos  
e do pasmar inesperado dos acasos

Sou poeta dos interiores ocultos da alma  
dos escaninhos das memórias não lembradas  
onde se escondem o seio da minha mãe  
o ciúme de quando descobri que ela era casada  
meu primeiro dente de leite arrancado  
e a vela que não apaguei  
em meu mais primitivo aniversário

Sou poeta das noites claras  
dos travesseiros acordados  
em que sonhos ficam enfronhados  
das companheiras sombras matinais  
das madrugadas embriagadas  
e das loucuras mais desvairadas

Sou poeta dos beatos não santificados  
dos pecados secundários  
do inconfessável dos confessionários  
das conversas fiadas e dos tiques bizarros  
dos deuses mortos que ficaram para trás  
em Atlântidas submersas e afogadas  
ou em bibliotecas incendiadas  
embaixo do horizonte avermelhado da Babilônia  
que há milênios já não existem mais

Sou poeta dos antepassados  
dos paralelepípedos manchados de histórias  
das viúvas e dos órfãos deixados  
dos desejos espirrados nos lençóis  
do transpirar dos segundos fatigados  
do calmo envelhecer dos retratos  
dos sopros que vêm do passado  
e do azulado bailar dos fogos fátuos

Sou poeta dos arco-íris das jujubas  
do escorregar dos dias nos parques  
dos rastros no céu onde as nuvens passam  
do inquieto andar das formigas nas calçadas  
do enrugado olhar das janelas  
das folhas secas em cima dos telhados  
da solidão dos prédios abandonados  
e do desmaiar das tardes alaranjadas

Sou poeta  
porque sou poeta  
brotado do ventre dos livros  
e com o destino traçado  
para ver a vida por cima  
por baixo e por todos os lados  
e se não tivesse nascido poeta  
com certeza seria alado

## O MAR INTERIOR DE MIM

No mar interior de mim  
habitam ninfas aquáticas  
sorridentes baleias rosadas  
corvinas, robalos e linguados  
e uma multidão de peixinhos listrados

No mar interior de mim  
sereias encantadas  
sobre a ossada dos rochedos  
arrastam minhas lembranças  
para o fundo secreto da alma

No mar interior de mim  
navios naufragados  
guardam tesouros não revelados  
sobras de um menino nunca abandonado  
que sabe nadar até debaixo d'água

No mar interior de mim  
minhas praias estão sempre lotadas  
fins de semana, dias úteis e feriados  
por vulgos que por ali passam  
deixando pegadas nos grãos da areia  
que o vento do tempo um dia apaga

No mar interior de mim  
a luz não alcança a fossa mais encovada  
do meu mais profundo oceano  
em que entre placas tectônicas  
permanecem submersos e adormecidos  
primitivos vulcões marítimos

No mar interior de mim  
ondas espumadas de histórias  
oscilam molhadas de memórias  
onde por fora deslizo  
como um surfista bronzeado

e por dentro navego  
feito um submarino amarelo camuflado  
No mar interior de mim  
sou Robison Crusóe  
sem Sexta-Feira

## ...E ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

Quando aqui cheguei a Hungria havia se revoltado  
Marrocos ficou independente da França  
e Juscelino Kubitscheck foi empossado

Mal cheguei aos meus dois anos  
a cadela Laika foi lançada para morrer no espaço  
e Albert Camus foi com o Nobel laureado

Nos meus cinco anos  
foi erguido o Muro de Berlim  
meus pais me mudaram de bairro  
e Jânio Quadros renunciou ao cargo

No ano em que comemorei dez anos  
os Beatles lançaram seu sétimo álbum  
tirei nota dez em Português  
e o AI-4 foi por Costa e Silva editado

Aviões americanos bombardearam Hanói  
por ocasião do meu décimo segundo aniversário

Quando fiz quinze anos  
o embaixador da suíça foi libertado  
fumei meu primeiro cigarro  
e uma reforma ortográfica foi sancionada

Depois que enterrei minha mãe  
Brezhnev visitou Cuba  
na Inglaterra uma greve é decretada  
e a Ponte Rio-Niterói é inaugurada

No tempo em que alcancei a maioridade

a Microsoft foi criada  
Franco morria de velhice na Espanha  
dirigi pela primeira vez um carro  
e Isabelita Péron ainda não tinha sido derrubada

Quando conheci minha esposa  
Karol Wojtyla virou Papa  
e o domingo de Páscoa  
caiu em vinte e seis de março

No ano em que me casei  
Indira Gandhi foi assinada  
Pedro Nava morreu  
minha filha nasceu  
a Emenda Dante de Oliveira é rejeitada  
o pneu do meu carro furou  
um avião foi pelo Hezbollah sequestrado  
e eu quase comprei aquele quadro

Quando minha filha fez quinze anos  
no horóscopo chinês o ano era Coelho  
uma escola em Columbine sofreu atentado  
em um domingo de novembro estava entediado  
e acabei por não comemorar meu 44<sup>o</sup> aniversário

Mas aí chegaram meus cinquenta e seis anos  
minha filha já havia casado  
na boca tinha três dentes arrancados  
Bento XVI renunciou ao pontificado  
no INSS estava finalmente aposentado  
e Barak Obama tinha o mandato renovado

No tempo em que meu neto nasceu  
Domingo de Páscoa foi em primeiro de abril  
um apagão aconteceu no Nordeste do Brasil  
Damasco foi bombardeada

Aretha Franklin faleceu  
e eu amanheci um dia gripado

Hoje o mundo continua girando  
a História prossegue andando  
aumentam-se as vagas nos berçários  
na esquina vão abrir uma clínica geriátrica  
e eu aqui comemorando mais um aniversário

## CEMITÉRIO DOS VIVOS

Nós, os mortos  
saudamos os vivos  
pois sem eles  
estaríamos mortos

Felicitemos os olfatos  
que nos renasce no evocar do cheiro  
do perfume antiquado que usávamos  
e que por aí ficou em alguma camisa  
que alguém esqueceu de lavar

Como fantasmas palpáveis  
continuamos na superfície das coisas  
abandonadas ao mundo dos outros  
que agora já não nos pertence mais

Naquela música que um dia dançamos  
abraçados ao sonho das futuras eternidades  
hoje nos faz bailar no piso encerado  
de um salão que não existe mais  
juntinhos e pregados ao sonho  
das eternidades remotas do passado

Nós, os mortos  
somos feitos de sabores  
aromas, sons e lembranças  
deixados por detrás dos panos  
acortinados no fundo palco  
onde ficam as covas rasas da memória

No memorial dos vivos  
os mortos ressuscitam



como notas de rodapés  
dos livros pessoais de cada história

Os mortos na vida morrem  
ao deixar seus espaços na morte  
para no rodiziar dos vivos  
dar lugar ao chegar dos próximos mortos

## O DANÇAR NO TEMPO DE UM CORPO EM MOVIMENTO

Falo a língua dos gestos  
os acenos mudos dos trejeitos  
o dialeto das ruas em que me movimento  
e o jargão dos rebolados malemolentes  
O corpo é meu vocabulário  
onde se acham gravadas invisíveis tatuagens  
como se fossem cuneiformes escritos  
de uma antiga civilização inexistente  
Minha mobilidade desengonçada  
é harmoniosa por dentro  
talvez por isso ninguém entenda  
que me expresso no mudar gingado  
e dançante dos meus deslocamentos  
Na linguagem gestual em que me revelo  
sou um bailarino a girar suspenso  
no ar do palco em que danço a dança do tempo  
ao som do ritmo da música que ouço em silêncio  
Da minha coreografia sou responsável  
pelos passos que ousou e invento

## POEMA SEM NOME

E se em mim tudo desaparecer  
meu nome  
meu rosto  
minha história  
e meu sobrenome?

E se não mais souber quem sou  
de onde vim  
o que fiz  
o que sonho  
e para onde vou?

E se em mim somente habitar  
um branco mais branco que este branco  
em que escrevo sobre minha inimaginável  
e repentina suposta amnésia?

Será que eu bebi  
caí da escada  
sofri um acidente  
ou bati com a cabeça  
em alguma parede da realidade?

Como será não ter passado  
nenhum futuro almejado  
não saber de nada  
não reconhecer meus pais  
e nem a mim mesmo nos velhos retratos?

Que farei agora  
depois que tudo me foi embora  
neste corpo velho no espelho

cujo dono desconheço  
como se chama  
seu apelido  
seu CPF  
sua identidade  
e seu endereço?

Talvez desaparecer em mim  
seja uma forma de continuar a viver  
carregando comigo pelo infinito  
um oco profundo na alma  
e uma completa esvaziada memória

Talvez morrer não seja acabar  
mas deitar sobre si e se esquecer

## TODO POETA É UM LADRÃO

O poeta é um ladrão  
que rouba da vida  
os versos que escreve  
com a língua dos afetos  
e os vocábulos do coração

De que adianta passar pela vida  
e dela nada surrupiar  
seja uma maçã da árvore  
seja uma passageira paisagem  
seja o cri cri estridente dos grilos  
seja o roçar silencioso dos cotovelos  
ou o cheiro da brisa salgada que vem do mar

Tenho pena dos bem-comportados  
dos sóbrios e dos recatados  
pois eles não sabem que a vida  
foi oferecida para ser roubada  
e disso são feitos os versos:  
pequenos momentos usurpados

## POEMAS INSONES

e a noite me tingiu de preto os cabelos  
e cobriu de escuros minha sombra  
que repousava na cadeira ao lado

como não lembrar dos meus esquecidos  
que no desadormecido dos sonos atrasados  
sonambulam anônimos pelas quinas  
----- notívagas do quarto

as noites são compridas e vastas  
no dilatar dos poemas acordados  
que precedem o afugentar das estrelas  
pelo cacarejar matinal dos galos

e quando a noite em mim despertar  
vou vaguear por aí catando versos no chão  
antes que sejam apagados pelas borrachas  
dos solados apressados dos homens

[são nas noites que os poetas uivam  
os gemidos espirrados nas ruas]

a poesia nunca dorme  
nem os anjos  
nem o ontem  
nem os poetas

## VOU ME ESCONDER DO TEMPO

Vou entrar neste agora  
e me esconder do tempo

Neste agora esticado  
duradouro e prolongado  
vou viver mais de cem anos  
com a idade que hoje tenho  
não vou mais perder ninguém  
e mantereí comigo apenas  
as ausências que agora já tenho

E quando o século deste agora terminar  
e for me reencontrar com o tempo  
vou ver que tudo que ficou fora do agora  
envelheceu, caducou, conclui-se e findou  
e não aproveitei com eles o tempo

Quando o interminável agora acabar  
vou visitar meu túmulo no cemitério  
onde me enterraram anos após  
em que oculto nas cobertas do agora  
perdi a hora de ir ao meu velório  
por não entender que vida é feita  
de um amontoado de gastos agora

Vou entrar neste agora  
e me esconder do tempo

## SONHOS URBANOS

Conheci um beco  
que sonhava ser uma rua  
com meio-fios ao lado  
e calçadas planas sem buracos  
Conheci uma rua  
que sonhava ser uma avenida  
larga e arborizada  
com canteiros no meio  
e coloridos semáforos nas esquinas  
Conheci uma esquina  
que sonhava ser uma reta  
cheia de prédios espelhados  
que ia de onde começava o sol  
e findava onde o horizonte termina  
Conheci um prédio  
que sonhava ser uma casa  
com jardim gramado  
e plantas variadas  
fincadas em solo de terras  
onde habitam minhocas  
e botijas cheias de ouro ocultadas  
Conheci um jardim  
que sonhava ser uma praça  
repleta de árvores e paisagens  
com um lago por onde patos  
se refrescam nas tardes  
em que as crianças passam  
brincando suas infâncias  
em balanços, gangorras e escorregos  
Conheci uma praça  
que sonhava ser uma cidade  
que sonhava ser o mundo inteiro



## FARELOS DE CALENDÁRIOS

Hoje achei um dia que estava perdido  
e nem me lembrava mais que tinha vivido

Ele foi achado no fundo de uma gaveta  
do bagunçado armário da memória  
entre tantos outros lascos de dias lembrados  
que compõem os anuários da minha história

No lugar onde me sustento e me guardo  
sou confuso, embaralhado e desorganizado  
e em meio aos entulhos das coisas que trago  
tem vezes que nem sei direito quem sou ou fui  
e no emaranhado de mim de quando em quando  
me desoriento e perdido não me acho

Não sou cartesiano nem muito menos linear  
me atrapalho até em saber onde deixei  
o retrato do dia 28 de abril de 1994  
enquanto o ano de 1974 fica acima de 2002  
que fica logo depois do dia de ontem  
em que passei a tarde tentando lembrar  
em que parte de mim foi que deixei  
meu vigésimo terceiro aniversário  
logo eu que já esqueci o que foi que comi  
no almoço do penúltimo domingo passado

O dia que finalmente encontrei está esburacado  
dele apenas vejo uma fração de minuto  
como se o resto fosse dissolvido no ácido do tempo  
ou ainda deve estar por aí rasgado em pedaços  
misturado a estilhas dos dias que me foram sepultados  
no cemitério das ausências e dos esquecimentos

No dia da minha autópsia  
encontrarão no interior de mim  
todos meus carcomidos calendários

## OLHANDO PARA TRÁS

Olho para trás e vejo mortos e feridos de batalhas que a vida inventou, apenas porque estávamos vivos. No presente em que me vejo olhando para trás, eles não podem retornar às carnes abandonadas, mas sobrevivem nas partes mais íntimas da minha alma. Todos os que dobraram às esquinas opostas as que virei, sumiram da paisagem desta minha alongada estrada.

Olho para trás e vejo terrenos baldios em que jogávamos bola, esperando a infância terminar. À época não sabia que o findar seria tão rápido, pois tudo que antes me cercava parecia banhado de eternidade. A substância inocente de que são feitas as crianças é frágil, passageira e volátil.

Olho para trás e vejo que aqueles terrenos, em que deixei minhas pequenas pegadas enterradas, estão hoje ocupados por elevados prédios, repletos de apartamentos de 60 metros quadrados, onde se assistem novelas, telejornais e seriados. Em suas varandas, varais de roupas estão penduradas, como se fossem bandeirinhas de São João, a tremular no vento que restou do verão passado.

Olho para trás e vejo casas que não existem mais, e fantasmas despejados vagueiam atônitos pelas ruas da cidade, feito mendigos desempregados. Tanto as pedras, os tijolos e os telhados se vão, mas ficam os fantasmas esfomeados, que não assombram os novos quartos das crianças recém-chegadas.

Olho para trás e vejo a loja Sloper e minha mãe comprando estojos de maquiagem, para posar bonita às fotos em que seu rosto ficou guardado, que nem tatuagem gravada na pele envidraçada dos porta-retratos.

Olho para trás e vejo meu Joaquim perplexo olhando no espelho seu corpo crescendo, enquanto a Terra gira ao redor do Sol, comemorando aniversários.

Olho para trás e vejo o que ficou para trás...

## PARA SE LER OUVINDO RAVEL

Os patrões jogam seus lixos na lixeira  
o porteiro recolhe o monturo das casas  
os garis apanham os resíduos dos prédios  
que descarregam no subúrbio das cidades  
enquanto os catadores retiram dos lixões  
os materiais que irão ser reciclados  
para embalar os vasilhames que são vendidos  
nos balcões das mercearias e dos supermercados

## PORTA-RETRATO

Não escrevi meu nome em teu sonho  
por não saber a grafia das nuvens  
nem murmurei palavras de amor em teu ouvido  
pois sonhos não são feitos de sons  
mas de lembranças, imagens e afetos  
Por isso  
coloquei-me em retrato  
a desfatigar na mesa da cabeceira ao teu lado  
para quando acordares poder-te me ver  
olhando você dormindo e sonhando  
enquanto me transformo em versos  
para quando não estiver mais aqui  
tu seres capaz ainda de me recordar

## A MÁQUINA DE ESCREVER OLIVETTI

Vou aos escombros da memória  
resgatar a máquina de escrever Olivetti  
e bater com a força dos dedos  
tec tec tec tac tac tac  
igual como fazia meu pai

A distância entre o ontem e o hoje  
é dobrar a esquina do tempo  
ficar manchado de tinta  
e do outro lado do papel carbono  
imprimir lembranças e me decalcar

Será que minha filha se lembra  
de mim datilografando no quarto ao lado  
e ela na sala brincando e ouvindo  
versos com sons do século passado?

## QUER CASAR COMIGO?

Em teus olhos marítimos  
aguardam-me sereias  
Em tuas mãos aveludadas de pêssegos  
armadilhas de sonhos me esperam  
Em teus cabelos libertos ao vento  
incontáveis Medusas me espreitam  
Em teus lábios introvertidos  
funduras infindas me devoram  
Em teus braços alongados à frente  
diminutos fios de seda urdem me entrelaçar  
Deixo-me seduzir por inteiro  
neste domingo que se desliza  
por teu corpo banhado de suor doce  
enquanto o mundo lá fora se dissolve  
no quente sol de meio-dia  
e eu, aqui, refrescando-me  
no orvalho da tua sombra ao meu lado  
Acaso já não fosse em ti esposado  
pediria para fugirmos juntos  
e desaparecer como um final de tarde  
por detrás dos montes em que habita  
um imenso céu de horizontes prolongados  
Se amanhã não formos mais casados  
colocar-te-ei em teu dedo uma estrela furtada  
e te pedirei novamente em noivado  
Quer casar comigo  
até mesmo sendo comigo casada?

## A TACITURNA LINGUAGEM DOS SILÊNCIOS

O silêncio fala línguas  
que só o silêncio conhece

No dicionário dos silêncios  
não há vocábulos ou palavras  
substantivos e adjetivos  
pronomes pessoais, possessivos e oblíquos  
conjunções consecutivas ou proporcionais  
pois no universo das coisas caladas  
não há consoantes ou vogais  
nem mesmo existem regras gramaticais

No dicionário dos silêncios  
todos os verbos são mudos  
sujeitos são indeterminados ou ocultos  
e as concordâncias nominais  
são discordantes e dissonantes  
com tudo aquilo que soa verbal

Seu léxico é feito de vãos e vácuos  
por onde percorrem ventos  
no levantar das envelhecidas poeiras  
no bailar desengalhado das folhas  
no empurrar aventureiro dos veleiros  
na rebeldia assanhada dos cabelos  
no apagar das chamas das velas  
e no assoprar ardoroso das fogueiras

No exilar dos barulhos  
das toadas e dos sonidos  
o silêncio denuncia e festeja  
o que ao redor e em mim respira



O silêncio é Deus falando  
com o mutismo retraído dos quietos

## MEU QUERIDO DIÁRIO

07 de janeiro

Encontrei-me comigo no espelho  
Estava um dia mais velho  
Não me lembro que dia foi esse  
em que ultrapassei o rosto  
que havia deixado no retrato  
que tirei no final do ano passado

22 de fevereiro

Amanhã começa o carnaval  
e eu vou para o lado contrário  
levando na bagagem  
duas máscaras  
e meia dúzia de fantasias de palhaço

02 de março

Um poema começou a cair  
sobre o chão do dia  
como uma fina chuva de verão  
Apanhei um punhado de versos  
e com eles um repentino resfriado

15 de abril

Que penso eu  
neste instante  
em que não penso nada?  
Mas como posso estar  
pensando alguma coisa  
se agora estou pensando  
que estou pensando em nada?

29 de maio

Cheguei atrasado no ontem que já tinha ido embora  
Agora tenho um dia a menos na história  
como se um parágrafo fosse arrancado da minha biografia  
Será que foi o dia em que morri  
ou será que nele fui então feliz?  
Será que era ali que estava a princesa encantada  
das fábulas e dos contos infantis?

14 de junho

Irei para depois do amanhã  
do amanhã que tenho hoje  
realizar os desejos de ontem  
que vieram dos sonhos que tive no passado  
E quando este presente me for pretérito  
vou voltar para o futuro que não devia ter deixado  
e me lembrar para não chegar de novo atrasado

03 de julho

Hoje fiz um poema que vai me levar  
para o outro lado da muralha da China  
e ir aonde os ventos não chegam  
escalar as montanhas nevadas  
percorrendo a pé todo o Tibete  
até chegar à Terra do Nunca  
e de lá nunca mais voltar  
Com este poema vou atravessar  
o espelho que Alice não atravessou  
seguir os tijolos amarelos da estrada  
navegar por sobre Atlântidas naufragadas  
me banhar nas águas claras da Macedônia  
e viver as aventuras de Simbad  
que nas noites estreladas minha avó contava

25 de agosto

Tenho em mim saudades dos beijos não beijados  
a maciez aveludada dos seios não tocados

e as juras de amor na garganta entaladas  
Tenho em mim nostalgia do que não aconteceu  
tristeza das coisas não perdidas  
e o pesar dos lutos daquilo que nunca se deu

11 de setembro  
É perto da meia-noite  
e eu não lavei os pratos  
não tomei banho  
não vesti o pijama  
e o ar-condicionado  
continua desligado  
É perto da meia-noite  
ainda estou acordado  
a sirene de uma ambulância passa  
a vizinha da frente já apagou a luz do quarto  
um rojão estoura longe  
o Flamengo deve ter ganho o campeonato  
É perto da meia-noite  
e os sonhos me esperam no final da madrugada

09 de outubro  
Eu vejo o tempo.  
O tempo inteiro olho o tempo  
quando me dou tempo para enxergar o tempo  
O tempo não está no interior dos relógios  
nem nos fundos das agendas e dos calendários  
O tempo está no íntimo dos ventos  
e na superfície impermanente das coisas duráveis.  
Tudo que parece morredouro é transitório e mutável  
Não é porque há coisas mais longevas do que nós  
que elas sejam por isso intermináveis  
Acaso vivêssemos bilhões de anos  
poderíamos testemunhar o nascer e o expandir do Universo  
Acaso continuássemos vivendo um tanto mais de bilhões de anos  
poderíamos ser capazes até de ver o minguar do mesmo Universo

Talvez

Quem sabe?

Eu vejo o tempo

Ele está na ferrugem dos pregos

e na parede úmida e mofada da sala

14 de novembro

Hoje é o dia em que festejo mais uma órbita da Terra

Minhas ilusões estão mais amadurecidas

Meus sonhos envelheceram

Alguns desejos caducaram

As roupas amanheceram puídas

Minha memória tem visitado mais cemitérios

Não encontro meus sapatos cavalo de aço

E minha esposa continua brigando comigo

sentada há décadas ao meu lado

01 de dezembro

Estou a um mês do final do ano

Vou aproveitar o décimo-terceiro e cortar o cabelo

aparar as sobrancelhas e fazer a barba

comprar uma camisa vermelho-bordô

hidratar a face e passar corretivo nas olheiras

e me preparar para tirar o próximo retrato

## O BOM POETA

O bom poeta  
pensa com o hemisfério direito  
escreve com a mão esquerda  
e anda no outro lado da calçada  
no sentido da contramão

O bom poeta  
não faz poesia para ser conhecido  
elogiado incensado ou coisa parecida  
pois o bom poeta é aquele  
que pinta a vida com versos  
e mesmo que não seja lido  
o seu dever então foi cumprido

O bom poeta  
é quem enxerga além das nuvens  
e diz o que ainda não foi dito

O bom poeta  
não necessita publicar livros  
mas lembrar que o hoje  
no ontem já foi futuro

O bom poeta  
escurece o mundo  
para iluminar o invisível

## TE AMO

Te amo com a fúria dos vikings  
e com a ternura sábia dos atenienses

Te amo como nos versos de Neruda  
ou feito os filmes em preto e branco de antigamente

Te amo visto que me invento  
e ao me inventar te amo sinceramente

Te amo porque me ensinastes  
que te amar não se faz assim tão de repente

Te amo por não poder te amar diferente  
e mesmo que pudesse te amaria igualmente

Te amo uma vez que te amo  
e se não te amasse seria um insensato ou um demente

Te amo já que não sei fazer outra coisa  
e se soubesse te amaria consequentemente

Te amo porque estou vivo  
e enquanto vivo vou te amar infinitamente

## VOU VOLTAR PRA CASA

Vou voltar para casa  
achar a mesa farta  
o quarto arrumado  
a cama forrada  
o pijama engomado  
e o abajur quebrado  
que nunca prestava

Vou voltar para casa  
encontrar os gibis usados  
dos meus Tio Patinhas  
Batman, Homem Aranha  
Bolinha e Luluzinha  
e navegar pelo universo mágico  
por entre planetas, desnordeado  
como se fosse um Surfista Prateado

Vou voltar para casa  
ao meu ioiô de madeira  
ao carrinho de bombeiro com sirene ligada  
brincar de Forte Apache  
e com minha espada amarela de plástico  
espantar dragões, ogros e fantasmas

Vou voltar para casa  
que tem o tamanho maior que um castelo  
com jardim de papoulas vermelhas  
e portas e janelas esverdeadas  
pintadas como os olhos de minha mãe

Vou voltar para casa  
minha Shangri-lá



meu Horizonte Perdido  
pois lá é minha Pasárgada  
que diferente da tua, Manuel  
um dia ali me tornarei rei

Vou voltar para casa  
basta ir seguindo a música  
que vem do outro lado  
entranhada no fundo mais fundo  
do meu hemisfério esquerdo

Oh mamy, oh mamy, mamy blue,  
oh mamy blue  
Oh mamy, oh mamy, mamy blue,  
oh mamy blue  
Oh mamy, oh mamy, mamy blue,  
oh mamy blue  
Oh mamy, mamy\*

---

(\*) Mamy Blue, canção de Ricky Shayne, que fez muito sucesso no início dos anos 1970

## POEMA SEM FIM

Quantos anos tem esse poema  
que nem mesmo às mãos revelo?

Venho com ele desde antes do ventre materno  
quando toda poesia era fluida e molhada  
pelas águas amnióticas dos oceanos passados

Talvez o tenha herdado do meu pai  
e ele do ativismo dos seus antigos ancestrais  
que como um longínquo rascunho incompleto  
vem se escrevendo em caligrafias invisíveis  
sobre a superfície esponjosa de um papiro  
que nem o ácido sulfúrico do tempo corrói

Na transgeracionalidade dos seus versos  
acumulam-se íntimos segredos medievais  
encobertos pela fina poeira das lembranças  
armazenadas no interior epigenético dos DNAs

Se hoje reajo ao mundo com o espanto  
dos deslumbrados olhares infantis que trago  
é porque nasci com a predisposição ao fato  
de continuar aquilo a que fui pelo ontem destinado

E ao amanhã mais amanhã em que não existirei  
vislumbro meu neto brincando com brinquedos de plástico  
como se fizesse um longo poema dilatado  
que há muitos anos ainda não foi terminado

## O DESTINO DOS LIVROS

Que destino terão meus livros  
quando minhas mãos não mais os manusearem?

Quem decodificará minha alma formada  
no interior folhoso das brochuras  
e dos calhamaços empilhados nas estantes  
ou por cima das escrivaninhas  
tábulas, mesas e bancadas da casa

Livros são feitos de mudezes que falam  
no instante em que a quietude das letras caladas  
é exposta aos olhos bisbilhoteiros  
que esfomeados de espantos  
buscam no esfolhear desnudante  
os segredos embutidos na vida  
que habitam a imensidão cósmica  
dos deuses, de Delfos e do Universo

Para onde irão meus diversos Fernandos Pessoa  
e por quais mares nunca dantes navegados  
irão singrar Moby Dick, Camões e a Odisseia  
edição capa dura de 1974?

Quem herdará meus livros fechados  
por onde percorri milênios de histórias  
lutei em Cartago  
cavalguei com Quixote  
atravessei buracos seguindo coelhos  
segui o mapa e achei o tesouro  
passei férias no Sítio do Picapau Amarelo  
conheci o retrato de Dorian Grey  
descobri o Horizonte Perdido

e como Bandeira fui também amigo de rei

E esse tanto de letras?

E essa abundância de palavras?

E essa enxurrada de ideias?

E esses véus rasgados?

E esses sonhos acordados?

E essa vida vista do outro lado?

E as incontáveis noites em claro

que passava lendo durante a madrugada

como se vivesse em uma Babilônia encantada?

(Quem ficará com minha face

logo após abrirem o meu inventário?)

Um dia me tornarei cinzas

como pó que o tempo acrescenta

às legendas escritas nas lombadas

## PENSAMENTOS NOSSOS DE CADA DIA

A tarde atravessa a rua  
e ninguém a percebe  
distraídos que estamos  
nos pensamentos pequenos  
nossos de cada dia

Há quem espere a noite  
para sair do batente cansado  
tomar um chopp gelado  
em um bar qualquer  
da esquina próxima ao lado

Nas paradas de ônibus lotadas  
multidões de desejos frustrados  
não veem a hora de chegar em casa  
molhar pão dormido em sopa quente  
e se deitar entre lençóis da cama  
que é o lugar onde ficam os sonhos

No outro dia em que se repete o dia  
se trabalha se come e se corre  
enquanto a tarde atravessa a rua  
levando com ela moléculas da vida  
que descuidadamente deixamos  
nas quinas nas esquinas e nos cantos  
preocupados como sempre estamos  
com os pensamentos pequenos  
o meu o teu e os nossos de cada dia

## O SAL DAS ÁGUAS

Vou me banhar de sal  
nas águas que o mar nos dá  
Vou me aliviar dos pecados  
hidratar a pele cansada  
esquecer a âncora da idade  
e cicatrizar o que o passado não fez  
boiando sobre cloretos de sódio  
feito uma nuvem flutuando no ar  
Ocultei meus tesouros da infância  
enterrando-os sob areias regadas de mar  
só não encontro mais a praia onde os deixei  
embora o endereço continue sendo lá  
O que seria de mim se não fosse o mar?  
Passar as tardes olhando o céu mergulhando  
no oceânico fundo do meu horizonte  
imaginando uma criança africana  
sonhando comigo para juntos brincar  
Da janela donde vejo o tempo passar  
ele constantemente vem e se vai  
se encaracolando em minha alma  
assim como fazem as ondas do mar  
Vou me banhar de sal  
nas lágrimas que o mar me dá

## AOS PÉS DA MESA POSTA

Aos pés da mesa posta  
a infância se esvai líquida  
por entre as frestas dos assoalhos de taco

Soubessem os adultos sentados  
que o escorrer das horas se derretia  
por entre brechas de pedaços de ipês  
jatobás, amêndolas, carvalhos e perobas  
os almoços de domingo seriam mais demorados  
e o papear descompromissado se prolongaria  
até ao começar das noites que se sucedem  
ao final das tardes que não voltam mais

E quando tudo se for embora  
no evaporar do sólido à memória  
ainda hei de lá estar  
brincando por debaixo dos móveis  
que fizeram o teto sob o qual  
se agasalham pequenos segredos  
da parte mais importante da minha história

Sobre o céu das meninices rasteiras  
adultos se banqueteiam distraídos  
enquanto as infâncias embaixo se dissolvem

## CANTILENAS DE UM VELHO POETA

Sou poeta das horas inteiras  
dos momentos adversos  
da mudez das paredes alvas  
do segredar confidente dos ventos  
dos intervalos alongados dos minutos  
e do pasmar inesperado dos acasos

Sou poeta dos interiores ocultos da alma  
dos escaninhos das memórias não lembradas  
onde se escondem o seio da minha mãe  
o ciúme de quando descobri que ela era casada  
meu primeiro dente de leite arrancado  
e a vela que não apaguei  
em meu mais primitivo aniversário

Sou poeta das noites claras  
dos travesseiros acordados  
em que sonhos ficam enfronhados  
das companheiras sombras matinais  
das madrugadas embriagadas  
e das loucuras mais desvairadas

Sou poeta dos beatos não santificados  
dos pecados secundários  
do inconfessável dos confessionários  
das conversas fiadas e dos tiques bizarros  
dos deuses mortos que ficaram para trás  
em Atlântidas submersas e afogadas  
ou em bibliotecas incendiadas  
embaixo do horizonte avermelhado da Babilônia  
que há milênios já não existe mais



Sou poeta dos antepassados  
dos paralelepípedos manchados de histórias  
das viúvas e dos órfãos deixados  
dos desejos espirrados nos lençóis  
do transpirar dos segundos fatigados  
do calmo envelhecer dos retratos  
dos sopros que vêm do passado  
e do azulado bailar dos fogos fátuos

Sou poeta dos arco-íris das jujubas  
do escorregar dos dias nos parques  
dos rastros no céu onde as nuvens passam  
do inquieto andar das formigas nas calçadas  
do enrugado olhar das janelas  
das folhas secas em cima dos telhados  
da solidão dos prédios abandonados  
e do desmaiar das tardes alaranjadas

Sou poeta  
porque sou brotado do ventre dos livros  
e com o destino nas estrelas traçado  
para ver a vida como se estivesse no telhado  
lá por cima aqui por baixo e por todos os lados  
e se não tivesse nascido poeta  
então com certeza seria alado

## A MAIS ESCURA DAS NOITES

Certo dia  
sem aviso prévio  
ou que a ciência soubesse o motivo  
a noite amanheceu sem estrelas  
e até a lua havia sumido  
O escuro desabou sobre a cidade  
como um cobertor negro desalumiado  
e até os cães e os galos ficaram assustados  
No céu não havia mais nada  
exceto o silêncio que estava calado  
em uma mudez tão triste e isolada  
como se deus tivesse nos deixado  
E todos pensávamos  
o que seria agora dos poetas e das serenatas  
se o firmamento não mais os inspirava?  
Alguns apavorados gritavam  
com medo do fim dos tempos que se aproximava  
Uns oravam, outros de penitenciavam  
muitos prometiam jamais de novo pecar  
E todos ficamos despertados  
na noite anoitecida em que nada brilhava  
Mas aí o sol nasceu  
e a Humanidade cansada da noite em claro  
pode então adormecer  
voltando a sonhar com a lua iluminando  
o céu das noites estreladas  
como se fosse um cintilante olhar de Deus

## O CÉU ESTRELADO DE ALFA CENTAURO

Ah! se eu tivesse seguido em frente  
e nenhum vento me levasse pra outro lado  
ou se houvesse me antecipado  
e não caísse distraído naquele buraco

Ah! se os dias mais noturnos do meu passado  
acontecessem de amanhecer iluminados  
e nada do que ocorreu se sucedesse  
e tudo não passasse de um sonho provocado  
por algum alimento que comi estragado

Ah! se eu pulasse alguns dias  
rasgasse o mês de agosto do calendário  
os finais de semana seriam nas terças e quartas  
e não saberia mais quando é meu próximo aniversário

Ah, se a Terra não girasse  
apenas vagasse em linha reta pelo espaço  
como se fosse um cometa desvairado  
talvez neste instante estivesse  
contemplando o céu estrelado de Alfa Centauro

## NO INTERIOR DO MEU COMPUTADOR

Quando esta hora se for  
e a tarde em que ela cabia  
já não mais existir  
quero estar sentado  
escrevendo coisas em meu computador

Quando esta hora se for  
e com ela o dia em que aqui estou  
quero estar no dia posterior  
relendo os versos que ontem digitei  
na memória eletrônica do meu computador

Quando esta hora se for  
e nem mais a semana em que nela vivi  
houver de em outra semana se repetir  
quero estar nos calendários seguintes  
a me confessar ao meu computador

Quando esta hora se for  
e os meses e os aniversários terminarem  
quero ir para o cemitério dos relógios  
visitar o tempo que me deixou  
e continuar a infinitude que se encontra  
na alma que habita o íntimo do meu computador

## POR POUCO, QUASE POUCO

Por nunca ter lutado em uma guerra  
estou aqui

Por não ter sido abortado  
estou aqui

Por meus avós não terem viajado no Titanic  
estou aqui

Por ter sobrevivido à adolescência  
estou aqui

Por nunca haver voado em um Zepelim  
Estou aqui

Por não ter entrado naquele carro  
estou aqui

Por não ser astronauta nem andar em submarino  
estou aqui

Por não morar em Chernobyl  
estou aqui

Por não ter surfado na Indonésia em 2004  
estou aqui

Por ter escapado de bala perdida  
estou aqui

Por morar do outro lado  
Estou aqui

Por ter me casado com quem casei  
estou aqui

Por o bug do milênio não ter se concretizado  
estou aqui

Por o anticristo não haver ainda chegado  
estou aqui

Por ser fraco dos ouvidos e as sereias não ter escutado  
estou aqui

Por ter sido uma criança bem-comportada  
um jovem revoltado e um adulto inconformado  
estou aqui

Por não seguir a manada na estrada errada  
estou aqui

Quando morrer  
minha morte será tão velha quanto eu

## UMA CARTA MATURADA DE TEMPO

Estou a te escrever esta carta  
como se estivesse em meados do século passado

Uso papel em branco timbrado  
desenhado com letras azuis pintadas  
com a caneta tinteiro que um dia foi do meu pai

Desculpe-me a caligrafia ligeira e truncada  
pois a redijo com o afobado agitado da alma

Quero mais uma vez te dizer que te amo  
um amor assim tão veterano calmo e sereno  
sazonado pelas formalinas de que é feita o tempo

De todas as cartas que jamais escrevi  
esta é a bem inusual e a mais diferente  
já que nela inscrevo os afetos que hoje tenho  
com a juventude que dela não me segrego ou desprendo

Vou selá-la com o lambear embriagado da língua  
feito estivesse a te beijar a boca por dentro  
como assim foi que fizemos quando te pedi em casamento

Cartas de amor não seriam cartas de amor  
se não houvessem nelas o respingar pigmentado  
amadurado e prolongado do momento

## ESTOU VOLTANDO PARA TRÁS

Cheguei atrasado ao meu enterro  
e por isso não me encontrei comigo lá

Talvez tenha ficado parado no trânsito  
ou tenho pegado uma semana errado  
e fui para o lado contrário do calendário

Será que a partir de então  
em vez de caminhar para frente  
venho caminhando de volta para trás?

Não sei mais nem onde estou  
porém sei que não moro nos relógios  
e que todos os dias são dias de aniversários

Vivo próximo do meu passado  
quando o futuro me era distante  
e acordava na esperança que fosse feriado

Noberto Bobbio já dizia  
que o tempo da velhice é o tempo da memória  
e que talvez por isso chegue sempre atrasado  
e nem no meu enterro me encontro lá



## NO CÉU DA MINHA MÃE

Quando eu morrer  
vou pro céu da minha mãe  
onde os anjos brincam  
como se fossem crianças  
voando em asas imaginadas

No céu da minha mãe  
as noites são sempre claras  
iluminadas de azuis azulados  
que têm o tamanho alongado  
e interminável da eternidade

No céu da minha mãe  
não existem paredes nem portas  
tudo é tão aberto e destampado  
que não há segredos ou mistérios  
sequer luxúria ou qualquer mínimo pecado

No céu da minha mãe  
todos os dias parecem ser dias de maio  
e de vez em quando você se esbarra  
com Santo Antônio segurando o Menino Jesus  
que lhe consola no colo dos seus braços

No céu da minha mãe  
não há feriado de finados  
velórios, cemitérios ou funerárias  
e na mesa de jantar da casa  
todos estão vivos  
assim como estavam no Natal  
em que eu era criança  
e Papai Noel só nos visitava

enquanto estávamos dormindo  
durante o meio da madrugada

Quando eu morrer  
vou pro céu da minha mãe  
onde não existe relógios  
e o tempo lá nunca passa ou acaba

## AS PAPOULAS VERMELHAS DO JARDIM DA CASA

Quero de volta  
as papoulas vermelhas do jardim da minha casa

Quero de volta  
os supositórios que minha mãe aplicava  
a canja de galinha com ovos cozidos picados  
o cheiro de Vick Vaporub nas madrugadas  
e o sabor meloso do xarope de Melagrião que tomava

Quero de volta  
as brincadeiras criadas  
com pneus velhos e latinhas usadas  
os joelhos ralados das peladas  
que curava na ardência dos Merthiolates  
e os jogos de tabuleiro que não encontro mais

Quero de volta  
o tic tac dos relógios de corda  
o nascer do sol que nunca contemplava  
o cheiro das pipocas douradas  
amanteigadas e salgadas  
que os pipoqueiros vendiam  
frente aos cinemas na porta da entrada

Quero de volta  
o bicho-papão  
a comadre fulorzinha  
o saci-pererê e a mula sem cabeça  
que tanto me assustavam  
e o boi da cara preta que minha babá  
pra me fazer dormir sempre cantava

Quero de volta

aqueles tempos em que o tempo não passava

a meninice que nunca ali terminava

em meio as papoulas vermelhas

do jardim da minha casa

que hoje habita e respira

embaixo do asfalto da rua alargada

em que minha infância ficou enterrada

## QUANDO TUDO ACABAR

Quando tudo acabar  
e nada mais restar senão  
a imensidão escura em que vou mergulhar  
lavar-me-ei das lembranças que trago  
como nódoas tingidas de memória

No desaparecer do corpo que me carrega  
pelo devorar das bactérias e dos calendários  
ou no pulverizar incinerado dos ossos  
que algum vento norte haverá de dissipar  
irei me perder no desassomar repentino de mim  
e nenhum sol haverá mais de me fazer acordar

Que destino terão meus sonhos  
depois que deixarei de neles sonhar?  
Quem ficará com meus falecidos e mortos  
com os quais compartilhei as madrugadas em claro  
no silêncio antecipado que vinha do mundo lá fora  
apenas cortado pelo grito passante das sirenes  
e dos roncoss hidráulicos dos caminhões de lixo?

Quando tudo então acabar  
deixarei o incerto e o provisório  
irei para o outro lado em que não existe lado  
e vou sumir nas brumas definitivas do esquecimento

## SE TIVESTES NASCIDO... EU SERIA...

Se tivestes nascido flor  
eu seria uma abelha  
a roubar o mel do teu sabor

Se tivestes nascido praia  
eu seria o mar  
a molhar salgado as areias das beiradas

Se tivestes nascido do outro lado  
eu seria uma ponte  
a interligar o assoalho dos nossos lábios

Se tivestes nascido sonho  
eu seria teu sono  
a envolver o interior de tuas intimidades

Se tivestes nascido ontem  
eu seria o hoje  
a te guardar no aconchegar da minha memória

Se tivestes nascido ao contrário  
eu seria o espelho  
para ser o inverso oposto da tua imagem

Se tivestes nascido cidade  
eu seria a periferia  
a delimitar o centro e o conjunto dos bairros

Se tivestes nascido calendário  
eu seria o agrupar dos dias e das datas  
apenas para viver contigo todos os aniversários

Se não tivestes nascido  
eu seria uma coisa sem fim  
e juntos seríamos inteiros uma eternidade

## UM HOMEM ALAGADO

Tomo café sem açúcar  
de doce já me basta o sangue  
em seus resultados de exame  
Tomo café para acordar do sono  
antes que o sono de vez me leve  
para o lugar em que dormem os dormidos  
que não conseguem mais despertar  
Posso me levantar da cama  
mas difícil é deixar os sonhos  
se evaporando nos travesseiros suados  
onde gotejei meus desejos oníricos  
na mais recente noite abandonada  
Tomo café sem açúcar e sem pão  
para ficar de dia sempre acordado  
na espera das chuvas e dos chuviscos  
a fim de ficar agora todo encharcado  
no banhar meigo dos meus sonhos molhados  
Meus sonhos são fluentes e fluídos  
e por dentro sou úmido e aquático  
Devia era ter nascido peixe



## QUANDO MINHA ALMA JÁ NÃO ESTIVER MAIS LÁ

Quem enxergará teu rosto matinal  
ao tempo em que meus olhos cegarem  
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem enxugará tuas lágrimas  
das noites tristes em claro  
junto na cama ao teu lado  
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem percorrerá pelas paisagens da tua pele  
nas rotas e desvios por minhas mãos mapeadas  
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem te roubará as tardes de maio  
em que enfeitas teus cabelos dourados  
salpicados e listados de sol  
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem acompanhará os minutos a te abraçar  
conservando a menina que só conheci em retratos  
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem sussurrará às cavidades dos teus ouvidos  
aquelas tantas palavras criadas pra expressar  
o que em nenhum verso ou poesia consegui colocar  
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem te sorverá o aroma das flores exaladas  
que perfuma meus sonhos despertos  
quando minha alma já não estiver mais lá?

Quem te conhecerá as lembranças

rastros das minhas tantas cumplicidades  
que rodearam o amanhecer das tuas tardes  
quando minha alma já não estiver mais lá?

O que será de ti em mim  
quando minha alma comigo já não estiver  
mais nem aqui, nem ali ou muito menos lá?

## NA PERIFERIA DO UNIVERSO

No subúrbio do Universo onde moro  
sou litorâneo e por isso aprendi amar  
os arrecifes, as sereias e o mar  
Cresci entre siris, tatuís e peixinhos  
brincando com Netunos e Iemanjás  
pegando jacarés com as ondas  
até meu peito na areia roçar  
Fui feito de sol, sargaço e sal  
e meus pés viviam manchados de piches  
que depois dava um trabalho danado limpar  
para no outro dia voltar mais uma vez a sujar  
Desde cedo comecei boiar e nadar  
e isso foi ao menino muito bom  
pois ensinou ao adulto a flutuar e rebolar  
Meus cabelos viviam assanhados pelo vento  
que vinha da África que ficava no outro lado  
do horizonte em que eu olhava as jangadas  
deslizando rumo ao fundo lá do alto-mar  
De tatus, cabras e roças eu não sei nada  
e de tudo que plantei na vida  
foi só aquele caroço de feijão no algodão  
que deixei em cima da varanda crescer como eu  
bronzado de muito sol e molhado de tanto sal  
Se eu tivesse nascido português feito meu avô  
ia pegar uma caravela e atravessar o Atlântico  
e aqui em Pernambuco logo aportar  
onde meu pai que era intelectual mulato  
me ensinou a ler Gilberto Freyre, Joaquim Nabuco  
Solidônio Leite, João Cabral de Melo Neto  
Ascenso Ferreira, Josué de Castro, Manuel Bandeira  
e Carlos Pena Filho de quem foi amigo  
e, como ele, poeta, escritor, jornalista e companheiro

No subúrbio do universo onde moro  
sou praieiro e por isso aprendi amar  
andar descalço e sem meia  
comer patola de caranguejo  
cerveja gelada e ser festeiro  
no luau das noites de lua cheia

"Eu sou mameluco,  
sou de Casa Forte  
sou de Pernambuco,  
eu sou o Leão do Norte"  
(Lenine)

## TEU PRÍNCIPE ENCANTADO

Não me queira  
sentado em um banco de praça  
dando comida aos pombos  
em um final repetido de tarde

Não me queira  
frequentando ateliês de alfaiates  
pois não nasci para ser medido  
e nenhum terno ou blêizer me cabe

Não me queira  
olhando meu futuro destino  
em coloridas cartas de tarô  
ou jogando pequenas conchas de praia

Não me queira  
remexendo velhas caixas de sapato  
em busca de antigos e caducos retratos  
em que o ontem ficou neles aprisionado

Não me queira  
abstêmio sóbrio e moderado  
pois venho do último século terminado  
e ainda bebo cervejas e fumo cigarros

Não me queira  
cochilando deitado em redes  
porque não nasci pra ser marinheiro  
e enjojo até com o balanço do mar

Não me queira  
com medo de ser mal falado

de cara feia ou de ser praguejado  
visto que tenho o corpo fechado

Não me queira  
ter o guarda-roupa bem arrumado  
logo eu que os livros que leio  
deixo por toda a casa espalhados

Não me queira  
que seja teu príncipe encantado  
afinal nem sei andar à cavalo  
e calçar botas sempre me deram calos

## AS PAPOULAS VERMELHAS DO JARDIM DA CASA

Quero de volta  
as papoulas vermelhas do jardim da minha casa

Quero de volta  
os supositórios que minha mãe aplicava  
a canja de galinha com ovos cozidos picados  
o cheiro de Vick Vaporub nas madrugadas  
e o sabor meloso do xarope de Melagrião que tomava

Quero de volta  
as brincadeiras criadas  
com pneus velhos e latinhas usadas  
os joelhos ralados das peladas  
que curava na ardência dos Merthiolates  
e os jogos de tabuleiro que não encontro mais

Quero de volta  
o tic tac dos relógios de corda  
o nascer do sol que nunca contemplava  
o cheiro das pipocas douradas  
amanteigadas e salgadas  
que os pipoqueiros vendiam  
frente aos cinemas na porta da entrada

Quero de volta  
o bicho-papão  
a comadre fulorzinha  
o saci-pererê e a mula sem cabeça  
que tanto me assustavam  
e o boi da cara preta que minha babá  
pra me fazer dormir sempre cantava

Quero de volta

aqueles tempos em que o tempo não passava

a meninice que nunca ali terminava

em meio as papoulas vermelhas

do jardim da minha casa

que hoje habita e respira

embaixo do asfalto da rua alargada

em que minha infância ficou enterrada



## A IMORTALIDADE REPENTINA DOS MINUTOS

Cadê o minuto que aqui estava  
que a pouco me absorvia  
e eu inteiro nele existia?

Para onde vão os minutos  
essas minguadas partículas das horas  
quando se soltam dos relógios  
deixando-me sozinho com suas ausências  
no exato instante em que aqui respiro?

O que leva dos meus pretéritos presentes  
os fugidios minutos de mim furtados  
pelas garras incorpóreas do tempo?

Para onde se foram o cheiro do café coado  
o toar estridulante dos grilos  
e o resfriado sereno das madrugadas?

Nos minutos vindouros ainda lembrarei  
da mudez distante das estrelas  
do assoviar da vizinha ao lado  
e do ocaso do Sol de soslaio flagrando?

Dos milhões dos minutos passados  
quantos até lá me restarão no interior das retinas  
no caducar exaustado das miopias?

Na fogueira incandescente do presente  
os minutos que me antes eram brasas  
tornam-se farelos espalhados de cinzas  
no amontoar sobranete das memórias

Queria

nem que fosse por um átomo  
segurar este meu agora minuto  
para sempre nele poder me fincar

## A ETERNIDADE

Na eternidade todos os dias são domingos  
e as manhãs são escuras como se fossem  
uma imensa noite inesgotável e prolongada

Na eternidade todos os gatos são pardos  
os arco-íris são descoloridos e daltônicos  
e os ruídos têm a mudez silente dos inaudíveis

Na eternidade o tempo é o tempo que não passa  
os relógios são órfãos de ponteiros e números  
e calendários são impressos em branco e sem datas

Na eternidade não há cinemas, praças ou praias  
se existisse shoppings estariam sempre fechados  
e não há restaurantes para se comemorar aniversários

Na eternidade tudo se encontra inerte e parado  
nada anda nem pra frente pra trás ou de lado  
nem sei para que serve aquele semáforo quebrado

Na eternidade ninguém se olha nos espelhos  
os cemitérios estão habitualmente lotados  
e não é lugar para quem medo de fantasmas

Na eternidade a porta de saída é a mesma da entrada  
não há paredes nos corredores enormes e dilatados  
e ao final quando se chega se encontra o nada

A eternidade deve ser uma coisa maçante  
monótona aborrecida e muito muito chata

## UMA PONTE QUE O RIO AINDA NÃO LEVOU

No ontem em que já não estou  
me ideava com um amanhã em que não sou

Algo se perdeu entre o antes e o depois  
Em que hoje ficou minha outra face  
que é aquela que a nenhum espelho revelo  
e nem mesmos os velhos retratos sabem dela?

Quem fui se mistura nos nevoeiros da memória  
com sonhos que a parede da vida não acordou

Sou uma ponte feita de dias findos e jamais  
a me interligar as margens de um rio  
em cujas águas alguma coisa de mim se afogou

Ao oceano que no fim me espera  
sou aquele qual sou  
e aquele outro quem não sou

## COM ASAS DE BORBOLETA

Quando o corpo me for embora  
e minhas mãos não tocarem  
o mundo de que é feito as coisas

Quando o céu deixar de ser azul  
e não poderes caminhar por sobre  
o aveludado das nuvens dos meus sonhos

Quando não mais soar a hora do Ângelus  
nem em meus tímpanos moucos escutar  
o despertar dos relógios no terminar das noites

Quando já não sentir fome de pão  
ou a necessidade de a água ressecar-me a boca  
deste rosto que nenhum espelho novamente olhará

Quando meus caducados pulmões trocarem  
a clorofila do ar exalado das plantas e das árvores  
pela pureza translúcida do éter dos deuses

Quando me retirar do perigo de viver  
e a morte não assombrar as horas futuras  
ou o dobrar incerto e arriscado das esquinas

Quando tudo for apenas ausência  
e nada mais importar que a saudade esquecida  
em minha esvaziada memória de lembranças

É porque chegou o instante derradeiro  
em que me apartarei do solo da terra  
e com o borboletear adejante das minhas asas  
irei refrescar o calor ensolarado dos dias

no perfumar delicado das novas primaveras

## ERA UMA VEZ UMA CASA AZULADA

Na sincronia confusa e diacrônica das lembranças  
a casa do ontem era azulada como é o céu da infância

Se o azul já não fosse um som ou uma palavra  
haveria de ser por mim uma cor inventada

De que adianta uma casa colorida de azul  
se no interior fundo e incolor da memória  
o azul fosse coisa nenhuma ou não me dissesse nada?

Todos necessitamos significar com palavras  
os intervalos em branco e eventuais das nossas histórias  
pois são nelas que as pessoas que somos  
ficam em cada um de nós em si arquivadas

Por isso não é preciso saber  
qual parte do arco-íris tingia aquela morada  
porque lá onde nela ficou meu distante presente menino  
fosse branca verde amarela ou até mesmo laranjada  
será para sempre em meu íntimo uma linda casa azulada

## QUE É QUE É ISSO?

Que é que é isso  
que me ensopa a camisa  
que me inquieta os dedos  
que me arre pia a pele  
que me dilata as pupilas  
que me resseca a boca  
e que me fustiga por dentro?

Que é que é isso  
que me dá medo do escuro  
que me eleva a temperatura  
que me ruboriza as bochechas  
que me palpita o peito  
que me falta quando falta oxigênio  
e que me cambalhota por dentro?

Que é que é isso  
que me movimenta pra fora  
que me alegra a boca  
que me alimenta de dopamina  
que me exausta a serotonina  
que me dá dor de barriga  
e que aos poucos me mata por dentro?

Que é que é isso  
que me fatiga os músculos  
que me aguça os ouvidos  
que me enfraquece os ossos  
que me fortalece a alma  
que me cerra os punhos  
e que me uiva alto por dentro?



Que é que é isso  
que desde cedo carrego  
que às vezes me parece doença  
que sempre me levanta da cama  
que desjejua almoça janta comigo  
que encubro com meias sapatos e vestimentas  
e que comumente acostumamos apelidar de vida?

Que é que é isso  
que ainda trago por dentro?

## O QUE É QUE VOU FAZER

O que é que vou fazer  
com esse dia espatifado  
com essas horas quebradas  
com esses minutos lacerados  
e com esse amontoado de segundos  
que ficaram trinchados no chão das datas  
de um calendário que a vida de mim usurpou?

O que é que vou fazer  
com aquelas noites em claro  
com o silêncio do cômodo fechado  
com a insônia dos sonhos não sonhados  
e com todos os fantasmas fora dos armários  
que flanados perambulam ao redor de mim deitado  
sobre uma cama desferrada em que a vida me colocou?

O que é que vou fazer  
com esses manuscritos acumulados  
com esse tanto de versos abandonados  
com a orfandade dos poemas não publicados  
e com a dor que trago nos espaços vagos das costelas  
que suspira vozes em forma de retratos feito de palavras  
enquanto estou sozinho e a esposa assistindo televisão no quarto?

## QUASE NADA

É pouco  
muito pouco  
tanto pouco  
que chega a ser quase nada

Mas como Pessoa  
não sou nem posso querer ser nada  
apesar de não ter os sonhos todos do mundo  
trago em mim meus sonhos não consumados

É pouco  
muito pouco  
tanto pouco  
que chega a ser quase nada

Mas antes que chegue a hora combinada  
em que minha alma imortal retornará  
ao pó da areia em que não fui retirado  
vou arrancar do quase o que puder usurpar  
para plantar no sítio que me cabe na vida  
o pomar cujas frutas que até lá irei sugar

É pouco  
muito pouco  
tanto pouco  
que um por um triz  
ainda não se tornou nada

## NO ANONIMATO CÉU DAS RECORDAÇÕES EXILADAS

Acordei

e a noite não estava mais lá

Para onde vão as noites

e os sonhos que nelas gestei

se o pouco que deles trago

são lavados pelos banhos matinais?

No deserto dos sonhos evaporados

quase me lembro do rosto da minha mãe

ou do corredor desocupado de fantasmas

de uma casa há muito tempo derrubada

na qual ficou meu velocípede enferrujado

Estranho são os sonhos não evocados

pois ali morei em horas que os relógios não contam

vivendo aventuras jamais conhecidas ou imaginadas

salvando um sem-número de donzelas encasteladas

e voando rápido sobre os tetos que abrigam cidades

como se estivesse incessantemente atrasado

Se fui herói

ousado destemido e arrojado

se fui de mim mesmo vilão

ou guerreiro temível e inconquistável

ou se fui amante irresistível e insaciável

tudo isso virou um aquilo irrecuperável

dentro do interior oco da memória evocável

esse cemitério das ilusões findas

onde ficam sepultadas as noites passadas

no anonimato céu das recordações exiladas

## DANS LE MIROIR

Quando chegar  
a mais certa das horas incertas  
vou ficar no lado de dentro do espelho  
apenas para poder me ver indo embora

## SAÍDAS E VINDAS

Parto  
na certa incerteza  
se ainda irei voltar

As ruas têm seus perigos  
assim como a vida seus contratempos  
e no indefinido dos minutos vindouros  
atravesso semáforos amarelos  
seguindo o amanhã em que sei  
que não mais estarei a sair ou retornar

E no ir e no vir vacilante dos dias  
vou construindo pegadas e versos  
no chão das areias que o vento levou  
no varrer indiferente das calçadas

Se partir me é sempre destino  
voltar me é contínuo desejo  
e quando repetidamente saio  
parto na certa incerteza  
se ainda irei outra vez voltar

## CRÔNICA PARA UM RETRATO INACABADO

Anoiteço como quem amanhece ao contrário. Em meu inverso, habito tão próximo e perto de mim que me mal me reconheço por debaixo dos entulhos de lembranças acumuladas umas sobre as outras ao longo dos meus dias, apenas para enganar de afastamentos e distâncias. Contudo, nada é longe dentro de mim. Entre o agora e o antes são poucos meus milímetros, a tal ponto que chego até a acreditar que, acaso pudesse estender os braços, alcançar-me-ia logo que me mexesse. Por isso necessito olhar para a frente, pois atrás carrego antigos olhares que me olham, às vezes com tristonhos desencantos, em outras com raivosos desapontamentos.

Aqui estou no sumir da tarde preenchendo o vazio no observar do quarto. Tudo parece intocável e impregnado de mesmice. Os livros continuam nas estantes, o abajur na mesinha da cabeceira junto à cama colada ao canto da parede, sobre ela o crucifixo esculpido em metal escuro, a escrivaninha em que sentado estou, as coisas e este porta-retrato. Não estivesse eu aqui, tudo estaria como antes estava no aguardo dos meus retornos. O quarto não me pertence, embora sejam meus seus conteúdos. Sou quem dele faço parte quando repouso em meus estilhaços de despedaçados de sonhos e história. Há algo de insuportável nas constâncias, principalmente quando elas revelam impermanências.

Há um retrato no porta-retrato. Um homem e uma mulher, meus pais, que e seguram e ladeiam a pequena criança que já fui. Entre eles me aparento infantilmente feliz, olhando sorridente o longe e o adiante que me esperam depois da lente daquela remota câmara fotográfica. O retrato de nós três me acompanha desde quando ainda éramos três. É como se no retrato eu me presenciasse, a partir de então, todas minhas transitórias mudanças. Olho-me com os olhos de agora, e me vejo, assim como o quadro ao fundo da parede atrás do sofá a compor a foto, feito mais um objeto presente ao mundo dos meus pais. Estranho este meu destino que faz com que veja o mundo em que antes era objeto, objeto do meu mundo de hoje.

Há um relógio no canto da parede que é também o canto esquerdo da foto. Ele marca um tempo preciso e único em sua singularidade extinta. Um tempo morto e rígido como tudo que ali compõe o retrato. Nove e quinze. Nunca mais o mesmo nove e quinze. Os números nada seriam sem a linearidade horizontal dos ponteiros a registrar o vínculo e a distância entre eles. Hoje sei quanto tantos são os nove e quinze que nos separam.

Cresci e enterrei meus pais. Não há mais o sofá nem o quadro. Porém, aquele horário sempre permanecerá como que marcando o início dos meus adeuses. Despedi-me, assim, do futuro, enterrando meu passado nos exatos nove e quinze daquele retrato.

Anoiteço como quem amanhece ao contrário. Quando minha noite encontrar o dia, e minha meninice não me tiver mais qualquer serventia, serei eu a me suceder neste velho porta-retrato. E aí, então, de que adianta me perguntar para onde irão meus pedidos, após me perder de todos? Afinal, há perguntas que não foram feitas para encontrar respostas. Melhor se distrair com o que

habita fora. Para isso servem as televisões instaladas nos quartos.

Com a urgência dos apressados, procuro de imediato o controle remoto...



## PARA CASA AGORA EU VOU

Eu vou, eu vou  
para casa agora eu vou  
me esquentar com sopa quente  
comer charque com mungunzá  
e depois deitar de barriga cheia  
que é para melhor poder sonhar

E quando para casa  
agora não mais retornar  
é que fui pro interior do esquecimento  
onde num vou nunca mais acordar

Eu vou, eu vou  
para casa agora eu vou  
pararatimbu, pararatimbu  
eu vou, eu vou  
eu vou!!!

## NO LADO ESQUERDO DO PEITO

Dizem que a memória está no cérebro  
e que vai do sistema líbico até o córtex

Enganam-se os neurologistas, os radiologistas,  
os biólogos, os neurocientistas e os psicólogos  
minha memória mora no lado esquerdo do peito

No lado esquerdo do meu peito pulsam lembranças  
e não há lembrança que não seja feita de afetos

Em meu cérebro habitam ideias e pensamentos  
as regras gramaticais do Português e seu léxico  
a lógica, os números e as operações matemáticas  
o saber das horas, das datas e como usar astrolábio  
em meu cérebro até guardo o que aprendi  
nas aulas de catecismo que frequentei na escola

Não há saudades no interior das cavidades cranianas  
então de amor é que o cérebro não sabe nada  
tão somente aquilo que nele introjetaram  
as novelas, os filmes de Hollywood  
e os romances doces e idealizados

Em meu cérebro Rose é uma imagem com nome  
mas no lado esquerdo do Peito é que ela se transforma  
em sensação, emoção, afeição e sentimento

## ESTOU ATRASADO

Estou atrasado...  
estou atrasado...  
Estou atrasado  
para chegar na eternidade

E agora o que é que eu faço  
se perder o bonde da eternidade?  
Será que vou ficar sempre aqui  
depois que todos forem embora?  
E o que irei fazer então sozinho  
nesta ininterrupta imortalidade?

Estou atrasado...  
estou atrasado...  
É melhor acelerar o passo  
para não perder a hora  
de logo chegar na eternidade

## A RODA DO TEMPO

Os vidros das janelas estão manchados de ontem  
a empoeirar os móveis e os objetos da sala  
como uma fina névoa acumulada de passados

Tudo ao redor parece roído pelo consumo dos minutos  
no extinguir vaporoso da tarde  
que ruma conformada ao final do dia  
que amanhã borrará ainda mais  
as vidraças já tão sujas e maculadas

Se o Sol soubesse das horas  
amanheceria atrasado e demorado  
apenas para se pôr depois da noite  
e um pouco antes da próxima madrugada

Mas o Universo é analfabeto do tempo  
e o tempo que não usa relógios  
é como um ácido invisível  
que derrete metais e plásticos  
dissolve cálcios, madeiras e tecidos  
deixando somente para trás  
o amarelecido carcomido dos restantes vitrais

E assim tudo aos poucos vem e se vai  
o Sol, as manhãs e as tardes  
e o que sempre fica nos seus lugares  
são essas noites escura de estrelas caducas  
a escutar o choro infantil das maternidades

---

Originariamente publicado no livro MEMÓRIAS DO ESQUECIMENTO, Joaquim Cesário de Mello  
(Ed. Giostri/2023)

## CEMITÉRIO DAS NUVENS

Nunca consegui acompanhar  
o findar das nuvens  
e o ocultar de seus desvanecimentos

Desde garoto contemplo  
o suave esbranquiçado dos movimentos  
pincelando desenhos, formas e rostos  
como algodões a desinfetar o céu  
pincelando minha alma de azuis

Não é a vida que passa ou muda  
são as nuvens que se transmutam  
no bailar infindável de suas liquefações

Para onde vão as nuvens e este menino  
que meus olhos não alcançam além  
dos horizontes negados às mãos?

O que há no mar a seguir  
deste em que navegam as nuvens  
no flutuar sobre o ventre da Terra  
por sobre onde habitam diminutos insetos?

Mas quando chegar  
a hora do meu desaparecimento  
quero ir para onde estão escondidas  
minhas sumidas perdidas nuvens  
para nesse secreto paraíso de ingenuidades  
me deixar chover por todo o resto da eternidade

## COISAS QUE ACONTECEM NAS MADRUGADAS

São estranhas as coisas  
que acontecem nas madrugadas

O gemido da cama sobrepesada  
Os travesseiros suados de sonhos esquecidos  
O silêncio arqueado e continuado dos postes  
O coloreado acinzentado nas paredes claras  
O resplandecer desafeiçoado das estrelas  
O roncar sonolento das ruas esvaziadas  
O sanguinolento desejo carnal das muriçocas  
O tremelicar friorento dos móveis da sala  
e o furtivo pisotear discretos dos fantasmas

Tem coisas que só acontecem  
no noitecer prolongado que antecede às alvoradas

## OS AROMAS DA ALMA

Se não tivesse memória, não entenderia nada de mim. Quem sou, quem me fiz, de onde vim, e sequer para onde vou, não saberia dizer. Penso ter as respostas que penso ter, porque me lembro de mim. Se para Shakespeare somos feitos da mesma matéria de que são feitos os sonhos, eu sou feito de sonhos, lembranças e memória.

Embora a memória seja fundamental para ser quem somos, ela nos parece tão própria, usual, banal, frequente e corriqueira, que muitas vezes nem nos apercebemos dela. Talvez por isso tenha dito George Sand que "*a memória é o perfume da alma*". A minha alma, então, tem cheiros, fragrância e odores, que às vezes nem eu aguento. Afinal, tenho em mim todos os aromas do mundo, mas também tenho cá meus podres e meus fedores.

Tenho o aroma adocicado da infância. Nela fiz minhas primeiras essências oleosas que se grudaram no interior das costelas. Delas emanam aromáticos bálsamos de lavanda, eucalipto, alecrim e capim-limão. Do verniz cremoso do bebê e dos talcos que minha mãe me usava, aos shampoos e sabonetes dos banhos pueris, trago por dentro olorosos perfumes que somente eu sinto. Quem me aspira os cheiros de desodorantes e das águas de colônias de hoje, não sabe nada das fragrâncias que tenho na memória.

Não há quem seja o que quer que seja que não se apoie em suas memórias. A vida vai imprimindo nossa existência em detalhes gravados nas carnes e entranhas da alma. Somos uma espécie de colcha de retalhos costurada pelos fios, linhas e tramas do tempo.

Começamos nossa personalidade a partir do corpo e suas heranças genéticas. Já desde cedo, ainda no útero materno, vamos gradualmente desenvolvendo a pessoa que mais adiante seremos, e que ainda continuaremos desenvolvendo. Porém, com o nascimento biológico, as coisas vão se acumulando e tomando corpo e forma dentro da gente. A alma, antes inodora de seu próprio cheiro, vai, com as experiências e vivências, adquirindo seu próprio estilo e jeito. E na combinação de tantos e diversificados aromas e cheiros, cítricos, amadeirados, herbais, mentolados, picantes, herbáceos, adocicados, azedos, florais, pútridos, agridoces... formam-se personalidades individuais, cada uma com as características, peculiaridades, singularidades, idiosincrasias, estilos e maneiras. Há almas (pessoas/personalidades) com essências onde prevalece mais perfumados cheiros de gardênia ou jasmim. Em outras, refrescantes aromas de laranja, bergamota, lima ou limão. Há quem exale mais notas olfativas de patchouli e musgos de carvalho. Tem ainda, aqueles de espírito alegre e jovial, que emanam perfumados agradáveis odores de lichia, framboesa, melão ou maçã. Já outros se parecem com madeira queimada ou inhaca de axila suada e não lavada. Eu mesmo, trago no interior perfumado da minha memória, reminiscências olentes de cravos e lírios, provenientes de tantos velórios frequentados, adeuses e despedidas.

A memória nos faz. Sem ela seríamos apenas corpos perambulando pelos cantos de mundo. Como diz Fernando Pessoa, "*vivemos da memória*". É a memória do humano que somos o que nos faz humanos.

Não sei quando me tornei quem hoje sou. Apenas sei que dentro de quem sou habitam lembranças, vivências, escolaridades, livros lidos, filmes assistidos, experiências individuais e coletivas, minha infância (a real e a imaginada), recordações e reminiscências modificadas pelo rememorar e o tempo, meu adolescente magro e inseguro, meus lutos, minhas frustrações, e um tanto mais de alguma coisa. Freud mesmo já afirmou que "*somos o que lembramos e o que não lembramos*". Vai ver que sou uma sobra de pedaços de tecidos mesclados, cortados e costurados

pela mão do tempo, ou um amálgama de lembranças e esquecimentos.



## A BOCA DO TEMPO

Sou de um tempo  
em que os relógios não me diziam nada  
os adultos fumavam cigarros  
e ainda havia trilhos de bondes  
espalhados pelo chão da cidade

Sou de um tempo  
em que tudo parecia durável  
não sabia que existia velórios  
e os aniversários serviam para comer  
bolos, doces, pipocas e salgados  
para depois me divertir com os brinquedos  
que nos dias dos meus anos havia ganhado

Sou de um tempo  
em que ignorava o que era o tempo  
apenas que havia férias domingos e feriados  
e o que pra mim eram lembrança  
eram coisas que tinham acontecido  
antes do réveillon do ano passado

Sou de um tempo  
que a boca do tempo levou  
e se ele anda hoje para a frente  
para mim eu o vejo andando para trás

## SOU CONSERVADOR

Sou conservador  
Conservo a alegria do menino  
a inquietude brincante da criança  
e a capacidade espantada da infância

Sou conservador  
Conservo a rebeldia do jovem  
a ousadia afoita do adolescente  
e o espírito transformador do rapaz

Sou conservador  
Conservo o fascínio pelo novo  
a maturidade subversiva do insurgente  
e a prudência sensata dos revoltados

Sou conservador  
Por isso sou ainda revolucionário

## OS DIAS EM QUE ACORDO

Há dias em que acordo  
com gosto de saudade na boca  
e uma azia danada queimando por dentro

Há dias em que acordo  
com o sol lá fora me esperando  
enquanto espreguiço os medos na cama

Há dias em que acordo  
quando os relógios ainda estão dormindo  
e o tempo parece ser meu amigo

Há dias em que acordo  
cheio de sonhos na cabeça  
que levo ao pisar no chão do dia

Há dias em que acordo  
no amanhã do ontem  
mais uma vez atrasado ao entrar no hoje

Há dias em que acordo  
no prolongar da noite e dos calendários  
e sou até capaz de me espantar comigo

Há dias em que acordo  
e ainda estou surpreendentemente vivo

## COMO POEIRA SOBRE OS MÓVEIS

Um dia  
talvez depois do amanhã  
vou me despedir do amanhã  
levando comigo meus ontens  
e me esfarelar como poeira  
por sobre os móveis da casa  
no aguardar do breve chegar  
da faxineira

## AH! AS QUARTAS-FEIRAS

O que seria das semanas  
se não houvesse as quartas-feiras?

A vida se divide  
pelo laminado afiado desse dia  
que divide o tempo em o que vem antes  
e o que vem depois das quartas-feiras

Sem as quartas-feiras  
não existiriam as terças e as quintas  
as semanas seriam uma régua sem curva  
não haveria as ressacas dos carnavais  
nem as quaresmas sequer começariam

Todas as quartas  
são dias de São José  
tem futebol  
motel  
aflições  
velas brancas  
cinema barato  
nenhuma feijoada  
e algum pouco  
de Roque em Enrow

Nas quartas-feiras  
os sonhos são mais nítidos  
o domingo é equidistante da segunda  
a terça ontem já se foi  
a quinta até agora não chegou  
enquanto a sexta ainda não sextou  
até as nuvens são diferentes

nos céus das manhãs da quartas-feiras

Devia haver feriados

pra se comemorar as quartas-feiras

## MEU QUERIDO DIÁRIO

### 07 de janeiro

Encontrei-me comigo no espelho. Estava um dia mais velho. Não me lembro que dia foi esse em que ultrapassei o rosto que havia deixado no retrato que tirei no final do ano passado. Os dias deviam ser eterno, pois na eternidade todos os dias são iguais.

### 22 de fevereiro

Amanhã começa o carnaval, e eu vou para o lado contrário, levando na bagagem duas máscaras, um chapéu encoberto de lantejoulas e meia dúzia de fantasias de palhaço.

### 02 de março

Um poema começou a cair sobre o chão do dia, como uma fina chuva de verão. Apanhei um punhado de versos, e com eles um repentino resfriado. Minha mãe já dizia que para gripe o remédio é canja de galinha, vitamina C e cama. Amanhã vou passar o dia deitado.

### 15 de abril

Que penso eu neste instante em que não penso nada? Mas como posso estar pensando alguma coisa, se agora estou pensando que penso que estou pensando em nada? Acho que o nada é uma coisa muita complicada.

### 29 de maio

Cheguei atrasado no ontem que já tinha ido embora. Agora tenho um dia a menos na história, como se um parágrafo fosse arrancado da minha biografia. Será que foi o dia em que morri, ou será que nele fui então feliz? Será que era ali que estava a princesa encantada das fábulas e dos contos infantis?

### 14 de junho

Irei para depois do amanhã do amanhã que tenho hoje, realizar os desejos de ontem que vieram dos sonhos que tive no passado. E quando este presente me for pretérito vou voltar para o futuro que não devia ter deixado, e me lembrar para não chegar de novo atrasado.

### 03 de julho

Hoje fiz um poema que vai me levar para o outro lado da muralha da China, e ir aonde os ventos não chegam, escalar as montanhas nevadas do Himalaia, percorrendo a pé todo o Tibete, até chegar à Terra do Nunca, e de lá nunca mais voltar.

Com este poema vou atravessar o espelho que Alice não atravessou, seguir os tijolos amarelos da estrada, navegar por sobre Atlântidas naufragadas e me banhar nas águas claras da Macedônia, vivendo as aventuras de Simbad, que nas noites estreladas minha avó contava.

### 25 de agosto

Tenho em mim saudades dos beijos não beijados, da maciez aveludada dos seios não tocados e das juras de amor na garganta ficaram entaladas. Tenho em mim nostalgia do que não aconteceu, tristeza das coisas não perdidas, e o pesar dos lutos daquilo que nunca se deu. Todo ano é sempre a mesma coisa: tenho banzo de quem não fui.

### 11 de setembro

É perto da meia-noite e eu não lavei os pratos, não tomei banho, não vesti o pijama, não escovei os dentes e o ar-condicionado continua desligado.

É perto da meia-noite e ainda estou acordado, a sirene de uma ambulância passa, a vizinha da frente já apagou a luz do quarto, um rojão estoura longe ? o Flamengo deve ter ganho o campeonato.

É perto da meia-noite e os sonhos me esperam no final da próxima breve madrugada.

### **09 de outubro**

Eu vejo o tempo. O tempo inteiro olho o tempo, quando me dou tempo para enxergar o tempo. O tempo não está no interior dos relógios, nem nos fundos das agendas e dos calendários. O tempo está no íntimo dos ventos e na superfície impermanente das coisas duráveis.

Tudo que parece morredouro é transitório e mutável. Não é porque há coisas mais longevas do que nós, que elas sejam por isso perenes e intermináveis. Acaso vivêssemos bilhões de anos, poderíamos testemunhar o nascer e o expandir do Universo. Acaso continuássemos vivendo um tanto mais de bilhões de anos, poderíamos ser capazes até de ver o minguar do mesmo Universo. Talvez... Quem sabe?...

Eu vejo o tempo. Ele está na ferrugem dos pregos e na parede úmida e mofada da sala.

### **14 de novembro**

Hoje é o dia em que festejo mais uma órbita da Terra. Minhas ilusões estão mais amadurecidas. Meus sonhos envelheceram. Alguns desejos caducaram. As roupas amanheceram puídas e minha memória tem visitado mais cemitérios do que na década passada.

Não encontro meus sapatos cavalo de aço, e minha esposa continua brigando comigo, sentada ao meu lado desde o século passado.

### **01 de dezembro**

Estou a um mês do final do ano. Vou aproveitar o décimo-terceiro e cortar o cabelo, aparar as sobrancelhas e fazer a barba, comprar uma camisa vermelho-bordô, hidratar a face e passar corretivo nas olheiras, para me preparar para tirar o próximo retrato...



## NO INTERIOR DO MEU FUTURO CADÁVER

Quantas mortes ainda trarei  
no interior do meu futuro cadáver?  
Quantas vezes ressuscitarei das noites  
para acompanhar o envelhecer dos dias  
a partir das auroras em que acordo espantado?  
Quantos sonhos serão espatifados  
no esbarrar com as paredes do quarto?  
Quantos lenços de papel descartáveis  
irei usar para enxugar as lágrimas que trago  
por detrás das aparências e dos disfarces?  
Quantas ocasiões até lá escutarei calado  
as afrontas cujas respostas embargo  
no travar dos dentes e dos lábios?  
Quantas estrelas deixarei de ver  
além dos confins do universo enxergado  
apenas porque meu telescópio  
está velho, míope e estrábico?  
Quantos talvez fiquem para trás  
pelo simples fato de chegar atrasado?  
Quantos desejos serão desapontados  
preocupado em pagar as contas  
e de ser visto como bem-comportado?  
Quantos passos deixarei de andar  
por causa do receio de escorregar  
tombar ao chão e machucar o braço?  
Quando esquecerei de mim  
e me misturarei à multidão ao lado  
para com todos nela seguir a boiada?  
Quando desistirei de pensar o que penso  
para me desviar dos pensamentos desquietados  
sossegando-me no sofá da sala assistindo seriados?  
E quando nada mais disso em mim houver

é porque fui devidamente morto e cremado

## A RUA DOS OITIZEIROS

Em janeiro chovem oitis na rua em que meus pés meninos pisavam. Nas sombras dos oitizeiros toda uma infância brincava. Soubesse eu que a eternidade das crianças durava menos que a das árvores, amarrar-me-ia em seus troncos, apenas para me atrasar um pouco mais à maturidade. Os anos inocentes deviam durar o tempo das árvores.

Hoje trabalho na mesma rua em que antes brincava. Meu adulto olha o menino que por ali perambula no século passado. Porém, não é pela rua da infância que agora percorro, mas no atravessar pelo canto dos pássaros e no pisar das calçadas amarelas pelos oitis derramados.

Passeio pelos mesmos cantos e novos buracos, como se pedalando bicicletas e me desviando das raízes das árvores que o menino contornava. E, assim, meus dias vão se misturando por entre folhagens em ramos arqueados pelo pesar dos anos. No cimo dos oitizeiros passarinhos se protegem camuflados pelo verde dos minutos pousados, enquanto borboleteiam no céu dos seus sonhos alados.

As casas de antes continuam sendo paisagens, resistindo ao mudar do mundo e dos transeuntes, embora nelas agora morem estranhos residentes, indiferentes aos fantasmas das famílias do ontem, que me povoam os espaços mais salgados da memória.

Por aqui andei, como ando por sobre as pegadas apagadas daquele miúdo garoto que não sabia que, além das fronteiras daquela quadra em que a rua ficava, havia territórios a serem ocupados e cemitérios até então nunca visitados.

Não preciso das madeleines para de mim ser lembrado; já vivo em meu próprio sítio arqueológico de ossos, e nos dias de chuva ou de frio me doem as costelas retiradas. Ao contrário de Proust, não busco o tempo perdido. Vivo dentro do tempo perdido.

Pela rua da infância que ainda percorro, sopram-me aos ouvidos remanescentes sonhos que sobraram da minha anterior imortalidade.

## A VÍRGULA QUE MUDOU A VIDA

Conheci uma vírgula  
que mudou minha vida

Até então  
vivia correndo e apressado  
eu não respirava  
somente ofegava

Essa vírgula  
separou meu antes do depois  
diminuiu minhas ambiguidades  
arrefeceu meus alvoroços sobressaltados  
e esclareceu continuar das minhas frases

Ela alterou minhas premissas ilógicas  
o incoerente absurdo dos meus sentidos  
o ritmo frenético das minhas falas  
invalidou o desvario das minhas revoltas  
e corrigiu o prumo selvagem das minhas aragens

Se aquela vírgula pausou meus desatinos  
depois dela segui o que agora me é destino

Conheci uma vírgula  
que mudou meu lugar no mundo

## UM LUGAR CHAMADO INFÂNCIA

Vim de muito longe, de um lugar chamado infância. Não sei de onde surgiu, mas, de onde cheguei, tudo era impregnado de encantamento, magia e descobertas. É bem verdade que tive alguns joelhos e cotovelos ralados, aqui e acolá um galo na cabeça, de vez em quando vivia gripado, tive sarampo, coqueluche e catapora. Teve um dia que cai da escada, e de tempos em tempos levava topada. Talvez isso fosse apenas para me dizer que a realidade era feita de paredes invisíveis que podiam gerar diversos machucados.

Lá os adultos eram gigantes, que quando, entre eles, conversavam, falavam coisas incompreensíveis, difíceis e complicadas. Nunca entendi por que os adultos não brincavam, somente liam jornais, assistiam novelas, bebiam whisky e cerveja, beliscavam petiscos salgados, e esporadicamente contavam piadas. Decididamente jamais queria ser como eles, sisudos, cautelosos e circunspectos, que trabalhavam, pagavam as contas, engordavam, falavam de política, queixavam-se da carestia e reclamavam da vida. Para mim, daquele lugar de onde vim, as coisas não tinham etiquetas e preços, pois tudo parecia ser livre e de graça.

Desde que nasci, o mundo da infância existia. Eu já era criança. Sempre fui ali criança. Não teve sequer um dia que não fosse criança. Minha memória era toda menineira, e do passado mais passado do meu passado apenas lembro de um velocipede azul que ficava guardado na garagem da casa em que morava. Por isso eram esquisitos, os adultos, e como eles aqui entraram. Quem criou os adultos? De que barro eles foram feitos? Se um dia eu crescer, não vou ser adulto.

No mundo da minha infância dor de barriga durava um dia, e, quando se ficava triste, a tristeza logo passava. Acho que o que nos curava era a fome danada de brincar. Tal vontade insaciável, essa, sim, nunca terminava. Crianças são seres desnutridos de folias, por isso necessitamos, o tempo inteiro, correr, recrear, fazer bolhas sabão, soltar pipas, pular corda, caçar tesouros, jogar bolinhas do gude, andar de bicicleta, fingir-se de estátua ou de morto, desenhar, dançar, saltar amarelinha, abrir presentes, brincar de esconde-esconde ou pega-pega... Quando você olhar uma criança atrás de uma bola, lembre-se de que ela não está somente brincando com a bola, ela está brincando com o mundo. Eu mesmo, nas tantas ocasiões em que fui super-herói, salvei inúmeras vezes a Humanidade.

Porém, tudo que é encantado tem também seu outro lado: feiticeiras, fantasmas, bichos-papões, comadre florzinha, mula sem cabeça, monstros embaixo da cama ou que moram nos armários, ciclopes, bruxas, ogros, cucas, sombras e assombrações. Um quarto escuro à noite, sozinho, era o que mais nos assustava. Mas, meu anjo da guarda me guardava, me protegia e me zelava.

A infância tem o cheiro dos bolinhos de goma que Miné preparava, e sabor de framboesa, morango e amora.

Estava certo Manoel de Barros, os quintais das nossas infâncias são maiores que a cidade. O da casa da minha avó, então, era uma floresta encantada, onde eu me aventurava, crescia e me deslumbrava.

Vim de muito longe, de um lugar chamado infância. E tudo lá parecia tão permanente, duradouro e infundável.

## RELÓGIOS NÃO FALAM

Não há sentimentos no interior dos relógios  
O que existe no interior dos relógios  
são números, horários, atrasos e adiantamentos

Relógios fazem inventário dos dias  
enumerando-os em horas, minutos e segundos

Relógios quantificam o instante  
no exato instante que olho para eles  
assim sei que em breve deixarei esta noite  
no entrar no 0:00 de seus dígitos  
ou no encontrar dos ponteiros acima

Há relógios mecânicos  
de pulso, de bolso, de sol e de parede  
existem os pendulares, os elétricos, os casuais  
os formais, os de aço e os esportivos  
acha-se relógio de vários modelos e tipos  
mas ninguém ainda inventou um relógio  
que me diga ou fale o que eu sinto  
no imediato instante em que estou sentindo

## POEMA AUSENTE

## O COLÓQUIO CALADO DOS CORPOS

É no molhado encontrar das línguas  
e no curto-circuito dos peitos encostados  
que os afetos gritam, murmuram e conversam



## RÉQUIEM PARA OS DIAS

Todos os dias vejo o desaparecer dos dias, no terminar das tardes em que estou. Herdei da minha mãe a melancolia dos entardeceres, e o cheiro dos cravos que acompanham o fenecer do sol que se vai no esmorecer das horas claras e fugidias. Os finais das tardes são como velórios em que acompanho o cortejo fúnebre, até ao cemitério das noites, onde são sepultados os dias.

No alaranjado morto que antecede o despertar dos postes e dos fantasmas, despeço-me de cada dia como se fosse meu último dia. Já são tantas as minhas exéquias e vários os meus saimentos, e nada de chegar o meu derradeiro dia.

Já perdi a contas dos escuros em enterrei colegas, parentes, amigos, cães, casas, momentos, amores e desamores, até a minha infância e eu mesmo nela brincando. Tudo um dia se vai para as noites em que se vão os dias.

Dias são como rios de Heráclito. Neles diariamente me banho, no mergulhar nas águas que não são mais as mesmas, nem eu mesmo sou mais o mesmo, pois trago em mim o somatório das noites nas quais descansam em paz meus passados dias.

No fundo pardacento das tardes, sombras me esperam sonolentas no interior das penumbras em que rumo, por sobre as asas assustadas do meu anjo da guarda que tem medo dos quartos escuros.

Todos os dias vejo o desaparecer dos dias. Mas ainda haverá um dia em que serei eu a sumir no seio da alma de um dia.

## UM POEMA CONFSSIONAL

Cadê a angústia  
aquela companheira das horas inteiras  
das manhãs escuras de sábado  
da cama inquieta do quarto  
dos travesseiros suados  
das noites em claro  
das unhas roídas  
dos horários atrasados  
e da demora em chegar em casa?

Cadê a angústia  
do moer das carnes entranhadas  
do eco que vem do século passado  
do hálito pantanoso da Hidra  
do grito sufocado pelo nó na garganta  
da mão invisível que me apertava o peito  
do choro seco que desidratava a boca  
e do Mefistófeles que me esperava  
no exato meio-dia das madrugadas?

Cadê a angústia  
dos avermelhados poentes dolentes  
dos arranhados versos de Florbela Espanca  
da tristonha lentidão dos adágios  
das anestésias alcoólicas dos bares  
das azias aliviadas pelas magnésias bisuradas  
dos cansaços neurastênicos dos músculos  
dos chiliques escandalosos dos histéricos  
e dos apetites irascíveis dos coléricos?

Se alguém um dia a encontrar  
diga-lhe que passo muito bem sem ela

já vesti até a camisa amarela  
que me casei outra vez com a mesma mulher  
que não como mais com aquela velha colher  
que estou a ver os meus netos crescerem  
à beira-mar de um interminável janeiro  
carregando menos chaves no chaveiro  
e que conquistei minha carta de alforria  
assinada com mesma caligrafia  
e o azulado que se encontra na palavra alegria

## NO INTERIOR DOS RELÓGIOS

Em meu relógio  
a vida passa no bailar dos números  
e na rapidez apressada dos segundos

Em meu relógio  
estou dentro do tempo  
mas o tempo não sabe nada  
do que se passa no interior de mim

## VAGALUMES

No interior da noite que se inicia  
o farol dos carros se acendem  
e como vagalumes transitam por sobre  
as ruas e as avenidas da cidade  
no apressado voltar do trabalho  
Mas se suas casas não estiverem mais lá  
mudado de endereço ou de bairro  
para onde os vagalumes irão voltar?  
A certeza  
é a coisa mais incerta que há

## VIAJANTES DO TEMPO

Vou me esparramar no tempo  
que os relógios não veem  
apagar as agendas  
esquecer dos horários  
e escapar dos calendários

Vou viajar no espaço sideral  
pegando carona no rabo de um cometa  
atravessar o buraco da minhoca  
ir para o outro lado do Universo  
me encontrar com meu menino  
no tempo em que ele não sabia ler as horas  
e mesmo que soubesse todas as horas eram iguais

E antes dele crescer  
vamos atravessar juntos o buraco da minhoca  
desta vez em sentido contrário  
seguindo em frente ao hoje que antes deixei  
para nos encontrar com nosso velho  
e passar as noites em claro  
trocando ideias e conversando  
cada um contando suas histórias

## NO FUNDOS DOS CALENDÁRIOS

Enquanto eu estiver dentro dos calendários  
sempre haverá janeiro com seus IPTUs e IPVAs  
as tardes virão após o se ir das manhãs  
vinte e um de abril é feriado  
todas as segundas-feiras são chatas  
griparei por me molhar em junho  
os gatos continuarão pardos no escuro  
domingo continua sendo o dia da missa que faltarei  
ainda não aprenderei a falar birmanês  
em novembro adicionarei mais um ano aos dedos  
e meus mortos ainda não irão morrer outra vez

Enquanto eu estiver dentro dos calendários  
minha esposa irá reclamar comigo  
dia 07 vence o boleto do condomínio  
seguirei a conhecer coveiros  
o Náutico não será campeão brasileiro  
O fim do mundo não aconteceu  
depois da sexta será sábado  
nos sábados casais irão se formar  
nas terças casais irão se separar  
e em novembro haverá menos pessoas  
para lembrar do mês do meu aniversário

No interior dos calendários  
os dias veem e se vão  
as semanas se repetem  
os meses prosseguem sendo meses  
os anos de ano em ano se renovam  
e minha vida e resume a números e datas  
enquanto eu estiver dentro dos calendários

Se não houvesse calendários  
eu seria eterno e não faria aniversários



## ALÉM DE MIM

Além de mim  
existem árvores  
pássaros e nuvens  
cachorros e gatos  
formigas, cupins e carrapatos

Além de mim  
existem pessoas  
de vários credos e crenças  
de várias cores e gostos  
diversificados odores  
e múltiplas faces e disfarces

Além de mim  
existe uma multidão de outros  
alguns grandes, outros pequenos  
uns exigentes por se acharem certos  
outros indulgentes por saberem  
que tudo que é certo também pode ser errado

Além de mim  
existem paisagens  
de onde roubo imagens  
que depois se transformam em versos  
que é a mesma coisa que já existia  
tirando apenas um pouco a gordura  
desvelando a aparência e a roupagem

Além de mim  
existe gente braba e zangada  
neurastênicos, hipocondríacos  
impulsivos, retraídos e fatigados

supersticiosos, resilientes e fleumáticos  
afoitos, medrosos e culpados  
e de cada um tenho um pedaço

Além de mim  
há coisas que me afetam  
me tocam e me impressionam  
me sensibilizam e me incomodam  
que me sacodem e me agitam  
que me geram todo tipo de afeto  
e por isso sou um homem sempre afetado

Além de mim  
existem tantas personas  
numerosas incontáveis sombras  
diferentes selfs verdadeiros e falsos  
variadas idiosincrasias e identidades  
12 signos, 365 datas de aniversários  
e diferentes constelações familiares

Além de mim  
não existe ninguém como eu

## A DELICIOSA MÁQUINA DO TEMPO

Vou pegar a Teoria da Relatividade  
picada com a Navalha de Occam  
misturar com Efeito Borboleta  
e um punhado de ideias da Física Quântica  
agregar Carl Sagam, H.G. Welss e Issac Asimov  
mesclados com a Teoria do Buraco Branco  
E salpicar com muita imaginação a gosto

Depois vou colocar tudo  
no liquidificador dos sonhos  
adoçar com muita fantasia  
e deixar bater pelo número dos minutos  
que minhas pálpebras levam para adormecer

E aí vou sorver com a fome do Tempo  
viajando para visitar meu menino  
nos anos em que ele era menino  
e ainda não sabia que a infância passava

Vou rever meus brinquedos  
do jeito que os deixei lá  
reencontrar os tijolinhos mágicos  
com os quais construí inúmeros castelos  
que vivia como um príncipe encantado  
descansando das batalhas e dos duelos  
que repetidamente sempre ganhava

Vou soltar no verde chão da puerícia  
meu pião de madeira com fieira  
e vê-lo rodopiar como um planeta  
que a cada volteio que faz  
é um dia a mais que se vai

E se eu conseguir achar  
aquela caixinha de papelão colorida  
que ganhei por ocasião dos meus poucos anos  
onde estava guardado o jogo de memória  
e ver se nela ainda acho  
alguma lembrança a ser resgatada

## O QUE AINDA QUER A VIDA DE MIM

Quando pensei que a vida em mim ia acabar  
ela insistiu em continuar.  
O que ela pode querer mais de mim  
eu que nem sei por que aqui estou?  
Talvez esteja para apreciá-la passar  
com seus caprichos a me despertar desejos  
ou apenas porque queira ver o que dela faço  
neste às vezes longo outras vezes escasso  
espaço que meus pais me deram para caminhar  
Tenho duas vidas a carregar  
a que agora vivo enquanto respiro  
e a que vive a me ofegar no interior da memória  
e a maneira que dela recordo é que não me faz parar  
Quando a vida de mim se cansar  
peço somente que me deixe a memória levar

## QUARTO ESCURO

Escuro não é cor. É ausência.  
E a ausência é a privação de tudo:  
da luz, dos sons, dos cheiros, do tempo.  
Onde não há nada, nada há para se ver  
coisa alguma para se conhecer,  
a submersão absoluta de tudo.

Meu primeiro escuro foi o útero,  
mas do útero não me lembro.  
Do que me lembro, de onde me lembro,  
meu primeiro escuro foi daquele quarto,  
onde na ausência das noites sem estrelas  
e no abafado das portas fechadas,  
o redor desaparece e o mais além inexistente  
frente aos assombrados olhos infantis,  
no desbotar dos brancos das paredes

Se uma vez já morri,  
a outra morte que me espera  
é voltar ao quarto escuro de antes,  
e o dia com seus barulhos nunca mais amanhecer

## NO INTERIOR DOS LIVROS

Hei de me dissolver nos livros  
mergulhar no mar das letras  
boiando nas sinapses brancas  
onde se interligam as palavras

Se um dia eu desaparecer  
como de resto é o destino de tudo  
quero ser enterrado no fundo dos livros  
esse cemitério vivo impregnado  
de sonhos, inspirações e memórias

## NO DIA EM QUE O GALO NÃO CANTOU

A manhã surgiu calada  
sem o cocoricó das madrugadas

Que aconteceu?  
Será que o galo morreu?  
Esqueceu da hora?  
Passou do ponto?  
Ou será que enlouqueceu?

E se o galo estiver velho  
com a voz rouca, exaurida e caducada  
ou caído de cima do telhado  
fraturado as asas, quebrando as pernas  
e agora estiver no poleiro internado?

Que será das manhãs não anunciadas  
se o Sol não souber o instante de sua chegada?

O será dos pintassilgos e dos pardais  
dos garis, dos motoristas do metrô  
dos barmen fatigados  
do último turno do telemarketing  
dos seguranças das baladas  
e o horário dos bêbados em chegar em casa?

Uma manhã sem galo  
é como se o dia entrasse mudo  
e a madrugada de fininho saísse calada



## CARRUAGEM DE FOGO

No chão pedregoso e desnivelado da vida  
eu e o tempo somos duas crianças travessas  
disputando corrida por entre jardins do mundo

Porém o tempo é mais rápido e veloz do que eu  
E mesmo que ele corra de costas  
enquanto corro de frente  
o tempo sempre me vence

Mas quando eu finalmente ganhar  
vou para o outro lado do Universo  
que é o lugar que em o tempo não entra  
levando comigo meu único troféu  
e me dissipar no fundo do céu  
que um dia já foi o céu de minha mãe

## A VERDADE, AFINAL

A Verdade tem tantas facetas  
maior do que a soma de toda a Humanidade

A Verdade é aquilo que é inadequado  
ao mundo e a vida que se quer viver

A Verdade é a verdade para quem crê  
e a crença é a verdade de quem acha que vê

A Verdade não é matemática nem lógica  
pois na Verdade um mais um é igual a três

A Verdade tem seus contrastes e suas contradições  
o que a Verdade não tem é rua sem contramão

A Verdade às vezes é oculta e enganosa  
mas jamais a Verdade é mentirosa

A Verdade vive tampada e encoberta  
uma vez liberta é provocante e ruidosa

A Verdade é miúdo buraco profundo  
tão pequeno que não cabe todo mundo

A Verdade é uma coisa secreta  
e disso sabem bem os poetas

Porém a Verdade  
quando se revela e se mostra  
choca, machuca e incomoda  
afinal,  
na Verdade

de Verdade

a Verdade é f...

## NA SAÍDA DA CAVERNA DE PLATÃO

É

Assim é se lhe parece  
pois o que se aparenta  
se apresenta como é

Batizo coisas com nomes  
representando-as até com sobrenomes  
e nos signos que as agasalho e abrigo  
dou a elas todas minhas razões e meus sentidos

Sou cercado de símbolos  
palavras, ideias e imagens  
artifícios em que acredito  
e se acredito no que acredito  
troco o que está posto pelo que me é dito  
e o que está ausente e incerto  
se mostra como verdadeiro e certo

Se eu quiser mudar o mundo  
transformá-lo em menos figurativo e alegórico  
é só acender um fósforo e queimar meu glossário  
construir um novo dicionário  
atualizar todo meu vocabulário  
aposentar as velhas metáforas  
olhar de trás pra frente e ao contrário  
modificar por completo meu vestiário  
e deixar de ser assim tão binário

Na saída da caverna de Platão  
vou mudar por completo minha visão  
assobiando uma oposta e nova canção

## PARA FRENTE...

Não sou eu quem ando para frente  
é o para frente que anda para trás

Toda vez que chego  
no que antes era o para frente  
o para frente mudou de lugar

Às vezes me pergunto  
porque preciso andar para frente  
se o para frente nunca está lá

Para frente  
Para trás  
Para os lados  
Eu jamais entendi  
essa coisa mudadiça  
chamada Tempo

## APRENDENDO A APREENDER

Não preciso aceitar  
concordar, gostar ou aquiescer

O que é preciso é compreender

## PENSAMENTOS ILETRADOS

Tem gente que pensa que pensa  
mas são pensamentos não pensados  
pensamentos que já foram falados  
pensamentos pelos outros criados  
ou até mesmo pensamentos herdados

Pensamentos não pensados  
são analfabetos e iletrados

## DEUS É CULPADO

Deus é culpado  
por esta muriçoca no quarto

O zunzunzum aporreante do bater das asas  
soam em meus ouvidos agastados  
como um timbre estridente e anasalado  
vindo de um violino malsoante e desafinado

Mosquitos são vampiros alados  
que se aproveitam das horas escuras  
para se alimentarem das proteínas molhadas  
dos sangues quentes dos corpos alheios  
e voam pelos breus das ruas e das casas  
deixando as noites nos quartos acordadas

Se Deus criou o Universo  
com tudo o que nele há  
então Deus é culpado  
por esta muriçoca no quarto

Mosquitos só servem  
para me avermelhar a pele coçada  
e não me deixar sonhar assim irritado

Deus é culpado  
por esta muriçoca chata no quarto



## O SOL ROSADO

E se o Sol despertasse hoje rosado  
e as nuvens pintadas de leves avermelhados?

E se uma manhã assim tão delicada  
encobrisse por inteiro o céu da cidade  
com um róseo mais róseo do que as rosas  
flagrando o dia com o aroma das pétalas  
e o mundo se tornasse simplesmente cor-de-rosa?

E se as roupas ficassem rosas  
assim como os chinelos, os sapatos  
os pintassilgos em cima das árvores  
estes meus cabelos grisalhos  
o piso dos asfaltos e os assoalhos  
os cães, as galinhas e os gatos  
até mesmo os pensamentos insensatos?

E se o humor tivesse a tonalidade do dia  
no corar dos sentimentos banhados de rosas  
será que os minutos sorririam de alegria  
com o passar das horas menos ansiosas?

Ah! se o Sol acordasse rosado  
todos pecados seriam perdoados  
todos os muros seriam lavados  
o amor seria mais louvado  
deixaríamos de ser malcriados  
os esgotos estariam perfumados  
pelo descortinar de uma manhã  
tão feminina, agradável e graciosa  
em um Universo de estrelas cor-de-rosa  
e um infinito fundo de vermelho bem claro



## NO DIA EM QUE ME TORNAR MILIONÁRIO

Quando ficar milionário  
vou aumentar meu saldo bancário  
ter duas Ferraris e um Porsche na garagem  
comprar o maior dos iates  
e um colar de vinte e quatro quilates

Quando ficar milionário  
vou possuir uma casa em um balneário  
ter um apartamento em frente ao Central Park  
viajar constantemente de primeira classe  
e contratar alguém que me abrace

Quando ficar milionário  
mudarei todo meu vestiário  
terei dezenas de ternos Armani  
um Rolex para cada dia da semana  
e só comerei em prato de porcelana

Quando ficar milionário  
vou ser tantas vezes proprietário  
que acabarei sendo dono de uma cidade  
ou quem sabe até de um país ou estado  
e aí só irei andar de carro blindado

Quando ficar milionário  
substituirei até meu vocabulário  
falarei inglês, espanhol e francês  
tornar-me-ei um grande burguês  
e deixarei de lado essa minha velha timidez

Quando ficar milionário  
talvez me transforme em majestade  
modificarei inclusive minha idade  
só num saberei onde comprar a tal da felicidade  
e agora, por favor, me diga o que é eu que faço

## O TRISTE FUTURO DOS DOCUMENTOS DE IDENTIDADE

O que será dos meus documentos  
a carteira de identidade e de motorista  
CPF, título de eleitor, carteira de trabalho  
e minhas certidões de nascimento e casamento  
depois que a vida me deixar e eu desaparecer?

Quem ficará com os números e as letras  
que dizem ao mundo quem sou  
e aqueles pequenos velhos retratos  
do tamanho de três centímetros por quatro  
do jovem e do adulto que de mim ali restou?

Qual memória conservará as lembranças  
contidas no interior silencioso dos registros  
como aquele cabelo molhado  
amarrado em rabo-de-cavalo  
quando meu rosto imberbe e magro  
no século passado foi fotografado?

Que será de tudo que meus documentos presenciaram  
no passar dos anos em que eles não mudaram  
tão logo lhes abandonar à própria sorte  
ao se tornarem papéis sem serventia ou identidade?

Sentirão eles de mim alguma saudade?

## ENQUANTO O TEMPO PASSA...

O tempo passa  
o cavalo passa  
e você não cavalga  
O tempo passa  
as horas acontecem  
e você não ultrapassa  
O tempo passa  
as pessoas saem do lugar  
e você se esquivava e hesita  
O tempo passa  
o recomeço cruza a esquina  
e você apenas evita  
O tempo passa  
a porta se abre  
e você somente aguarda  
O tempo passa  
novas flores nascem  
e você nem as visita  
O tempo passa  
o ônibus transita  
e você de novo desperdiça  
O tempo passa  
os dias mudam de cara  
e você continua parado  
O tempo passa  
a Terra gira  
e você sonha deitado  
O tempo passou  
o cavalo se foi  
as horas findaram  
as pessoas partiram  
o recomeço acabou

a porta fechou  
as flores murcharam  
o ônibus não voltou  
os dias morreram  
a Terra girou  
e agora você não pode  
fazer mais nada

## O AVÔ, O NETO E O MAR

Eu que vim antes de você  
lá de trás onde não lhe havia passado  
e o século ainda não me tinha terminado  
jamais poderia sequer imaginar  
que estaria no início dos seus anos  
a lhe construir futuras lembranças  
que o adulto amanhã irá sonegar

Mas quando estiver ausente  
no acumular dos seus tantos aniversários  
talvez uma brisa salgada que venha do mar  
me resgate das profundezas molhadas  
onde em sua infância procurávamos  
tesouros escondidos naquela distante praia  
em que ambos já não estamos mais lá

## O ÚLTIMO POETA

No ocaso do papel  
o agonizar das canetas

Os livros empoeirados nos restantes brechós  
servem de pastos às traças protegidas do Sol  
pelo sombrear acinzentado das teias

No canto a máquina de escrever Olivetti  
rumina memórias dos tempos em que era  
tocada pelo inquietar barulhento dos dedos

No desaparecer dos demais  
O velho guardião apaga a luz  
fecha a porta e sozinho vai embora



## **AI...**

Ai se eu soubesse primeiro  
antes que agora já fosse tarde

Ai se meu aniversário  
caísse em outro calendário  
talvez meu signo fosse Sagitário  
Capricórnio, Gêmeos ou Áries

Ai se minha mãe me tivesse  
gerado depois de mim  
eu hoje seria jovem e mais novo  
e meus cabelos não estariam grisalhos

Ai se escrevesse em Hebraico  
de trás pra frente e ao contrário  
leria meus poemas no espelho  
porque os versos seriam reversos

Ai se eu me chamasse Francisco  
ou se tivesse nascido em diferente corpo  
sendo menina ao invés de menino  
decerto meu anjo da guarda fosse outro

Ai se vivesse em um Universo paralelo  
beberia cerveja sem álcool em Dubai  
caçaria leões nas savanas da África  
pegaria ondas no Taiti e na Austrália  
lutaria contra os piratas da Somália  
realizaria meu sonho de ser astronauta  
e teria saudades de quem poderia ter sido  
se esses meus ais me tivessem acontecido

## O UNIVERSO E AS PALAVRAS

Para onde me levam as palavras  
quando as mexo e remexo com elas?

Palavras são vestimentas com as quais  
desnudo o abstrato sensível dos sentimentos  
Sem elas o que me passa por dentro  
é tão invisível como impalpável é o vento

Há palavras que falam  
Há palavras que calam  
As que mentem e as que falam a verdade  
As que acariciam e as que esbofeteiam  
As que iludem e aquelas que rasgam

O Universo sem palavras  
apenas pulsa e não sabe que existe

Sem elas seria tão somente  
um astro de interior calado  
a circular pelo silêncio do Universo  
sem a consciência de quem é e do que faz

## COLÓQUIO DE OUTONO

Farei-me de calado  
pra te falar a língua recuada do silêncio

Na mudez imposta aos lábios  
olharei com a surdez fingida dos ouvidos

Nos espaços gerados na ausência das palavras  
auscultarei o murmurejar dos sentidos  
a aspirar o oxigênio dos teus afetos embutidos

Com a pantomima das faces  
e nos bailar sanfonado dos gestos  
dançaremos no sobrar das horas que temos

Convido-te pois a me acompanhar  
no contemplar poente do sol  
em que juntos nos abrasaremos

## QUANDO CHEGAR À MATURIDADE

Quando eu chegar à maturidade  
vou deixar Nietzsche de lado  
começar a ler Schopenhauer  
não mais ouvir Pink Floyd, The Who  
Led Zeppelin e The Velvet Underground  
calçar sapato de couro com cadarço  
colocar a camisa por dentro da calça  
assumir encargos e responsabilidades  
engolir sapos do patrão  
para chegar à noite de mau humor  
sentado na poltrona assistindo televisão

Quando eu chegar à maturidade  
vou reclamar da inflação  
dos preços do arroz, da carne  
do pão, do tomate e do feijão  
acordar de manhã mais cedo  
para levar para passear o cão  
tomar remédio para dormir  
e no químico sono profundo  
sonhar com mais nada não

Quando eu chegar à maturidade  
vou me queixar dos políticos  
protestar contra o judiciário  
acompanhar as notas dos obituários  
mudar as roupas do vestiário  
apanhar empréstimo consignado  
dividir minhas férias no crediário  
endividar metade da minha renda  
e beber Campari bem gelado  
me bronzendo com protetor solar 50

à beira da praia qualquer de um balneário

Quando eu chegar à maturidade  
vai então acabar essa minha jovialidade  
vou ficar com cara sisuda de homem sério  
passando as tardes de domingo com tédio  
preocupado em como irei pagar as contas  
e aí vou entrar na igreja mais próxima  
para entoar um réquiem aos anjos  
que povoavam o céu acriançado da infância

Quando eu chegar à maturidade  
quero estar lá não

## VERSOS ACHADOS POR AÍ - Lançamento Livro

### PRÉ-LANÇAMENTO

Trata-se de uma obra com a qual o autor comemora 40 anos de vida literária, na qual reúne poemas (em sua maioria) e algumas crônicas.

Neste livro, o poeta continua a brechar nos espaços fundos dos minutos e das horas o pulsar nem sempre silencioso da vida, em todas suas diversas facetas visíveis e invisíveis, manifestas e latentes, enigmáticas ou (quase) inexprimíveis.

O tempo, aqui como escopo literário, não é o mesmo tempo dos relógios e dos calendários. É o tempo vivido em toda sua subjetividade. É o tempo psicológico da alma humana, que nem sempre é igual para todos. Cada um vive a passagem do tempo de forma pessoal e interna. Todavia, todos nós vivemos o tempo que passa no contar do tempo dos relógios e dos anuários, mas que permanece e nós como lembranças e memória.

A eterna brevidade da vida, o coexistir embricado do passado-presente-futuro, o ontem das reminiscências, o hoje do agora e o amanhã dos sonhos, aqui se apresentam e saltam aos nossos olhos.

### SOBRE O AUTOR:

Joaquim Cesário de Mello (psicólogo e psicoterapeuta, bacharel em Direito e professor universitário. Escritor e poeta com participação em diversas antologias no Brasil e fora, é um poeta da temporalidade. Sua poesia transita em constante diálogo entre a transitoriedade e a permanência. E nessa interminável dialética, o tempo se torna importante argamassa poética a se transformar em versos, poemas e prosas. autor dos livros *A ALMA HUMANA* (2018), *A PSICOLOGIA NOS DITADOS POPULARES* (2020), *A VIDA COMO UM ESPANTO* (2022), *NO CEMITÉRIO DAS NUENS* (2022), *MEMÓRIAS DO ESQUECIMENTO* (2023). Este *VERSOS ACHADOS POR AÍ* é sua primeira publicação pela Mondrongo.

<https://www.editoramondrongo.com.br/versos-achados-por-ai/p>

## O PRIMEIRO A MORRER

Serei o primeiro a morrer  
depois que todos se forem  
e ninguém mais de mim se lembrar

Serei o primeiro a morrer  
quando meu apelido desaparecer  
e meu nome for apenas mais um  
nos cadastros frios dos e-commerces

Serei o primeiro a morrer  
após meu Whatzapp se calar  
e não ter mais bom-dia para me acordar

Serei o primeiro a morrer  
tão logo só eu existir nos retratos  
e as ausências comparecerem  
no interior dos meus aniversários

Serei o primeiro a morrer  
assim que não houver quem chorar  
em meu velório repleto de fantasmas

Serei o primeiro a morrer  
mas o último a chegar no céu  
em que todo mundo estará lá a me esperar

## CARTÃO POSTAL

Vou empilhar os dias passados  
pôr em ordem todos os retratos  
colocar as lembranças no saco  
enfiar os livros preferidos na caixa  
arrumar o que é íntimo na mala  
vestir o terno que nunca vesti  
pegar o bilhete da passagem  
que não comprei nem ganhei  
apenas estava na cabeceira  
do berço no dia em que nasci  
e hoje sua validade está expirada

Vou pegar minha bagagem  
e viajar para o Infinito  
que havia perdido no dia  
em que minha infância me deixou

E quando chegar lá  
vou te mandar um cartão postal  
de um lugar bem bonito e azulado  
ou de um negrume tão escuro  
que não se pode enxergar nada



## LADRÃO DE VERSOS

Vou furtar um verso da vida  
capturá-lo em minha intimidade  
pintá-lo com a cor dos meus afetos  
enroupá-lo com meus vocábulos  
retirar dele os excessos gramaticais  
e depois gentilmente aprisioná-lo  
no interior de uma página em branco  
de um livro que ainda irei publicá-lo

Vou roubar um verso da vida  
e com isso vou eternizá-lo

## UM MINUTO A MAIS

De que adianta um minuto a mais  
agora que sei que infâncias terminam  
juras de amores um dia acabam  
nenhum lugar do mundo é seguro  
em dia de chuva casas desabam  
a cura do câncer não foi descoberta  
bruxas e fadas nunca existiram  
bombas atômicas ainda são fabricadas  
tem muita gente morrendo na África  
de vez em quando se leva topada  
nunca mais terei de ver meus pais  
tudo que se constrói depois se destrói  
o que está vivo daqui a pouco se vai  
e onde foi que perdi minha bicicleta Caloi?

Mas basta um minuto  
apenas um minutinho mais  
pra te ver dormindo ao meu lado  
como um sonho que de mim se fez realizado  
e que nem tudo na vida é tão somente abstrato

Vou pedir ao meu bom deus  
que quando chegar a vez da minha hora  
faça-me o favor de me dar um minuto a mais

## POEMA ABORTADO

Hoje abortei um poema  
que foi expelido de mim  
tão rápido  
tão brusco  
tão prematuro

Não fosse a pressa  
essa inimiga da perfeição  
deixaria de aniquilar versos  
como se fossem diminutos minutos  
ao invés de pedaços de uma vida inteira

No afã de um poema versos se quebram  
que nem aquele braço fraturado  
por andar ligeiro e apressado  
sem olhar direito o chão da calçada

Tudo tem seu tempo  
assim um poema deve ser gestado  
afinal a poesia não tem prazo de validade  
embora seja alimento para a alma  
não tem vencimento e nunca fica estragado

Um poeta açodado  
ansioso e acelerado  
faz poemas com pés quebrados  
que para se sustentarem precisam de muletas  
ou vão passar pelos dias sentados ou deitados

Quando um poema demora a nascer  
não é porque ele seja vagaroso e retardado  
nem algo que se adie ou chegue atrasado

pois ele é feito de versos que sabem esperar  
o momento certo de serem desabrochados

o destino de um poema tranquilo e sossegado  
é de a ser agradavelmente degustado  
e assim poder se transformar em imortalizado

## SEPULCRÁRIO DOS MORTOS VIVOS

Dentro de mim há um vazio  
lugar das coisas que me foram retiradas  
e daquelas que jamais serão realizadas

Esta parte desértica de mim  
foi se alargando com o passar dos anos  
pois cada tempo em que o tempo se vai  
algo se perde, acaba ou se desfaz

No terreno destinado às ausências  
tenho ocos do tamanho da minha idade  
e vácuos que esperam fazer aniversários

Mas para tudo que aos poucos se extravia  
há um sepulcro para cada um reservado  
encobertos por lápides que são feitas  
com a mesma caligrafia das lembranças

A memória é o cemitério dos mortos vivos  
onde nele habitam o que se perdeu  
os desejos não consumados  
os sonhos frustrados  
a infância sumida  
a juventude dissipada  
e alguns outros escombros e destroços  
das sobras de tudo que nos foi arruinado

Em meu vazio não escuto nada  
mas faz em mim barulhos demais

## QUARTAS À NOITE

São nas quartas à noite  
que as almas se encontram  
nos interiores escuros dos quartos

São nas quartas à noite  
que o Sol se esconde  
no interior dos guarda-roupas fechados

São nas quartas à noite  
que as crianças morrem de medo  
de que os fantasmas lhes roubem os sonhos

São nas quartas à noite  
que no fundo das horas turvas  
o silêncio gemido das paredes se ouve

São nas quartas à noite  
que os crucifixos de latões dourados  
protegem os dormentes dos vampiros insones

São nas quartas à noite  
que as infâncias choram assustadas  
e os anjos da guarda estão no céu albergados

São nas quartas à noite  
que as estrelas morrem  
os deuses fogem  
e o Universo inteiro fica apagado

## BRINCANDO DE DEUS

Hoje eu vou brincar de Deus  
criar um Universo para ser só meu  
onde o escuro tem sabor de chocolate  
as estrelas são cristais de açúcar  
e a Lua é sempre gorda e cheia  
feita da mesma matéria de que são feitas  
as bolas de sorvetes dos cremes de leite

Debaixo do céu vou criar o dia  
e o Sol será da cor das rosas  
que era a flor preferida da minha mãe  
e no íntimo do dia vou conceber o mundo  
com tudo o que há dentro dele  
as plantas, os peixes, as aves  
os répteis, os animais, os seres  
e todos os meus amiguinhos  
que nunca mudarão de rua  
de bairro, colégio ou cidade

Vou abolir as aulas chatas de português  
e a diretora da escola será Tia Inês  
e os feriados serão triplicados  
os fins de semanas serão aumentados  
os confeitos, os pirulitos e os doces  
serão sempre de graça dados  
e as jujubas serão colhidas das árvores  
como as mangas que roubava  
da casa do meu vizinho francês

Em meu mundo reinventado  
ninguém ficará gripado  
nunca mais haverá qualquer doença

todos os boletins terão notas altas  
frequentemente existirá festa de aniversário  
nenhum adulto irá desaparecer  
qualquer criança jamais vai crescer  
a palavra morte será abolida dos dicionários  
e até as formigas vão me agradecer

Eu hoje acordei com vontade  
de brincar de Deus



## VOYEUR DE SONHOS

Vou me esconder no fundo do armário  
apenas para te ver pelo buraco da fechadura  
dormindo sobre as fronhas transpiradas  
enquanto no quarto que fica logo ao lado  
estou sonhando com o íntimo dos sonhos teus

## AOS MEUS FIÉIS LEITORES

Sou mais lido pelos mortos  
do que pelos vivos

Meus fantasmas vivem  
olhando o que escrevo  
e se divertem com o medo  
que tenho desta minha  
repentina mortalidade

Os vivos não  
eles estão preocupados  
com o próximo capítulo da novela  
ou em assistir nos streamings  
as minisséries mais comentadas

Já os mortos que me cercam  
sabem que nos poemas que faço  
meus versos são sepulcros  
onde conservo todos os fantasmas  
que os revisito como se os dias fossem  
sempre dias dedicados aos finados

Quando eu morrer  
vou me encontrar com meus leitores  
e com eles marcar uma noite interminável  
para autografar os livros não comprados

## CEMITÉRIO DOS MORTOS VIVOS

Trago na memória lembranças  
de coisas que não existem mais

Aquele dia que já morreu no calendário  
o instante passageiro que o ônibus levou  
a criança que viveu fora dos retratos  
os minutos que os relógios não guardaram  
o rosto da minha mãe evaporado  
os festejos que o tempo comeu  
e um amontoado de átomos gastados

A memória é o lugar das ausências  
um branco escuro que levo comigo  
para todo canto que entro, saio ou sigo

A memória é uma residência cheia de fantasmas  
quase como se fosse uma casa mal-assombrada

## O DESAPARECIMENTO DO DIA

Fui dormir no hoje  
e acordei no ontem  
como se o amanhã  
deste meu passado  
não houvesse existido  
nunca sequer acontecido  
ou jamais fosse realizado

O que aconteceu com aquele hoje sumido  
como pode um dia inteiro ter desaparecido  
como se eu jamais tivesse nele vivido  
embora em mim traga sonhos das lembranças  
sobre um poema que ainda não escrevi  
do sanduiche de queijo que ainda não comi  
e do beijo que até agora não dei  
no rosto adormecido da minha esposa  
antes de sair de casa para ir ao trabalho?

Quem foi que me arrancou a data do calendário?

Mas quando este dia revisitado terminar  
irei acordar no amanhã do hoje extraviado  
realizar o poema que já havia realizado  
comer mais uma vez o sanduiche já havia comido  
e de novo beijar o rosto adormecido da minha esposa  
antes de outra vez sair de casa e ir ao trabalho

Se a Terra dá voltas e voltas em torno do Sol  
também sou eu quem todo dia ao hoje vou retornar

## MIUQAOJ OIRÁSEC ED OLLEM

Se eu escrevesse ao contrário  
miuqaoj oirásec ed ollem  
ao ler não entenderia nada  
mas se coloco na frente do espelho  
será ali quem me vejo  
no avesso revirado de mim  
pois os espelhos nos compreendem  
e nos veem além das aparências  
com as quais encobrimos as sombras  
onde estão todos nossos contraditórios  
paradoxos e nosso mais íntimo adversário

## O DIA INCOMPLETO

Este dia um dia vai acabar  
com tudo que nele há  
o sol que sempre me acorda cedo  
a constante fome do menino e do rapaz  
o contínuo horizonte do mar que vejo  
meus vitalícios duráveis desejos  
o permanente café com ovos e queijos  
os frequentes olás que tenho que dar  
o profundo infinito dos meus medos  
e o perpétuo segundo fotografado  
aprisionado na moldura fria do retrato

Todo dia um dia começado  
haverá de ser um dia um dia terminado  
ainda que o verso não esteja acabado  
apesar do livro ainda não finalizado  
dos mil e um filmes não assistidos  
dos tantos sonhos até aqui não realizados  
dos inúmeros restaurantes não visitados  
dos numerosos compromissos agendados  
dos fartos feriados que são esperados  
da próxima temporada da série ter sido adiada  
da carteira esquecida na casa da namorada  
e de certos segredos até aqui não confessados

No fim de tudo  
tudo sempre acaba  
até mesmo este dia incompleto  
que um dia irá de ir ao terminar  
e isso é mais do que certo

## SOU ALGUÉM QUE VEIO DO SÉCULO PASSADO

Como sou calvo, grisalho e antiquado  
frequentemente livrarias e compro livros  
sou alguém que veio do século passado  
Como compro livros  
tenho montes de livros em casa  
sou alguém que veio do século passado  
Como tenho monte de livros  
tenho estantes nas paredes  
sou alguém que veio do século passado  
Como tenho estantes nas paredes  
tenho uma biblioteca que fica num quarto  
sou alguém que veio do século passado  
Como tenho uma casa  
com um acervo vasto de livros  
e que tem uma biblioteca num quarto  
significa dizer que sou  
alguém que veio do século passado

## A ESTRADA DOS TIJOLOS NÃO AMARELOS

Vim de ontem  
e dele trago seus minutos  
entranhados no interior mais íntimo  
das minhas membranas plasmáticas

Embora tenha trocado de roupa  
tomado banho e lavado o rosto  
aquele ontem de onde cheguei  
sigo do mesmo jeito que lá deixei

Sou um ontem ressuscitado  
renascido, revivido e reanimado  
pois todo depois traz em si  
seu antes em que foi gerado

O ontem é o berço do hoje  
em que aqui o progresso é lembrado  
afinal se não me houvesse passado  
meus pecados seriam inconfessados

Quem me designa quem sou  
é o ontem que me estruturou  
assim como hoje será meu ontem  
ontem foi o hoje que o calendário dispensou

Não sei quantos ontens serão necessários  
para chegar no amanhã em que não estou  
mas quando lá de um ontem chegar  
ainda irei de mim querer me lembrar



## UM QUASE SONETO NU

Retirarei a máscara  
a roupa de adulto sério que uso  
e esta minha surrada fantasia de palhaço

Despir-me-arei das convenções sociais  
de todas as regras gramaticais  
dos limites das vírgulas e dos pontos finais  
deixando apenas um punhado de reticências

Haverei de colocar interrogações  
nos seus devidos e cabidos lugares  
que é logo atrás das crenças e verdades  
que em casa e no colégio me ensinaram

Vou me desnudar nos versos  
tentar encontrar meus reversos  
e me revelar por inteiro pela poesia

## JOAQUIM E EU

Conheci Joaquim no dia em que nasci  
embora ainda não lhe soubesse o nome

Dialogávamos com o silêncio das palavras  
nos balbucios enjaulados dos berços

Crescemos juntos na mesma infância  
como amigos únicos e inseparáveis  
compartilhando os próprios brinquedos

Ele e eu e eu e ele jogávamos bola  
e como erámos ruins dos pés  
terminávamos sempre sendo goleiros

E a vida seguiu para nós  
e nós acompanhamos a vida lhe seguindo  
e de repente já erámos dois rapazes  
e nunca mais fomos meninos

Estudamos em idênticas escolas  
apaixonamo-nos pelas iguais meninas  
e unidos chorávamos amores frustrados

Joaquim foi trabalhar na mesma data que eu  
sendo próximos e vizinhos no trabalho  
onde em sua mesa colada à minha  
tínhamos sobre elas exatos retratos

Ambos nos casamos em fevereiro  
no final da tarde do mesmo calendário  
naquela igreja que ainda continua lá

E nós tivemos filhas  
que têm a mesma idade  
nascidas na mesma maternidade  
que assim como nós cresceram  
tiveram filhos  
que os avôs conviveram  
nas mesmas praias  
dos gêmeos janeiros

Quando Joaquim sumir  
vou desaparecer também  
afinal, não sei viver sem ele

## A HISTÓRIA DOS MEUS ESPELHOS

Foram tantos os espelhos  
que ao longo da vida  
do outro lado olharam para mim

O primeiro tinha um bebê  
que se parecia muito comigo  
e que me olhava sorrindo  
com surpresa e alegria

Depois teve aquele espelho  
que me ensinou a escovar os dentes  
de cima para baixo  
começando pelos dos lados  
e terminando com os da frente

Alguns poucos anos seguintes  
o mesmo espelho me viu banguela  
como se tivesse aberto na boca uma janela  
pelo leite dos dentes que não derramei

O terceiro espelho se assustou  
com minha cara cheia de espinhas  
só não enxergou minha agonia embaixo  
porque envergonhado dele apagava a luz

Tenho saudades do quarto espelho  
pois foi nele que apaixonado ensaiei  
incontáveis juras eternas de amor  
e nenhuma delas sequer foi cumprida

O mais triste dos espelhos  
foi aquele que estava em janeiro

no dia em que penteei os cabelos  
antes de ir ao enterro de minha mãe

Teve espelhos que me viram  
inseguro e hesitante  
inquieto, aperreado e confuso  
enquanto outros me olharam  
animado, jovial e vibrante  
teve até um que me flagrou  
esnobe, convencido e arrogante

Agora que o espelho do hoje  
me contempla calvo e grisalho  
com vincos cavados pelo tempo  
será que por estar novamente desdentado  
ainda vou poder retornar ao meu menino  
e encontrar meu primeiro espelho?

Quantas faces deixei encravadas  
nos meus tantos espelhos?

## SONETO EM LINHA RETA

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## CANÇÃO DO AMOR ANTIGO

Nosso amor é anoso  
tão velho e longevo  
como a barba grisalha  
de um deus pagão antigo  
Nosso amor tem o pulsar cósmico  
explosivo das estrelas  
e o DNA do átomo primordial  
que vem desde o primevo estampido  
Nosso amor antecede ao Código de Hamurabi  
ao mármore branco do Taj Mahal  
ao farol apagado de Alexandria  
a alvenaria das pirâmides do Egito  
o genésico paterno dos fósseis primitivos  
ao parente mais idoso de Matusalém  
as flores e as plantas ornamentais  
do Jardim Suspenso da Babilônia  
ao brotar do primeiro siso da minha bisavó  
e ao fruto do Paraíso não comido  
Nosso amor não está impresso nos livros  
nem Jane Austen nem Shakespeare  
poderiam sequer haver de tê-lo escrito  
pois sua caligrafia é feita com a mesma letra  
do oxigênio invisível daquilo que é indiscreto  
Nosso amor vem desde a Suméria  
indo além da Babilônia e da Macedônia  
trazendo consigo a sabedoria cultivada dos anciões  
com a idade somada de todos os milênios  
e só não é mais velho do que Deus  
porque foi Deus quem lá atrás nos originou

## A NOITE BAGUNÇADA

Meia-noite  
e a Lua ainda não chegou

Os cachorros desorientados não latem  
os galos dormem até mais tarde  
os lobisomens não entendem nada  
as corujas empertigadas de olhos arregalados  
se ocultam por detrás dos galhos assustadas  
os bêbados ficam mais embriagados  
as pessoas perdidas não sabem voltar pra casa  
os radares dos morcegos são revirados  
os amantes esgotados desmaiam fatigados  
os vagalumes têm suas luzes desligadas  
porque o atraso da Lua deixou a noite bagunçada

Terá a Lua se libertado da gravidade  
e seguido para frente em linha reta  
em busca de um novo planeta que lhe seduza  
e que lhe atraia com um piscar de olhos magnéticos  
ou será que a Lua assim desencarcerada  
vai voar pelo espaço como um fantasma  
a assombrar as estrelas das outras galáxias?

O que saberão os relógios sobre as horas notívagas  
se as noites não tiverem mais suas Luas  
a lhe separar a escuridão pela metade?



## A LINGUAGEM SILENCIOSA DAS ESTRELAS

Entre mim e aquela estrela  
uma noite inteira nos separa  
Não fosse o barulho das ruas  
o buzinar agoniado dos carros  
o burburinho que vem dos bares  
os cachorros que ora latem  
e a algazarra das crianças insones  
do apartamento do vizinho ao lado  
todo um silêncio nos interligava

O que sei eu das estrelas  
elas que não sabem nada de mim?  
E se soubessem o que saberiam  
já que nem eu direito sei quem sou?

Nos meus tempos de mocidade  
nas poucas aulas de Física que não gaseava  
aprendi serem as estrelas feitas de gases e poeiras  
diminutos pedaços turbulentos de calor  
que aquecem o outro lado do Universo  
no oposto da noite em que aqui estou

Dizem que as estrelas falam no dormir dos homens  
mas teve noites em que me fingi na cama dormente  
inerte com as pálpebras dos olhos fechadas  
porém com os ouvidos bastante aguçados  
e o que escutei foi o sossego infinito do espaço  
Talvez o silêncio seja o idioma das estrelas  
e eu ainda preciso ser nele alfabetizado

Da gravidez das estrelas nasce a luz  
que sem a Lua, as lâmpadas e os postes

não iluminam o interior escuro do meu quarto

Um dia

quando conhecer falar a língua das estrelas  
e me tornar versado em conversar em silêncio  
vou perguntar a elas em que lado do Cosmos  
é o acomodado lugar onde os anjos dormem

## O VIDENTE

Quisera eu  
quisera eu  
ter uma bola de cristal  
poder ver meu passado  
e nele com que agora sei  
ter te visto mais cedo  
namorado antes da hora  
noivado contigo no dia seguinte  
e casado imediatamente depois

Quisera eu  
quisera eu  
que no meu passado revisitado  
soubesse ler meu futuro nas cartas  
e aí teria te conhecido no berçário  
saídos de mãos dadas da maternidade  
assoprar juntos a vela do teu primeiro aniversário  
brincarmos de casinha na infância  
descobrir teu corpo na puberdade  
apaixonar-me por ti na mocidade  
e estar ao teu lado no chegar da maioridade

Quisera eu  
quisera eu  
ter o dom dos profetas  
ver com clareza o que não está no presente  
ter nascido Nostradamus  
de uma mãe cigana  
e de um pai tarólogo  
neto uma avó africana  
parente distante de Cassandra

Quisera eu  
quisera eu  
saber o depois do amanhã  
no anteontem do meu antigamente  
então tudo me seria diferente  
no hoje que te teria na memória  
com lembranças mais precedentes  
e em todos os dias de todas as semanas  
em todos os meses de todos meus anos  
seria sempre satisfeito, feliz e contente  
no conjunto somado de todas minhas idades

Quisera eu  
quisera eu

## O ACENDEDOR DO DIA

Vou desligar a noite  
e acender a luz da manhã  
no escutar do vozear dos pardais  
no imo dos tímpanos dos meus ouvidos

No cochilar residual da cidade  
o silêncio ainda exala resíduos noturnos  
logo varridos pelo caminhão do lixo  
que atrasado chega para o serviço  
enquanto espanto os monstros de volta  
ao interior dos armários de onde  
vou retirar minha melhor roupagem  
e me encobrir de azul claro amarelado  
como se eu fosse a aurora do dia

Aos poucos que nem uma aranha  
o nascer da alvorada vai tecendo sua teia  
no entrançar dos fios madrugados  
para capturar os futuros acordados  
na trama dos dramas nossos de cada dia

Quem sou para avisar os até agora dormentes  
que a noite já se foi carregando consigo os sonhos  
e que o Sol nos espera no abrasar suarento  
neste verão estufado e calorento à beira-mar  
deste imenso Oceano Atlântico nordestino?

No espreguiçar das pálpebras  
sou eu quem acendo o dia

## QUANDO AS TARDES CHORAM

As tardes parecem intermináveis  
quando chovem

O acinzentado do céu escurece o dia  
no recolher prematuro do Sol  
enquanto as nuvens lacrimejam saudades  
sobre a cabeça das casas, dos homens e das árvores

Toda uma melancolia molhada  
escorre pelos ocultos da cidade  
no escorregar solitário das almas  
e no esvaziar das praças e das calçadas

As tardes quando chovem  
trazem o murmurinho dos pingos  
e o vento frio dos horizontes  
congelando o tempo no entorpecer  
sonolento e embaçado dos relógios

As águas das tardes chuvosas  
arrastam dejetos pelas ruas  
e os barquinhos de papel das crianças  
em rios que não vão dar no mar

Quando as tardes chovem  
o mundo fica em suspenso  
apenas para ver o seu chorar

## AS CEROULAS DO MEU AVÔ

As ceroulas do meu avô  
são do tempo das coisas findas  
época em que se andava de bonde  
e as calvícies eram encobertas por chapéus

As ceroulas do meu avô  
remonta a datas que já não existem  
quando as mulheres usavam boleros  
as praias pareciam distante e desabitadas  
e os jovens dançavam ao som do swing

Naqueles dias sepultados sob o esquecimento  
doença se chamava de achaque  
bagunça e baderna era fuzarca  
quem era cupido era alcoviteiro  
alma sebosa tinha o nome de calhorda  
e se hoje fosse ontem as ceroulas do meu avô  
seriam chamadas de estrovenga

As ceroulas do meu avô  
tem a idade de um século  
feitas com finos fios de algodão arcaicos  
lavadas nas águas límpidas dos rios  
que o passar dos anos secou

As ceroulas do meu avô  
vieram antes de mim  
e como não há fotos dele quase pelado  
eu nunca conheci as ceroulas do meu avô

Ah, que saudades tenho  
das ceroulas do meu avô!





## O TEMPO INTERROMPIDO

De repente o tempo parou  
e ninguém me avisou

Passei pela tarde  
como se estivesse na manhã do dia  
e a noite para mim nunca chegou

E os minutos ficaram iguais  
as horas se tornaram idênticas  
os dias se seguiram similares  
os meses e os anos sumiram  
e desde então não sei mais  
o que é assoprar velinhas  
cantar parabéns para mim  
e fazer de novo aniversários

No desaparecimento do tempo  
fiquei confinado ao passado  
em um presente continuado  
onde o amanhã do hoje se ofuscou

Desde então  
fico na imortalidade da memória  
esse povoado impregnado de ontem  
onde nele o tempo me desabitou

## BLUE SKY

No céu azulado da infância  
habitavam anjos e arcanjos  
além dos santos canonizados  
para quem minha mãe tanto rezava

Sob o céu azulado da infância  
os dias nunca terminavam  
apenas às noites escureciam  
e depois de manhã retornavam

O céu azulado da infância  
era feito de ladrilhos azuis  
que sempre eram limpos  
no amaciar algodado das nuvens

Sob o céu azulado da infância  
tudo estava no mesmo lugar  
a escola, os vizinhos, os amigos  
os tios, os primos e meus pais  
assim como a casa em que morava  
que o céu azulado da infância tudo levou  
quando o azul do céu da infância desbotou

## MEU ANJO DA GUARDA

No Universo ateu em que vivo  
todas as noites meu anjo da guarda reza por mim

Não sei de que céu meu anjo caiu  
apenas sei que ele é meu mais fiel amigo

Meu anjo não é de pedra  
nem é pintado como são os anjos das igrejas  
pois ele é feito do que são feitas as coisas invisíveis  
como o oxigênio, o grão da poeira e o sopro do vento

Meu anjo da guarda me abraça  
com o proteger das plumas de suas asas  
e me consola com seu hálito perfumado de estrelas

Acho que meu anjo da guarda  
foi minha mãe que dela me emprestou  
no dia em que ela foi coabitar com Deus

No Universo ateu em que vivo  
todas as noites minha mãe reza por mim

## NADA MAIS SERÁ COMO ANTES

Nada mais será como antes  
depois que eu já não viver mais

O Sol brotará indiferente  
vindo por detrás do horizonte  
a iluminar o quarto em que estou ausente  
onde outra pessoa estará dormindo  
sonhando sonhos que não são os meus

O espelho que está no banheiro  
não mais enxergará minha nudez  
e a água na qual me banhava no chuveiro  
será como o rio de Heráclito a me levar  
ao salgado interior distante do mar  
em cujas ondas ali não irei mais surfar

Nunca mais se ouvirá minhas palavras  
as faladas, as escritas e as sonegadas  
assim como os versos que não escrevi  
jamais encontrarão olhos de gente  
e o Mundo será privado do poema que não leu  
e o Universo perderá o poeta que não conheceu

Na fruteira as bananas que não comerei  
apodrecerão órfãos da minha boca  
as calçadas não terão minha sombra  
as aliviar da quentura dos verões vindouros  
e as formigas se alegrarão por sobreviverem  
ao esmagar dos calçados que não mais porei

Quando eu daqui sumir  
nada mais será como antes

As manhãs não serão as mesmas  
as árvores vão viver encurvadas de nostalgia  
as chuvas serão lágrimas choradas das nuvens  
as traças e os cupins farão greve de fome  
todos os dias serão feriados de finados  
ninguém mais irá retirar poemas da Poesia  
as livrarias fecharão as portas em minha homenagem  
e o Cosmos se encobrirá com o negro do luto  
ficando taciturno por toda a sobra da eternidade

## O OLHAR INVERTIDO DAS ESTRELAS

O que vê aquela estrela quando me olha  
este meu olhar contemplando o olhar dela?  
O que pensa essa estrela me vendo  
fumando debruçado sobre a janela  
será que ela me enxerga embaçado  
pelo nebular vaporizado do cigarro  
ou será que ela acha que sou  
sobras da última brasa que restou  
de uma fogueira ainda não apagada?  
Li em algum lugar que a distância entre nós  
é de quatro milhões e meio de anos luz  
e quando ela finalmente na noite me avistar  
já estarei no escuro do outro lado do Universo  
e aí então eu serei mais velho do que ela  
Ah! se aquela estrela soubesse  
os versos que agora lhe faço  
talvez me fitasse mais cedo  
antes das labaredas findarem

## DEPOIS DAS NUVENS...

No escalar das nuvens  
vou chegar até o pico do Everest  
e lá alcançando subir mais uns metros  
para ficar próximo das estrelas  
e menos distante de Deus

## MINUTO GOSTOSO

Quero mais um minuto  
mas que seja um minuto molengo  
como são os minutos domingueiros  
por não se precisar acordar assim tão cedo  
e ficar se espreguiçando sobre a cama do tempo

Quero mais um minuto  
que se passe manhoso e dengoso  
do tamanho do minuto brando e carinhoso  
que era como ficava ao receber gripado  
os raros beijos molhados da boca da minha mãe

Quero mais um minuto  
do mesmo jeito do minuto após a pelada  
tomando uma cerveja estupidamente gelada  
derretendo que nem sorvete de baunilha  
sob um sol incendiado e escaldante de meio-dia

Quero mais um minuto  
entusiasmado e exultante  
parecido com aquele do passado  
depois que encontrei meu nome completo  
na lista dos aprovados no vestibular daquele janeiro

Quero mais um minuto  
igual aos minutos serotoninérgicos  
que se sucedem aos orgasmos transpirados  
em nossos corpos iluminados pela luz do luar  
aclarando o quarto apagado durante uma noite de amor

Quero mais um minuto



prolongado, meiguiceiro e deleitoso  
para devagar te ver fechando os olhos  
antes de ingressar nos minutos do sono  
em que aguardo te encontrar comigo sonhando

## LEMBRE-ME

Só há uma vida nesta vida  
e ela não é para sempre

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

Só existe uma pessoa em cada pessoa  
e somente ela sente o que sente

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

Cada um tem a memória que tem  
e todas as histórias são sempre diferentes

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

Ninguém é similar ao outro  
nem o outro é igual a ninguém

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

As fomes são tão desiguais e divergentes  
ainda que todos tenham em si suas apetências

Lembre-me...

Lembre-me...

Lembre-me...

E quando a poesia terminar  
e nenhum verso mais há de se falar

todos iremos ao destinado mesmo lugar  
no iluminado apagar do interior da gente  
Lembre-me...  
Lembre-me...  
Lembre-me...

## AS PAREDES BRANCAS DO MEU QUARTO

Quando cá cheguei  
já existiam as paredes brancas do meu quarto

Junto às paredes brancas do meu quarto  
revelei meus sonhos  
meus amores e dessabores  
minha nudez descoberta  
e o trocar de todos os disfarces

Em meio às paredes brancas do meu quarto  
nasci, cresci, vivi, amadureci, envelheci  
e quando daqui partir  
para onde se vão aqueles que partem  
as paredes brancas do meu quarto irão continuar

Quero a imortalidade  
das paredes brancas do meu quarto

## UM DIA EU CHEGO LÁ

Um dia eu chego lá  
demore o tempo que passar  
custe aquilo que custar  
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá  
não importa o tamanho da estrada  
os obstáculos que devo superar  
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá  
andando por onde caminhar  
pela terra ou por cima do mar  
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá  
seja de carro, de trem ou de avião  
de navio ou de carona em caminhão  
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá  
indo em frente e às vezes na diagonal  
até rodando em círculos que nem espiral  
um dia eu chego lá

Um dia eu chego lá  
e lá alcançando vou dormir  
não por estar cansado ou exausto  
apenas porque um dia eu cheguei lá

## QUANDO FOR PARA O INFINITO

Quando for para o infinito  
vou então deixar esta vida de lado  
meus poemas não terminados  
as cartas de amor dos tempos de enamorado  
a lista de compras do supermercado  
e todos os boletos previamente quitados

Quando for seguir em frente  
para onde não existe mais em frente  
vou me ausentar das horas do jantar  
não ter mais com o que me preocupar  
nem escolher a roupa para ir trabalhar  
deixar de levar o cachorro para passear  
e no refrigerador uma cerveja Stella Artois

Quando me ofuscar no perpétuo  
perderei meus poucos retratos  
jamais terei de ser beato  
esquecerei na gaveta os certificados  
daqueles cursos por mim cursados  
minhas certidões de nascimento e de casado  
e na agenda o horário com o médico marcado

Quando meu sumiço fizer parte do infinito  
quem irá então ficar com minhas meias  
e este meu punhado de sonhos desabrigados?

## BISSEXTO

Vou fatiar os dias  
em quatro retalhos  
distribuindo cada pedaço  
pelos anos do meu calendário  
e me tornar assim bissexto  
Tornando-me bissexto  
vou fazer menos aniversários  
Fazendo menos aniversários  
quando minha velhice terminar  
vou então morrer de juventude

## DE QUANTAS VIDAS SE FAZ UMA MORTE

Na primeira vez não morri por um triz  
Na segunda a morte errou de endereço  
Na terceira fui eu que me escondi  
Na quarta ela ficou presa no trânsito  
Na quinta era o feriado de finados  
Na sexta a morte se esqueceu de mim  
Mas da sétima vez não escapo  
Pois minha esposa vive sempre dizendo  
Que para ela eu sou um eterno gato



## APENAS UM BOTÃO

Um botão  
apenas um botão  
e tua nudez será desvelada  
Um botão  
apenas um botão  
e meu amor se tornará carne  
Um botão  
apenas um botão  
e o paraíso será reencontrado  
Um botão  
apenas um botão  
e a noite será interminável  
Um botão  
apenas um botão  
e o resto é somente Humanidade  
Um botão  
apenas um botão  
não mais que um botão  
nos separa do entrelaçar  
da minha com a tua felicidade

## DIAS FEIOS

Que dia feio  
que dia triste  
que afugenta e assusta  
o deus nos acuda das algazarras

Dias feios acinzentam  
o encardido cinza das cidades  
e é quando os passarinhos  
não voam e nem cantam  
apenas se escondem do frio

Que dia feio  
que dia tristonho  
que expulsa as formigas das calçadas  
por não quererem se afogar ensopadas

Nos dias feiosos  
o céu se torna grisalho  
a manhã se faz esquisita  
os minutos duram lentificados  
e até as nuvens ficam gripadas

Porém  
são nos dias feios  
lagrimosos e encaramujados  
que me retraio para dentro  
afim de me amornar com o sol  
que trago no interior aquecido de mim

## ADÃO E EVA

No paraíso  
um mais um é igual a dois

Fora dele  
um mais um gerou três  
e do três... se começou  
toda uma humanidade

#@%£@§&\*¥

No tempo dos nossos avós  
se xingava assim:

"seu mentecapto"

"sua mequetrefe"

"você é um beócio"

"ela é uma mocosona"

"aquela ali é uma janota"

"seu energúmeno"

"calhorda"

"meu chefe é um biltre"

"sua alcoviteira"

"seu pulha"

"vá tomar banho na soda"

"vá catar coquinho"

"ele é um chato de galocha"

"vai tomar na tranqueira"

"você é um purgante"

"filho de uma que ronca e fuça"

Já não se fazem mais  
palavrões como antigamente

## ESTOU COM SONO, MAMÃE

Estou com sono, mamãe  
estou com sono de acordar  
e me ver em um quarto vazio  
em que você não está mais lá

Estou com sono, mamãe  
estou com sono

## POEMA PSICANALÍTICO

Minha alma é tripartite  
que nem a de Platão

Meu ID é lacaniano  
meu EGO é escorpiano  
e meu SUPEREGO tem a mesma imagem  
que o lago projetou aos olhos espantados de Narciso

No umbigo de quem sou  
trago lembranças recalçadas  
de um tempo em que não falava  
onde não sabia nada de relógios  
ainda não tinha conta bancária  
nunca havia feito aniversários  
e o mundo e a eternidade eram apenas  
uma contiguidade prolongada de mim

Meu Complexo de Édipo jamais foi desvendado  
nem sequer consegui casar com minha mãe  
mas todo objeto de amor por mim idealizado  
tem o cheiro das fragrâncias dos seios kleinianos

Quem me vê assim tão Joaquiniano  
não sabe que por dentro sou todo freudiano

## PUER AETERNUS

Todo ser humano nasce bebê  
e todo bebê humano nasce prematuro

Nenhum ser humano já nasce  
pronto e preparado para viver o mundo  
cujo mundo somente nos nasce aos poucos

A criança é um poço infundo de curiosidades  
e é constantemente aberto às experiências  
Toda criança é lúdica, imaginativa e criativa  
é ousada, solta, liberta, afoita e ligeira

É na infância que plantamos  
fazemos brotar e florescer  
o que como adulto iremos colher

Às vezes tem adultos que precisam  
voltar ao puer da infância  
para poder como adultos crescer

## MEUS DITADOS NÃO POPULARES

Na era do exibicionismo  
quem é anônimo é rei  
Quem se auto cancela  
nunca é cancelado  
Seja troiano  
não olhe os dentes de um cavalo dado  
Brincadeira de morto  
é fingir que tá vivo  
Por detrás da sombra  
há sempre algum escuro  
De noite todo mundo é bonito  
até no outro dia você acordar com ele  
Amar é gostar  
da flatulência do outro  
Povo é tudo aquilo  
que não é elite  
No galinheiro  
todo galo é galinha  
Bacabal de hortaliças  
é salada  
No jogo do bicho  
quem joga na vaca não é vegano  
Pitbull de madame  
é poodle  
Quem nasceu pra peixe  
vive molhado  
Quem busca ser perfeito  
quer ser marciano  
De grão em grão  
a galinha vai pro abate  
Na vida digital  
quem quer morrer desliga o celular



Narcisista é aquele que se olha  
no espelho do lado contrário  
Quando não se está inspirado  
se escreve besteiras como estas

## THE BOOK IS ON THE TABLE

Se os segundos forem letras  
se os minutos forem sílabas  
se as horas forem palavras  
se os dias forem frases  
se as semanas forem parágrafos  
se os meses forem capítulos  
e se os anos forem as páginas  
onde tudo acima estiver impresso  
então sou um livro velho e usado  
escrito da esquerda para a direita  
com dezenas e dezenas de páginas  
em uma caligrafia quase ilegível e sinuosa  
com vários capítulos incompletos  
cheio de parágrafos desbotados  
em um amontoado de frases labirínticas  
por cima de um oceano de palavras angulosas  
formando um texto confuso e caótico  
sobre uma mesa de um sebo mofado

Deus escreve certo por linhas tortas

## PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE AMOR

Eu não te amo porque quero  
mas porque meu coração quer

Por mim não te amaria  
porque por mim ninguém amaria  
mas sem você, quem eu seria?

Te amo porque te amo  
senão não amaria  
mas se não te amasse  
aqui não escreveria

O amor não tem razão  
nenhuma explicação lógica e objetiva  
mas por ser da ordem do coração  
é um treco irracional e subjetivo

Te amo porque não sei fazer outra coisa  
e mesmo que soubesse iria te amar  
mas não te amo pra somar nossas vidas  
e sim para dividir minha vida com a tua

Te amo nem sei por quê  
mas amar não tem porque  
apenas como, onde e pra quê

Te amo porque tenho fome  
fome de amar as horas de todos os dias  
das horas dos dias em que tu estás

Te amo como a boca de um recém-nascido  
ama o bico do seio de sua mãe

e por isso acordo para nascer de novo

Te amo porque te amo  
feito Drummond amou  
feito Vinicius cantou  
feito Neruda declamou

Te amo porque te amo  
e que se dane o resto

## ENTRE O MENINO E O VELHO

Havia um homem  
Havia um menino  
E no meio um jovem

Havia um homem  
Um rapaz e um menino  
E na frente havia um velho

Havia um velho  
Que conduzia o homem  
Que puxava o jovem  
Que carregava o menino  
Que trazia o ontem  
Na anamnese do hoje  
Das recordações do jovem  
Que estão nos pensamentos do homem  
Que fazem amanhã as lembranças do velho

Havia o testemunho da memória  
Os sonhos sonhados de outrora  
O evocar nostálgico do agora  
O dissolver constante do instante  
E a incerteza do depois e do mais adiante

## O MAIS BELO POEMA

O mais belo poema que fiz  
eu nunca escrevi

O mais belo poema que fiz  
não tem palavras ou regras gramaticais  
não sabe das datas nem dos horários  
e sequer conhece o existir do não

O mais belo poema que fiz  
foi retirado da matéria dos sonhos  
e do mundo onírico permeado de escuridão

O mais belo poema que fiz  
tem o som sussurrante das entranhas  
como se fosse uma valsa vienense  
musicada pela cadência pulsante do coração

O mais belo poema que fiz  
é pintado inteiro de vermelho  
de cima pra baixo  
de um lado ao outro lado  
e por todo apertado meio

O mais belo poema que fiz  
é mais úmido e molhado  
que o fundo profundo de um oceano  
de onde se escuta vindo de longe  
o canto hipnótico e calmante das sereias

O mais belo poema que fiz  
é sem gosto e sem cheiro  
mas tem o sabor e o aroma

do sândalo e da rosa turca  
da pele do pescoço da minha mãe

O mais belo poema que fiz  
fiz no último instante anterior  
ao minuto do dia em que nasci

## VOU, AMOR, VOU...

Vou, amor  
vou  
Se antes ou depois  
não sei  
só sei que vou

Vou, amor  
vou  
Vou para o Shangri-Lá  
do Horizonte Perdido  
Vou  
para Valhalla de Odin  
Vou  
para o Olorum dos espaços infinitos  
Vou  
para o Nirvana de Buda  
Vou  
para o sétimo céu  
gerenciado pelo Arcanjo Gabriel

Vou, amor  
Vou  
Vou para o oásis verdejante  
do Islão  
Vou até antes de Adão e Eva  
terem comido o fruto proibido  
Vou para o Éden  
de que minha mãe falava

Vou, amor  
Vou  
Vamos nos encontrar



logo ali onde fica o Paraíso

Vou, amor

vou

Vamos nos encontrar

logo ali onde fica o Paraíso

## O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Vou fazer de conta  
que sou teu príncipe encantado  
e te resgatar da parte mais triste do teu passado

Vou fazer de conta  
que tenho um tapete alado  
e voar contigo juntinho ao meu lado

Vou fazer de conta  
que sou o gênio da lâmpada mágica  
atender ao meu desejo de ser por ti amado

Vou fazer de conta  
que és minha Cinderela no baile  
e dançar contigo com o relógio parado

Vou fazer de conta  
que tens os longos cabelos de Rapunzel  
e subir neles até alcançar o céu

Vou fazer de conta  
que me transformei num sapo  
apenas para ganhar teu beijo e contigo me casar

No final das contas  
casando-me contigo vou viver feliz para sempre  
pois é para sempre que fui condenado a te amar

## VOU TE AMAR COMO NO CINEMA

Vou te amar como nos filmes de Hollywood  
e te dizer I Love You também

Vou te beijar feito um Clark Gable desvairado  
e te abraçar como se fostes minha Greta Garbo

Vamos formar um par perfeito  
pois nosso amor é amor verdadeiro  
que nenhum vilão ou bruxa má  
haverá de nos impedir ou nos separar

Vou te levar para a Lagoa Azul  
morarmos juntos em Casablanca  
viver o Lado Bom da Vida  
ser teu Shakespeare Apaixonado  
dançar contigo em Ritmo Quente  
ao som das músicas de Ennio Morricone

Vou te amar como nos cinemas  
e no nosso filme não haverá The End

## **SOBRE UM POEMA INACABADO**

E eis então que  
o chão da terra tremeu  
os pássaros silenciaram  
os cães se calaram  
o mar da praia secou  
o despertador não tocou  
minha esposa não acordou  
o carteiro não chegou  
a internet não funcionou  
o cigarro se apagou  
o carro do ovo não passou  
as igrejas ficaram fechadas  
a guerra acabou  
o sol esfriou  
o dia sumiu  
a noite não chegou  
o céu desapareceu  
o universo encolheu  
e este poema jamais terminou

## O MUNDO VISTO PELO UMBIGO

Meu mundo começa como enxergo  
e termina naquilo que vejo

É pelo olhar da alma  
que olho o chão da terra em que piso  
e tudo que percebo e reparo  
tem a translucidez das lentes que eu trago  
(o mundo tem o tamanho do horizonte que alcanço)

Minha mundividência tem o som das crenças  
o ruído sussurrado dos sentimentos  
o murmúrio balbuciante dos sentidos  
o gaguejar cochichado dos valores  
e o soluçar gemido dos livros lidos

Quando eu sumir do Mundo  
vou chegar para Deus e dizer  
"eu vi o mundo  
ele se inicia e se finda comigo"

## O CERTO, A VERDADE E O INDUBITÁVEL

Quando tinha 21 anos  
estava certo de que seria advogado  
Hoje faz 40 anos que sou psicólogo

Há mais de 2000 anos atrás  
meus ascendentes acreditavam que o Olimpo  
era habitado por um amontoado de deuses  
Hoje todos esses deuses estão mortos

No século passado minha mãe sonhava  
com um céu cheio de anjos e santos  
Hoje quando o olho o céu de minha mãe  
encontro-o vazio e não vejo nada

Há décadas atrás a verdade era uma coisa  
mas décadas depois a verdade era outra coisa  
Hoje não sei mais o que é a verdade

Quando nasci eu era iletrado  
Quando cresci fui alfabetizado  
Hoje sou analfabeto dos meus afetos

Tudo o que é certo  
correto, claro e verdadeiro  
amanhã pode ser mudado

Cada certeza tem seu prazo de validade

## ESCRAVO DO ONTEM

Sou escravo do que veio antes do hoje  
de um ontem que ainda não terminou

Sou filho da Literatura  
e primo próximo do Cinema  
Em mim  
há mais páginas lidas do que neurônios  
meus ácidos nucleicos são paternos  
metade dos meus cromossomos são maternos  
e meu temperamento é sanguíneo e colérico

Em minha subcutânea subjetividade  
sou afilhado do que conheci e aprendi  
mas também sou comparsa do que esqueci

Quem quiser entender do meu passado  
não precisa encontrar meus velhos retratos  
nem cascavilhar o baú de lembranças  
que guardo no fundo escuro do armário  
basta me olhar no andar do presente  
pois ali estão os rastros do que trago

Quem me vê assim calado  
saiba que estou dialogando com o passado

Sou escravo do ontem  
e condenado estou a comigo levá-lo

## AMOR SEM ECO

De tantas palavras mal ditas  
a mais maldita é o silêncio diante do amor  
Não o silêncio da compreensão  
ou o silêncio do acolhimento e do consentimento  
mas o silêncio do descaso e da falta do cuidado  
o silêncio do desdém e da desconsideração

Nada mais dói a quem ama  
do que a indiferença  
a ausência da reciprocidade  
a impassibilidade frente ao afeto  
e o menosprezo ante ao apreço

Infeliz o destino de um amor macambúzio  
de um amor que não encontra seu eco  
de um amor sem a devida mutualidade  
de um amor sumido no mar da omissão

Ah, meu amor  
não importa que me ames  
nem que gostes da minha pessoa  
mas sim que tu ames o amor que sinto por ti



## NO ÚLTIMO DIA DE MARÇO

No último dia de março  
do ano da Copa do Mundo na Argentina  
conheci uma garota recém ingressa na maioridade  
que no meio da noite por perto de mim passava

Não sabia, então  
que flertava minha namorada  
que cativava minha noiva  
que cortejava minha esposa  
que papeava com a mãe da minha filha  
que namoricava a avó dos meus netos  
e que passaria o resto da minha vida com ela

O resto da minha vida  
começou no último dia de março  
daquela remota noite do século passado

## CANÇÃO DO AMOR INFINDÁVEL

Quando meus neurônios se encontram com os teus  
meu desejo é ser objeto do teu mais íntimo desejo

Quando nossos sonhos se entrelaçam  
meu sonho é me sonhar dentro dos teus

Quando te vejo olhando os olhares meus  
e neles tu vês o bailar das minhas retinas

Quando a noite nos encobre em seu lençol estampado de estrelas  
e o calor do meu corpo se aconchega no agasalhar da tua fogueira

Quando as palavras se calam para escutar o conversar das línguas  
no afogar das mágoas no estuário banhado das nossas bocas

Quando a saudade estiver se construindo em gerúndios  
e no futuro do amanhã que ainda chegou for lembrança

Quando gastarmos os solados dos sapatos  
restar-nos-á os pés descalços a caminhar

Quando meu peito estiver colado ao teu  
estamos bailando a ária que Deus escreveu

Quando tudo acima não mais existir, amor  
é porque fomos continuar no outro lado da eternidade

## APENAS HUMANO, POR DEMAIS HUMANO

Não posso me curar de mim  
logo eu que nasci colado à cara

Não posso apagar os erros que cometi  
mas posso aprender com eles  
Me confessar  
pedir desculpas  
rezar um pai-nosso  
três ave-marias  
depois fazer jejum  
e novos erros praticar

Magoei  
machuquei  
ofendi  
pequei  
menti  
fiz quase tudo  
que um ser humano sempre faz

Xinguei  
e fui xingado  
Transviei  
e fui extraviado  
Falseei  
e fui enganado  
Feri, afrontei  
mas apanhei  
e fui maltratado  
Vivi quase tudo  
que um ser humano  
vive, sofre e sempre faz

Freud dizia que  
existimos como se fôssemos de ferro  
porém somos feitos de carne  
Em meu corpo há desejos  
que até deus desconhece  
ainda assim cometi coisas  
que poderia também ser santificado

Sei que errar é humano  
mas quando erro me sinto culpado  
Se erram comigo, então,  
de pronto já fico todo irritado  
Minha melhor imperfeição  
é não conseguir ser perfeito  
e sim incompleto, falho  
incorreto e inacabado  
que nem sempre anda direito  
pois também piso com o pé esquerdo

É preciso coragem de ser quem se é  
não temer ser tachado ou acusado  
pois fomos escritos e criados  
por uma divina caligrafia sinuosa  
ou foi a natureza que nos fez  
pra tentarmos acertar sendo errados

Quem tem medo de errar  
deixa por sua vez de viver  
e quem, vivo, não vive  
está por inteiro  
perfeitamente errado

Não brotei das ciências exatas  
por isso sou ambíguo  
impreciso, indefinido e inexato

Não posso me curar de mim  
já que no espelho me vejo humano  
e nasci comigo colado à cara

## HOJE VOU LEVANTAR COM O PÉ ESQUERDO

Hoje vou levantar com o pé esquerdo  
e me arrumar direito

Hoje vou sair pela porta de trás  
descer pelo elevador de serviço  
dar bom-dia ao gato que dorme na garagem  
pegar o carro e desligar o rádio  
para escutar o canto dos pássaros

Hoje vou pelo o oposto do ontem  
entrar na contramão do amanhã  
e rumar para os minutos que me esperam  
no outro lado extremado da cidade

Hoje vou ser diferente  
pois ser igual a mim mesmo já entendo  
apenas ainda não sei o que me há por dentro  
além das cercanias daquilo que já conheço

Hoje vou visitar o túmulo dos meus pais  
que não vejo desde o século passado  
quem sabe lá não encontre o que havia deixado  
no caminho que a vida retirou de mim?

Hoje vou saber afinal quem sou  
juntar meus contrários e inversos  
e como eles e eu fazer versos diversos  
que fujam do comum que escrevo

Hoje vou levantar com o pé esquerdo

## A HISTÓRIA DE TUDO

Há 15 bilhões de anos atrás  
A estrela mais antiga não brilhava  
Há 5 bilhões de anos atrás  
Nem a Terra por aqui existia

Há 500 milhões de anos atrás  
Os dinossauros não existiam  
Há 10 milhões de anos atrás  
Não haviam homínídeos

Há um milhão de ao atrás  
O homo erectus não havia nascido  
Há 500 mil anos atrás  
Nem o homo sapiens havia surgido

Há 20 mil anos atrás  
A Mesopotâmia era apenas terra molhada  
Não haviam cidades nem altares  
E os dinossauros não existiam mais

Há 5 mil anos atrás  
O império romano não existia  
Não havia Teogonia  
E ninguém sabia o que era Filosofia

Há mil anos atrás  
Galileu não havia nascido  
O Brasil não tinha sido descoberto  
E o calendário gregoriano não existia

Há 500 anos atrás  
O telescópio ainda não tinha sido inventado

A Lei da Gravidade não era conhecida  
E a Modernidade não existia

Há 100 anos atrás  
Meus pais não se conheciam  
A Rede Globo não existia  
e ano terminou numa quarta-feira

No ano passado  
Este poema não existia  
Eu continuava vivo  
E nada disso me importava

Hoje penso no tempo  
Nas coisas que não conhecerei  
Do que deixarei de estar vivendo  
Enquanto a História continua seu passo



## UMA TARDE COMO AQUELA

Quero uma tarde como aquela  
minha mãe debruçada na janela  
vendo o dia andar frente a ela  
como se as horas fossem aquarelas

As roseiras vermelhas do jardim  
oscilando como barcos no mar  
sopradas pelo vento que vem  
do cais do porto próximo da casa  
e minha mãe envergada na tarde  
observando o tempo pela janela  
passando devagar por ela

Quero uma tarde como aquela  
a carrocinha do vendedor ambulante  
vinda sabe-se lá de onde  
com sabonetes e brilhantinas  
talcos, pentes e perfumes  
de porta em porta transitando  
e minha mãe olhando o mundo pela janela

Quero uma tarde como aquela  
eu remexendo o húmus da terra  
procurando o ouro escondido das botijas  
e com meus dedos encardidos de infância  
brincando com o estica e enrosca das minhocas

Quero uma tarde como aquela  
minha mãe na janela  
as rosas do jardim  
o mascate passando  
eu me sujando de terra

e o dia se pondo  
levando a tarde  
e o menino dentro dela

## A PROPÓSITO

A propósito  
O dia não nasce  
O dia desanoitece

A propósito  
A vida não começa  
Ela continua naquele que nasce

A propósito  
A morte não existe  
É a vida que foi embora

A propósito  
Às vezes penso o que seria do mundo  
Acaso acabassem as formigas

A propósito  
Se o Sol desaparecesse  
Tudo ficaria no escuro

A propósito  
Um dia vou escrever um poema  
Que fale sobre isso

A propósito  
Que dia é hoje?

## **SOBRE O TEMPO EM QUE HAVIA TEMPO**

Sou do tempo  
das aulas de caligrafia  
das letras cursivas  
arredondadas e bonitas  
escritas à lápis ou com caneta  
no branco nevado dos papéis

Sou do tempo  
dos números juntados nas tabuadas  
das réguas de cálculo  
de contar com os dedos  
dos desenhos e colagens  
e dos jogos de quebra-cabeça

Sou do tempo  
dos relógios de ponteiro  
dos pinguins em cima das geladeiras  
das vitrolas e dos rádios bivolts  
das calças curtas dos meninos  
e das saias rodadas das meninas

Sou do tempo  
do iê-iê-iê rebolado  
das pílulas anticoncepcionais rosadas  
dos telefones de gancho  
das chaleiras em ferro batido  
e do Bombril nas antenas de televisão

Sou do tempo  
do tijolinho mágico  
do pião com fieira  
do ioiô de madeira

dos carrinhos de rolimã  
e do pega-pega das brincadeiras

Sou do tempo  
do bip-bip do Sputnik  
das curvas da estrada de Santos  
dos Beatles e dos Monkees  
das músicas açucaradas da Jovem Guarda  
e das calças colantes boca-de-sino

Sou do tempo  
em que havia tempo  
para se ler um livro em uma tarde inteira  
para se pensar antes de falar besteira  
para andar com calma olhando a paisagem  
e escrever sem pressa um bom poema

Sou do tempo  
em que o tempo era mais leve  
mais incolor, inodoro e invisível  
que as moléculas de oxigênio

Sou do tempo  
que o tempo levou  
e apenas ainda não me devorou

## MUDADIÇO TEMPO

Aquilo que fui  
mas não sou mais  
Aquilo que estou sendo  
mas não serei mais  
Aquilo que em breve serei  
mas ainda não sou

No interior de cada aquilo que trago  
o ontem que se foi  
o hoje que se vai  
e o a seguir que chegará  
vai se fazendo minha história  
este amontoado de partículas do tempo  
que em mim se grudaram como cimento  
no aglutinar dos tijolos do castelo da memória

Na cidadela em que habito  
tenho a consciência de que existo  
no existir mutante de cada momento

## O QUE OS RELÓGIOS NÃO VEEM

Os vidros das janelas estão manchados de ontem  
a empoeirar os móveis e os objetos da sala  
como uma fina névoa acumulada de tempo

Tudo ao redor parece roído pelo consumo dos minutos  
no extinguir vaporoso da tarde  
que ruma conformada ao final do dia  
que amanhã borrará ainda mais  
as vidraças já tão sujas e maculadas de idades

Se o Sol soubesse das horas  
amanheceria atrasado e demorado  
apenas para se pôr depois da noite  
e um pouco antes da próxima madrugada

(Os relógios dizem as horas  
mas não sabem nada sobre o tempo  
e os minutos que os relógios marcam  
não são iguais aos minutos que vivo e lembro)

Sobrevivo no persistir das minhas lembranças  
pois é no interior da memória que habita o tempo  
sem números, datas, horários ou agendas

(Sou um breve espaço  
entre meu passado e os sonhos)

O tempo que não usa relógios  
é como um ácido invisível  
que derrete metais e plásticos  
dissolve cálcios, carnes e tecidos  
deixando somente para trás

o rastro amarelecido nos vidros

E assim tudo aos poucos vem e se vai  
o Sol, as manhãs e as tardes  
e o que sempre fica nos seus lugares  
é essa noite escura de estrelas caducas  
a escutar o choro infantil das maternidades

(O Universo e os relógios  
são analfabetos de tempo)



## O SONHO QUE FUGIU DO QUARTO

Certa vez  
não sei quando  
que horas e que data do calendário  
acordei e me dei conta que o sonho  
que tinha com ele sonhado  
não estava mais na cama  
nem no quarto

Procurei por toda a casa  
e em nenhum lugar ele estava

Saí pelas ruas do mundo a buscá-lo  
passei pelos dias  
atravessei os corredores das semanas  
entrei pelas portas dos meses  
dobrei as esquinas dos anos  
e quando parecia que ia desistir  
eis que encontro meu sonho  
sentado no banco de uma praça  
tranquilo, calmo, sereno e pacato

Embora usasse a mesma roupa  
da última vez que o tinha sonhado  
ele havia crescido  
estava mais bonito  
não tinha o semblante de antes  
juvenil, imberbe e apaixonado  
agora ele era corpulento  
forte, consistente e encorpado  
um sonho adulto e amadurado  
Meu sonho  
aquele sonho quase menino

que lá atrás tinha sonhado  
transformou-se em realidade

Peguei meu sonho antigo  
e juntos passeamos pela paisagem  
indo para além dos horizontes imaginados

## POEMA RASGADO

Não há lacunas na vida  
quando um sai  
dois vão ocupar o lugar  
um que nasceu  
e outro que está pra chegar

A vida não se evapora  
como fumaça no ar  
ela se transforma  
em outros cenários  
outras paisagens  
outros rostos  
outros nomes  
novos números de identidade

Os sumidos não voltam  
deixam apenas retratos  
algumas cartas de amor  
guardadas nos armários  
uns boletos pagos  
talvez outros atrasados  
e todos serão rasgados  
jogados no lixo da História

Se cada desaparecido  
deixasse vago seu lugar  
a vida já teria se tornado  
em um enorme vazio buraco

Portanto  
a quem um dia me substituir  
saiba que atrás dele vivi

e por isso escrevo esse poema  
que espero ser lido  
antes que seja rasgado  
ou até das nuvens deletado

## A VIDA É FEITA EM SEGUNDOS

Observo os segundos passando  
levando miúdos pedaços da vida  
que ainda pulsa no interior de mim

Os segundos são diminutas moléculas do tempo  
que herdei dos meus pais e eles dos meus avós  
e a cada segundo em que vivo com o tanto  
dos segundos outros que já vi, esqueci e vivi  
vou terminando aos poucos a minha história

Se a minha história fosse escrita  
na superfície delgada e tênue do tempo  
os segundos seriam os espaços em branco  
entre as letras dos minutos  
que fazem as palavras das horas  
que formam as frases dos dias  
dos parágrafos dos meses  
a compor os capítulos dos anos

E quando meu livro terminar  
no branco final do último segundo  
nenhum segundo mais haverá de me tirar  
a vida que deixou de pulsar no interior de mim

Que me venham os próximos segundos

## O SONHADOR DOS SONHOS

Quem sonha o sonho que sonho?  
Decerto não sou eu acordado  
aquele que sonha o sonho que sonho  
nem sou eu próprio adormecido  
quem sonha o sonho que ora sonho  
pois dormindo estou vivendo o sonho  
e não posso estar sentindo o sonho  
sonhando com ele ao mesmo tempo  
Então  
quem é o sonhador que sonha  
o sonho que a pouco sonho?

Talvez eu seja um hospedeiro  
a albergar no encovado de mim  
um outro que não conheço  
e ele no escuro dos olhos fechados  
no pernoitar dos quartos letárgicos  
vem do interior que não vejo  
e me conta histórias que não entendo

No traduzir de um sonho  
sonho encontrar em mim  
aquele que sonha o que sonho  
toda vez que sonho o que sonho  
como este sonho que agora sonho  
no despertar das coisas enfiadas  
no íntimo do que trago por dentro

## TODO DIA

Todo dia morro  
quando o dia se passa  
no calendário que vejo mais

Todo dia renasço  
no acordar das pálpebras  
no levantar da cama e no sair do quarto

Todo dia enterro um dia  
no cemitério dos dias passados  
já abarrotado de tantos dias sepultados

Nem sei quantos dias tive  
menos ainda quantos terei  
a partir deste dia em que morrerei

Todo dia morro  
e de dia em dia vou vivendo  
até o dia em que não morrerei mais

## PARA NUNCA MAIS DIZER ADEUS

Tornar-me-ei digital  
e vou virar uma inteligência artificial

Guardarei minhas lembranças  
em nuvens que não estão no céu  
pois o céu é o lugar das almas desencarnadas  
no escuro que existe no interior dos azuis

Meus neurônios serão algoritmos  
minhas artérias serão fibras ópticas  
e me trasmudar em impalpável e invisível  
que nem o fantasma do sótão da casa da minha avó

Vou abolir os relógios de pulso  
e me livrar dos calendários  
já que para onde vou inexistente passado  
o futuro durará uma eternidade  
e o presente será o tempo que não acaba

Não vou mais temer a morte  
essa coisa criada para os humanos  
inventarem coroa de flores, velórios  
cemitérios, crematórios e dias de finados

Não precisarei mais das mascaras  
que o espelho dos olhos dos outros refletem  
tanto quando pela frente deles passo  
ou quando na ausência de mim eles falam

Apropriar-me-ei dos dicionários  
das máquinas calculadoras que nem uso mais  
falarei inglês, alemão, turco, grego e javanês



e não mais tirarei nota baixa em prova de português

Vou saber de cor pra que lado fica Cabul  
Kralendijk. Bamaco, Jamestown e Bangui  
conhecer a capital de Chipre e de Cazaquistão  
decifrar o enigma de Andrômeda  
resolver a hipótese de Riemann  
explicar o último teorema de Fermat  
vencer o Deep Blue no jogo de xadrez  
e calcular qual é a idade de Deus

Tornar-me-ei digital  
vou virar inteligência artificial  
para jamais ter que voltar a dizer adeus

## E...

E esse cachorro que não para de latir?  
E esse galo que sempre canta de madrugada?  
E esse choro do filho da vizinha ao lado?  
E esse semáforo constantemente apagado?  
E esse buraco na calçada que ainda não foi tampado?  
E esse caminhão de lixo que não passa?  
E a noite que foi embora no acordar das pálpebras?  
E a luz do Sol espantando os fantasmas para fora?  
E as ondas do mar que a cada instante vêm e voltam?  
E o elevador social de vez em quando quebrado?  
E aquela menina virando aos poucos mulher?  
E o louco na rua gritando à procura de Deus?  
E a casa desocupada com a placa de aluga-se?  
E o carro de som passando vendendo ovos?  
E o cheiro da carne sendo cozinhada?  
E o resto da humanidade do outro lado?  
E o poente que é o ocaso do dia?  
e o alvorecer da noite vindoura?

E o que será de tudo isso  
após o sobressalto do último gemido?

## AULAS DE CATECISMO

Preciso me encontrar  
para poder voltar  
pois não é aqui  
nem ali  
porém no acolá  
é onde que devo estar

É no além deste lugar  
ao longe e a seguir de cá  
depois do horizonte que vejo  
que vou conseguir encontrar  
o que aquém ainda em mim não percebo

E quando o lago reencontrar seu Narciso  
à beira das margens vou me amar  
e é me amando então que vou te amar  
porque enquanto era menino  
nas aulas de catecismo aprendi  
que só vou poder amar meu vizinho  
da maneira com que amo a mim mesmo

## SE EU FOSSE DEUS

Se eu fosse Deus  
mal enxergaria aquele pequeno pontinho  
no lado esquerdo dos confins do universo que criei  
a rodopiar ao redor de um sol distante  
que brilha fraquinho e longínquo  
daqui do centro onde estou

Mas se eu fosse Deus tudo viria  
e tudo saberia  
por isso só não saberia por que errei

Se eu fosse Deus não seria perfeito  
minha onipotência seria falha  
minha onisciência seria precária  
e dentre meus principais defeitos  
é ser míope e não usar óculos de grau  
e deficiente auditivo no ouvido oposto ao direito

Se eu fosse Deus  
continuaría sendo filho único  
não retiraria do barro nenhum irmão  
apenas extrairia de volta meus pais  
e seria garoto outra vez

## A AMNÉSIA DOS NEURÔNIOS

O neurônio onde tu estavas  
no hipocampo da memória  
desapareceu e não o acho mais  
no universo das minhas tantas sinapses

Já remexi todos meus lobos temporais  
catei por aqui, por ali e por acolá  
e nada de reencontrar o neurônio  
onde teu rosto e teu nome guardei

Percorri por milhões de lembranças  
desengavetei as memórias explícitas  
inclusive nas implícitas espreitei e bisbilhotei  
nas em nenhum lugar em mim te encontrei

Até achei teu par de sapato-alto vermelhos  
sobre os quais dançastes a valsa dos meus delírios  
o aroma floral e refrescante do teu pescoço  
e o sabor mentolado da pastilha Halls que usavas

Na morfologia abstrata das minhas lembranças  
sobrou de ti alguns objetos, gostos e cheiros  
até a idade em que pensava te amar  
para além da minha própria eternidade

Estranho essa lacuna que trago  
vazia, inominada e sem rosto  
de um amor que agora é para mim  
assim tão passageiro e deslembrado

## HÁ QUASE UM CLIQUE PARA ENTRAR

Há quase um clique para entrar  
não vou, prefiro ficar aqui fora  
Aqui fora tem o canto dos pássaros  
a moça bonita que pela tarde passa  
a conversa entre os bafos de cerveja  
As peles bronzeadas no sol das praias  
infâncias gritando e correndo no parque  
e o livro que estou lendo que está na metade

Há quase um clique para entrar  
um buraco do coelho me espera  
para cair sem tempo para pensar  
no outro lado do lado de cá  
como em um universo paralelo  
que se nele se chega mais rápido  
do que se fosse em uma viagem interestelar  
ou como se atravessasse o buraco da minhoca

Há quase um clique para entrar  
vou deixar por aqui essa tal de humanidade  
esta minha atual cordialidade  
o meu corpo, os sentidos e a fenomenologia  
minhas raízes ontológicas profundas  
o relógio de pulso e a caneta esferográfica  
o cristianismo que minha mãe me ensinou  
e não vou nem mais saber quem eu sou

Há quase um clique para entrar  
e me transformar num avatar de mim mesmo  
deixar de exalar meus cheiros  
não mais atender telefone  
falar a língua dos dedos

abrir um canal no YouTube  
tornando-me influencer digital  
e irei parar de ser vertical

Há quase um clique para entrar  
tudo se tornará sincrético  
a vida será tão veloz  
efêmera, passadiça e superficial  
comprearei sapatos na Finlândia  
sem sair de casa vou visitar a Birmânia  
e deus se tornará algoritmo  
tão invisível como um deus verdadeiro

Há quase um clique para entrar  
não vou, prefiro ficar aqui fora

## REVELAÇÕES ASSERTIVAS

Quando digo não  
me afirmo  
e me afirmando  
é que me revelo

Quando digo não  
e alguém me chama de chato  
fico, então, lisonjeado



## EM NOVEMBRO...

Em novembro terei mais cabelos brancos  
além dos parques que me sobraram

Em novembro diminuirão os neurônios  
terei um punhado a menos de axônios  
e meus serão neurotransmissores alterados

Em novembro estarei mais perto  
de me reencontrar com meus pais  
e com todos aqueles que estavam  
no retrato do Natal de 1964

Em novembro passarei a ficar mais baixo  
escutarei ainda menos a esposa falando  
minhas cartilagens estarão mais afinadas  
a massa magra se tornará ainda mais magra  
e meus pés terão meia dúzia de novos calos

Em novembro minhas roupas estarão mais largas  
meu peso na balança ficará modificado  
o oftalmologista vai aumentar o grau  
vou ter que renovar a carteira de motorista  
e haverá mais uma vela no bolo de aniversário

Em novembro  
tudo que é permanente se torna transitório  
e a eternidade se desmancha no ar

## A INÚTIL ORAÇÃO DA IMORTALIDADE

Eu não quero descansar em paz  
eu quero a intranquilidade do dia  
o desassossego que há nas ruas  
a dubiedade que habita nos homens  
o amedrontamento das noites escuras  
e a latência inquieta do porvir

Não quero a saudade eterna dos deixados  
mas a indiferença dos vivos  
a cara amarrada dos aborrecidos  
o boquiaberto dos embasbacados  
o sobressalto dos assustados  
e a mendacidade dos falsos

Não quero ir para o céu prometido da minha mãe  
prefiro ficar plantado na terra onde estou  
a calosidade dura dos descalços  
respirar a poeira soprada dos ventos  
os pés lambuzados de barro  
os joelhos ralados das quedas  
e retirar os ouriços nas praias pisados

Não quero partir dessa para melhor  
almejo a luz no fim do túnel dos desesperados  
a angústia dos dias agitados  
a incerteza dos assustados  
a clareza serena dos calmos  
a ânsia dos esfomeados  
e a sofreguidão dos apressados

Quero a longevidade das galáxias  
a durabilidade dos imortais

a ininterrupção dos afetos  
a infinitude de um poema incompleto  
poder beber a água da vida no Santo Graal  
o néctar e a ambrosia dos deuses olímpicos  
e nunca cessar de apenas continuar existir e ser

## CADA VEZ MAIS

Cada vez mais  
o corpo me avisa que estou indo embora

Um fio de cabelo onde antes não estava  
um novo sinal que na pele aparece  
o latejar sanguinolento das hemorroidas  
as dores nas costas e nos quartos  
o descaimento malemolente dos músculos  
e esta vista cansada  
cada vez mais  
cada vez mais

Cada vez mais  
as consultas marcadas com médicos  
o arco-íris coloridos dos remédios  
o braço perfurado de agulhas de laboratórios  
meu interior radiografado  
magneticamente ressonado  
e fotografado por todos os lados  
cada vez mais  
cada vez mais

Cada vez mais  
que os segundos me deixam  
que os minutos me penetram e passam  
Que as horas vazam dos relógios  
que os dias que se foram não voltam  
que o calendário aumenta de anos  
que as datas e aniversários se repetem  
eu estou indo embora  
cada vez mais  
cada vez mais

Cada vez mais  
retiro-me desta vida  
para desaparecer em um amanhã  
em que nada mais disso importa

## POR DETRÁS DAS PORTAS FECHADAS

Tenho medo da cegueira das portas fechadas  
e que o elas enclausuram do outro lado

Por detrás das portas fechadas  
quantos mistérios se conservam  
de tantos e vários olhares curiosos?

Se a porta de algum lugar está trancada  
assim deve estar pelas razões que só ela sabe  
pois as portas sabem das coisas que guardam  
no interior vedado à abelhudice dos mortais

Mas se nada tiver por trás das portas fechadas  
cabe-nos fantasiar e criar o que dentro há  
afinal para que uma porta estaria fechada  
se não fosse para se imaginar, inventar ou sonhar?

As portas fechadas me deixam incerto e assustado  
como o mutismo permanente e infindável do Universo

## UM ARMÁRIO QUASE LOTADO

Estou me entupindo de lembranças  
e o que é curto em mim vai ficando longo

Na neurogênese da minha memória  
ainda cabem muitos neurônios novos  
no entulhar das experiências que passo

Na semântica gramatical do que vivo  
vou me anotando como se escrevesse um diário  
em caligrafias escritas com tintas de afetos

Sei que sou eu quem me lembro  
urdido no entrelaçar de episódios e eventos  
onde venho me construindo antes de me lembrar

Sobre escombros de um passado que já se foi  
edifico-me em pilastras a sustentar meu presente  
que logo se acumulará no armário de quem sou

E assim vou me abarrotando de mim  
no atulhar das minhas incompletas lembranças

## DE VOLTA AOS QUINZE

Hoje voltei aos meus quinze anos de idade  
e encontrei lá tudo como havia deixado

O mesmo quarto  
as paredes cheias de pôsteres colados  
a radiola na cabeceira ao lado  
o armário abarrotado de gibis guardados  
as calças bocas de sino da moda  
a jaqueta de jeans desbotado  
a revista Playboy bastante usada  
escondida debaixo do colchão da cama  
e a janela com a vista salgada do mar

A garota de cabelos cacheados alourados  
para quem jurava amor eterno e queria casar  
Os companheiros de pelada na praia  
Martiniano com os músculos bombados  
Bebeto com seu andar desengonçado  
Lucinha com o aparelho de dentes na boca  
o mundo que cada vez se agigantava  
os sonhos acordados nos castelos no ar  
com os quais iria mudar os rumos da Humanidade

Meus erros  
meus poucos acertos  
todos meus antigos e novos medos  
minhas tantas oscilações e dubiedades  
aquelas antigas aftas  
minhas arrogantes certezas  
as paixões frustradas  
e a identidade até então não formada



Hoje voltei aos meus quinze anos de idade  
e minha mãe ainda dormia no outro quarto

## O LÁZARO RESSUCITADO

Hoje a camisa reencontrou seu dono  
Fazia tempo  
cinco anos até  
ou talvez um pouco mais

Quando uma camisa recupera seu corpo  
e o preencher de seu volume  
é como se ela fosse recuperada  
do cemitério a que estava condenada  
que nem uma alma vagante e penada  
à espera de uma oração para ser salva

## A TRISTEZA DO QUARTO AO LADO

Triste de um quarto ao lado  
sem ninguém dentro dele

Dos quartos vazios só se escutam  
o conversar monótono das paredes  
e o segredar dos sonhos das camas

Um quarto sozinho  
tem a solidão dos desertos  
a reclusão dos aprisionados  
o arredio dos eremitas  
o assombro dos fantasmas  
o soturno dos escuros  
a infecundidade das coisas secas  
e o luto dos abandonados

Mas um quarto oco de gente  
não sabe de sua futilidade  
nem muito menos de sua infelicidade  
ou do desalento do seu desamparo  
pois a tristeza de sua solidão  
habita no outro quarto que lhe fica ao lado

## MIL LIVROS, OU MAIS

Já li mil livros, ou mais  
e neles vivenciei mil aventuras, ou mais  
experimentei mil afetos, ou mais  
viajei por mil lugares, ou mais  
presenciei mil histórias, ou mais  
conheci mil personagens, ou mais  
amei mil amores, ou mais  
chorei mil gotas de lágrimas, ou mais  
adquiri mil conhecimentos, ou mais  
aprendi mil ensinamentos, ou mais  
estudei mil culturas, ou mais  
dominei mil linguagens, ou mais

Quando morrer  
vou ter vivido mil anos  
ou mais

## EU HOJE VOU LER UM LIVRO

Vou ler para levar um tapa na cara  
um murro no lado esquerdo do peito  
perder o equilíbrio a que estou acostumado  
rodopiar pelo banal cotidiano  
quebrar os dentes da mediocridade  
fraturar as costelas da ignorância  
criar fissura em minha tola ingenuidade  
e ter os credos e preceitos derrubados

Quero um livro que me deixe estonteado  
pasma, boquiaberto e espantado  
que fure a bolha do habitual  
que me faça exclamar Eureka  
que me retire da caverna  
que me faça ver o Sol do outro lado  
que me exploda  
por dentro em pedaços  
e me deixe atônito, chocado e abismado

Eu hoje vou ler um livro  
para cair no chão e não mais ficar deitado

## BRINCANDO DE FAZ DE CONTA

Vamos fazer de conta que não nos conhecemos  
apenas para que eu possa lhe conhecer de novo

Vamos fazer de conta que não sabemos o amanhã  
e como todo futuro é incerto e duvidoso  
também não saberemos se o meu amor  
é contínuo, durável e imorredouro  
que minhas juras de eternidade  
não são cavilosas ilusões dos enamorados  
tão passageiras e ligeiras feito bolhas de sabão

Vamos fazer de conta que o tempo não conta  
que os meses e os anos não passam  
que não aumentamos de números nos aniversários  
que as nossas imagens no espelho são imutáveis  
que tenho a mesma quantidade de cabelos  
afinal sentimentos preservados não envelhecem  
eles tão-somente crescem e amadurecem

Vamos fazer de conta que daqui a cem anos  
estaremos novamente brincando de faz de conta

## AGORA QUE TODOS ESTÃO MORTOS

Agora que todos estão mortos  
apenas eu me lembro do menino

No cemitério mal-assombrado  
em que se tornou minha infância  
fantasmas teimam em não morrer

Na fantasmagoria dos anos inocentes  
bailam espectros remotos de gente  
aprisionados no fundo escuro de mim

De tudo aquilo que um dia vi  
não sabia eu que desapareceria  
como assim se foram meus brinquedos  
meus tios

Miné  
o cachorro Rex  
a filha zambeta do zelador  
os álbuns de selos  
o par de sapatos tamanho 32  
a fantasia de Bat Masterson  
meus pais  
e eu mesmo entre eles vivendo

Se a infância de mim se foi  
apenas restou a casa da minha avó  
mas ela hoje está oca por dentro

## JOAQUIM

Quando nasci não me deram um nome  
deram-me um destino

Cresci condenado a ser Joaquim  
todavia não o Joaquim dos outros  
como o Joaquim da padaria  
o Joaquim filho da Manuela  
o Joaquim da Bahia  
o Joaquim do sertão  
o Joaquim de Lisboa  
o Joaquim de Angola  
ou o Joaquim dos livros de História

Sou o Joaquim que a vida me trouxe  
um Joaquim calado que às vezes esperneia  
um Joaquim tão largo que se estreita  
um Joaquim domesticado, pero no mucho  
um Joaquim que não fica parado  
inquieto, afoito e abusado  
que tem medo de assombração e de barata  
que dobra as esquinas e segue em frente  
que lambe suas feridas sozinho no quarto  
um Joaquim acostumado a ser Joaquim

Há tantos Joaquins no mundo  
que lá no céu  
não pode haver lugar  
para tantos Joaquins

Que me desculpem os demais Joaquins  
mas nunca houve e jamais haverá  
um Joaquim como o meu Joaquim





## **FIOS DO TEMPO**

Os relógios exprimem as horas  
os calendários dizem os dias  
os réveillons falam dos anos  
os aniversários confessam as idades  
mas quem revela o tempo são os cabelos

Quando nasci meus cabelos estavam molhados  
pelas águas oceânicas do ventre da minha mãe  
e depois quando secado eram finos escassos  
e tive medo de crescer quase careca ou calvo

Quando criança era alourado  
pois minha mãe os pintava  
talvez quisesse um filho germânico  
ou haver casado com um escandinavo

Na adolescência meus cabelos eram encaracolados  
cheguei até usar rabo-de-cavalo  
tinha medo de servir o exército  
e ter que apará-los ou raspá-los

Quando me casei meus cabelos estavam todos lá  
eles viram minha filha nascer  
me formar professor e psicólogo  
e ainda os tenho em alguns retratos

Mas os relógios continuavam a devorar as horas  
os calendários a rasgar os dias  
os réveillons a assassinar os anos  
e os aniversários a elevar minhas idades

Hoje meus cabelos são poucos e ralos

o alourado da minha mãe virou grisalho  
não posso usar mais rabo-de-cavalo  
e minha filha me transformou em avô

No folhear dos meus cabelos  
conheço o tempo

## FELIZ ANIVERSÁRIO, JOAQUIM

Quando nasci não conhecia aniversários  
A seguir, nos aniversários ganhava presentes

Mais adiante aniversário era o dia  
para lembrar dos meus ausentes

Depois os aniversários foram diminuindo  
e a cada ano menos na minha vida  
havia uma vela a mais nos bolos que não comi

Hoje na data em que meus mortos me celebravam  
sinto o aroma suave das flores que ainda respirarei  
quando não me houver mais nenhum aniversário

## NO BAILAR RITMADO DAS CONFISSÕES

No bailar das letras, a palavra  
No juntar das palavras, o verso  
No brotar dos versos, o poema  
No abrir dos poemas, a poesia  
No destampar dos poemas é que  
a vida confessa sua verdadeira face  
nos sentimentos que há nas matérias  
nos segredos por dentro das paredes  
nos desejos escondidos nas carnes  
no lado oposto das certezas incertas  
no tempo que não habita os relógios  
no subsolo perene das memórias  
e na durabilidade das coisas mortas

É na consciência das palavras  
que o dançar das letras formam  
que o ser da vida se desvela  
e com a sua nudez se abisma  
e abismado se mostra e se revela

## ONTOGENIA DE UMA ALMA

Meu avô paterno era mulato  
e latifundiário

Meu pai era jornalista  
advogado e literato

Meu avô materno era português  
e dono de secos & molhados  
Minha mãe era dona de casa  
e tinha nariz arrebitado

Nasci com os olhos verdes da minha mãe  
e o gosto pela poesia que herdei do meu pai

Minha mãe queria que eu fosse  
obediente e bem-comportado  
Meu pai queria que eu fosse  
criativo e um pouco ousado

Minha mãe me colocou para estudar francês  
meu pai para eu fazer teatro

Minha mãe desejava que eu fosse  
médico ou engenheiro  
Meu pai sonhava que eu fosse  
escritor e diplomata

Minha mãe me levada à igreja  
meu pai à redação de jornal

Antes de terminar a infância  
perdi meu pai  
Antes de concluir a adolescência

perdi minha mãe  
O resto a vida  
o mundo e as ruas me forjaram

Da mistura dos meus passados  
tornei-me aquilo que sou  
este tanto do que me teceram  
e outro tanto que me inventei  
do tecido em que fui tricotado

## MÍNIMOS DETALHES

Apaixonei-me  
pelas curvilíneas formas simétricas  
desses seus joelhos  
toda vez que cruzas as pernas  
diante aos meus olhos alumiados de sempre

Apaixonei-me  
pelos movimentos ondulares  
dessas suas mãos  
a regerem a silenciosa sinfonia  
das moléculas do ar que junto a você respiro

Apaixonei-me  
pelo luzeiro tremeluzente e aquecido  
dessas suas retinas  
a irradiar centelhas solares nas madrugadas  
pelas quais um dia por elas passei

Apaixonei-me  
pelo adocicado cheiro exalado  
dessa sua pele  
quando molhada pelas águas veranis  
que vêm e vão além de janeiro

Apaixonei-me  
pelo sabor da eterna mocidade  
dessa sua mestiçagem  
de que tanto Gilberto Freyre falou  
em um livro que você ainda nunca leu

Apaixonei-me



pelo andar manhoso e felino  
dessa sua feminilidade  
que se mostra sedutora e envolvente  
no agachar amorenado de suas tardes

Apaixonei-me  
pelo somatório dos pequenos detalhes  
que lhe fazem ser como você é  
a se destacar em uma multidão de corpos  
e a quem designo a singularidade dos meus únicos desejos

## ESPELHO MÁGICO

Me vi pela primeira vez  
no verde oceânico dos olhos da minha mãe  
e lá eu cintilava mergulhado nas águas calmas  
nas quais me tranquilizava e de mim espantava  
os fantasmas ainda anônimos dos quartos escuros

Naquele espelho mucoso e delgado  
onde descobri meu inaugural rosto  
minhas pernas, minhas mãos e meu corpo  
não existia no mundo ninguém mais belo do que eu

Na esverdeada imagem em que eu ali estava  
parecia ser um sonho convertido em carne  
ninado pelo meiguiceiro balançar do colo  
em que sempre adormecia sob o abraçar do luar  
dos olhos hoje desaparecidos da minha mãe

## AOS QUE VIERAM DEPOIS DE MIM

Você que veio depois de mim  
saiba que havia um tempo  
que se precisava dar corda  
para o tempo não ficar parado

Você que chegou a seguir de mim  
talvez estranhe em conhecer  
que se estudava com lápis e livros  
e se estimulava o hemisfério esquerdo

Você que nasceu posterior e mim  
pode não entender como era bom  
pisar na relva das grama das praças  
sujando os pés nos barros das lamas

Você que começou a partir de mim  
haverá de ignorar que nos anos em que iniciei  
a infância crescia nas ruas e nos terrenos baldios  
como sementes plantadas no solo do ontem  
que hoje já não existe mais

## REGRESSO ÀS ORIGENS

Quando as luzes do meu palco  
se apagarem  
vai então terminar  
esta minha humanidade

Quando minha humanidade  
se for  
tornar-me-ei resíduo  
de poeira cósmica  
e voltarei a singrar à toa  
pelo Universo  
de onde um dia  
o campo gravitacional da Terra  
para aqui me puxou

## MERCI MON PETIT GARÇON

Quero abrir portas de quartos e armários  
como uma criança a explorar o mundo  
passando por frestas estreitas e apertadas  
ralando a pele ainda imberbe de machucados  
sujando as unhas com o polvilho da terra  
indo além das fronteiras limitadas em que vivo  
deitar no sonho das gramas para olhar as estrelas  
e me imaginar no horizonte do Universo infinito

Quero me separar do ontem  
levando-o comigo na bagagem  
e quando me tornar próprio de mim mesmo  
abrir uma garrafa de champagne francês  
e brindar em taças alongadas de fino cristal  
com a minha criança agradecendo-a  
por ela jamais haver me abandonado

## A PRECISÃO INCERTA DAS CERTEZAS

Acerto quando digo que erro  
e erro ao me achar sempre certo  
Nunca acerto quando estou certo  
pois é certo que não é correto  
estar em todo o tempo  
o tempo inteiro sempre certo  
Acerto quando erro  
uma vez que errando  
é que vou aprendendo o certo  
Não é certo dizer que estou certo  
porque se tem uma coisa que é incerta  
é aquela certeza de que tudo não é certo  
Se é certo de que nada é totalmente certo  
é certo também que nada é de todo errado  
pois se tudo fosse sempre somente certo  
então todo o mais seria completamente errado

Mas se há um coisa que é certa  
é que eu muitas vezes estou errado  
ao mesmo tempo que em outras acerto

## DEPOIS DE AMANHÃ

Desde antes de anteontem de então  
tenho deixando muitas coisas para depois de amanhã

Agora que depois de amanhã se tornou ontem  
o que é que eu fazer com estas tantas coisas  
que hoje vou deixar para depois de amanhã?

## O LADO OCULTO DOS RETRATOS

Meus mortos moram nos retratos  
e no fundo desmemoriado do escuro  
em que lembranças esquecidas  
jamais verão a luz do sol de mim

Sei que meus mortos comiam  
bebiam, conversavam e praguejavam  
porém não lembro dos pratos  
dos rótulos das garrafas  
sobre o que falavam  
nem recordo quem xingavam

Há silêncios em minha alma  
enormes corredores entrelaçados  
entupidos de minúcias espalhadas  
sons, cheiros, sabores, ruídos  
aromas, imagens, rostos e cenas  
em que transitei no construir de quem sou

Cada molécula e átomo de mim  
traz em si miúdas ossadas de história  
a cimentar invisível as paredes da casa  
onde me habito e comigo meus mortos

Quanto mais minutos eu vivo  
mais lembranças são enterradas  
nos lados ocultos dos retratos  
cada detalhe, cada pormenor  
restos, resíduos e destroços  
escombros e refugos de mim  
soterrados no subsolo da memória



Se os retratos falassem  
talvez me dissessem  
como cheguei nesta foto  
e para onde foram meus mortos

**REM**

No adiantar das horas noturnas  
lá fora a vida lateja  
enquanto aqui dentro durmo

Dormito no embalar do meu menino  
e escuto vozes que já não existem mais

O que sabem os morcegos e as corujas  
das minhas narrativas oníricas?  
No interior habitado dos sonhos  
essências solitárias não me assombram  
e nenhum uivar de qualquer lobisomem  
há de me acordar para o escuro do quarto

Por debaixo dos lençóis das quimeras  
deuses me sussurram segredos  
que nem a mim mesmo ousou confessar

No interregno do etéreo e do mundano  
passeio entre paisagens misturadas  
pelo liquidificador das lembranças  
e o emulsificar urdido das fantasias

Discordo de Freud quando diz  
que sonhar é a realização de coisas  
que não fazemos na realidade  
pois comigo é a realidade que me invade  
em busca de efetuar em minha alma  
o que não consegue fazer com a carne

## VOU DEIXAR AQUELA VIDA DE LADO

Vou deixar aquela vida de lado  
o corre-corre do passo acelerado  
o sentimento de estar sempre atrasado  
a insensatez dos afetos descuidados  
o respirar afobado dos afogados  
os desvaneios frenéticos dos angustiados  
o laborar macambúzio dos abandonados  
e a sofreguidão desenfreada dos entediados

Vou deixar aquela vida de lado  
passar para o outro lado do lado de cá  
andar assoviando e olhando os pássaros  
sentindo a brisa abafada de um final de tarde  
ouvindo o silêncio adormecido do céu  
curtindo as sombras generosa das árvores  
apalpando o sabor de cada oxigênio respirado  
e provando o moer do tempo no interior da carne

Vou deixar aquela vida de lado  
e levar dela algumas sobras no interior da memória

## GARIMPEIRO DO TEMPO

Na peneira do tempo  
sobram frutos apodrecidos  
das mangueiras da infância  
a adubar o solo do menino  
que hoje pisa como se fosse adulto

Do chão batido que me restou  
extraio dos escombros deixados pelos dias  
que os anos há muitos anos levou  
artefatos de uma vida passada  
enterrados um pouco abaixo de onde estou

No alagado ambíguo e impreciso da memória  
argilas fluem soltas pelo escoar corrente das horas  
e neste lodaçal bateio frenético como garimpeiro  
pequenas pepitas e grãos de lembranças  
que valem mais do que qualquer diamante ou ouro

No vasto território da minha desgastada memória  
vagueio que nem fantasma de uma casa abandonada  
em uma rua que tem o mesmo nome que sempre teve  
em um endereço que continua sendo a morada do ontem  
onde brinco sem perceber o mastigar vertiginoso do tempo

## NO AGITADO MAR DOS PENSAMENTOS

Por que penso o que penso  
eu que penso que penso tantas coisas?  
Mas quando penso sobre o que penso  
penso que penso sempre o que sempre penso

Qual foi a última vez que pensei  
um pensamento para chamar de meu  
um pensamento que fosse um pensamento novo  
um pensamento que jamais pensei nele antes?

Tenho pensamentos  
que nem aos meus pensamentos revelo  
Tenho pensamentos caducos  
outros inusuais aos pensamentos dos outros  
pensamentos ferrugentos e desusados  
pensamentos masculinos, femininos e ambidestros  
inclusive tenho pensamentos importados  
introduzidos desde ante do final do século passado

Tenho pensamentos para quase todo gosto  
alguns picantes, salgados, metálicos  
outros que de tão amargos têm sabor de vinagre  
mas também existem pensamentos adocicados  
que sorriem em minha mente quando sonho acordado

Amiúde desconfio de alguns pensamentos  
quando me vejo pensando como foi que eles  
chegaram ao interior barulhento de mim  
Todavia descubro pensamentos insubordinados  
indomáveis que nem cavalos selvagens  
que bagunçam o armário do fundo esquerdo  
que é lá onde guardo o pouco das minhas certezas

Pensamentos são células neurais conversando  
em um incessante bate-papo que chego  
até mesmo a ficar muitas vezes cansado

Entretanto quando meus pensamentos viram palavras  
vencendo a barreira do ordinário e do trivial  
corro em direção à ponta delicada dos dedos  
e aguardo ver se eles se tonam poemas

## PARADOXO DO AMOR

Nenhum homem me ama  
Talvez meu pai  
Mas este morreu  
Quando eu era menino

As mulheres que eu amo  
Não são iguais  
Ou sou eu que amo diferente  
Tudo aquilo que me é divergente

Dizem que se ama com o coração  
Mas coração é um músculo oco  
Do tamanho de uma mão fechada  
Que se contrai e depois se dilata

Quem em mim ama é minha alma  
Esse vácuo onde me hospedo  
Que tem farta fome de imensidade  
E que é bem maior do que eu sou

Não sei se amasse pela esquerda  
Se seria mais certo ou menos duvidoso  
Mas o único sentido e direção do amor  
É seguir para onde está o objeto amoroso

Ontem minha esposa me disse  
Que quando quero eu sou perfeito  
Mas se fosse perfeito não haveria espaço  
Para lhe amar com este meu imperfeito amor

## PEQUENO POEMA ONÍRICO

O despertador não tocou

Continuo sonhando



## O DESTINO DAS CALÇADAS

O destino das calçadas  
é o encontro com as esquinas

Se não houvessem as esquinas  
as calçadas apenas se findavam  
no terminar definitivo das ruas

## MINHA MOCIDADE

Minha mocidade  
vem de longe  
lá do passado do século XX

Minha mocidade  
é uma camisa desabotoada  
em meio a um guarda-roupa arrumado  
que existe vivendo dizendo não

Minha mocidade  
é que nem bicho indomável  
feroz, selvagem e ferino  
e ai de quem lhe encostar a mão

Minha mocidade  
é ardente e audaciosa  
que tem algo de estonteada loucura  
que a uso em quase toda ocasião

Há quem não entenda minha mocidade  
quanto a isso não posso fazer nada  
afinal levei muito tempo para nela chegar  
e se entranhou nas costelas do interior de mim

Vou levar minha mocidade até à velhice  
para bagunçar o que o destino me reservou

## DE SEGUNDO EM SEGUNDO

De segundo em segundo  
tudo aos poucos se vai  
ferros ficam enferrujados  
casas são demolidas  
alimentos apodrecem  
solas dos sapatos se desgastam  
paredes acabam descascadas  
roupas ficam desbotadas  
filhos saem de casa  
empresas pedem falência  
carros se transformam em sucatas  
o corpo produz menos colágeno  
cerdas das escovas de dentes se estragam  
o gato da vizinha não está mais lá  
retratos ficam sem lembranças  
e até as lembranças também acabam

De segundo em segundo  
aos poucos a morte retorna  
ao lugar que a vida antes lhe havia tomado

## A GÊNESIS ESQUECIDA

Venho de muito longe  
de tão longe que já não consigo evocar  
o solo molhado do útero da minha mãe

De onde vim nada mais resta  
do que um punhado de pó  
que o tempo como tudo comeu

Estou de tal maneira distante  
da minha entrada ao mundo  
que nem mais ouço o som lagrimal  
com o qual lá longe me inaugurei

Neste palco em que por hoje ando  
estou passo a passo remoto do meu olhar  
espantado pela luz primeira do primeiro dia  
que a cada ano celebro sem me lembrar

Do mosaico quebradiço da memória  
em algum lugar em que a palavra não alcança  
deve estar ocultada aquela célula ancestral  
onde guardei os sonhos cantados da minha mãe

## NO FIM DA VELHICE

Quando terminar esta minha velhice  
vou fazer de conta que não existi  
e me esconder debaixo da cama  
em um amanhã que não mais me pertence

Quando terminar esta minha velhice  
vou sentir falta do meu travesseiro  
em cujo interior deixarei todos os sonhos  
que não lembrarei na imortalidade do esquecimento

## AMNÉSIA DOS DIAS

Já vivi milhares de dias  
mas deles apenas lembro  
de poucos  
muito poucos  
espaçados dias

Dos dias que me lembro  
recordo somente alguns minutos  
a maioria não mais que segundos  
e o resto das tantas horas  
que fazem os dias serem dias  
são de mim descartados  
assim como os dias não lembrados  
(Um dia sem lembranças  
é um dia morto no interior  
necrosado dos calendários)

Triste dos dias desmemoriados  
cujo destino é desaparecer  
soterrado no solo empoeirado  
e enfarinhado do tempo

## PUER AETERNUS

A infância nunca acabou  
a adolescência jamais findou  
foi o adulto que hoje sou  
que nasceu no interior  
pueril e mancedo de onde vim

Ninguém se livra da própria meninice  
e das inquietações primaveris da alma

## PARADOXO DO ERRO

Se antes soubesse o que agora sei  
não teria errado o tanto que tanto errei  
porém se não errasse o muito que errei  
hoje não saberia o que agora bem sei

De erro em erro aprendi o que sei  
e se viver mais anos dos anos que ainda terei  
deverei errar mais erros para amanhã saber  
o que no presente ainda nem sequer sei

Outrora errei em várias provas de Português  
fui impreciso quando foi preciso  
dei mancadas e fiz coisas erradas  
de tão descuidado não me cuidei  
e cheguei a falhar com que amo ou já amei

Ortega y Gasset revelou que a verdadeira  
riqueza humana é o tesouro dos seus erros  
por isso deixo aos meus poucos herdeiros  
o espólio dos meus deslizes, cabeçadas  
tropeços, mancadas e frequentes enganos



## ANDRÔMEDA

Depois que voltei de Andrômeda  
não achei mais minha casa  
onde meu menino brincava de astronauta  
explorando planetas e galáxias  
enquanto eu viajava para frente  
no tempo-espaço como cosmonauta  
na nave em que eu mesmo havia criado  
no ambiente lúdico da imaginação

Em meio às cordas cósmicas  
por onde zanzei meus infantes anos  
tudo o que era mundano mudou  
Minha casa, minhas mãos  
os anos nos calendários  
as festas de aniversários que perdi  
e este rosto no espelho  
que aqui não estava  
quando fui para Andrômeda

## ÁRVORE GENEALÓGICA

Tornei-me pai  
quando tua carne disse sim  
e tua mulher tornou-se mãe  
e juntos construimos  
à distância netos

## POESIA NÃO PAGA AS CONTAS

Poesia não paga as contas  
poesia é algo que se encontra  
ou é ela que nos encontra

Poesia não paga as contas  
poesia é uma resposta sem resposta  
como uma interrogação no meio da alma

Poesia não paga as contas  
Poesia é espécie de fissura  
pela qual se olha o íntimo fundo das coisas

Poesia não paga as contas  
poesia é um sopro vindo não se sabe de onde  
que desvela o véu que encobre a vida

Poesia não paga as contas  
poesia é um início continuado  
até ao término que não acaba nunca

Poesia não paga as contas  
poesia é a linguagem dos afetos  
e o aletrar das sensações

Poesia não paga as contas  
poesia é cutucar o que está quieto  
e o tranquilizar das inquietações

Poesia não paga as contas  
poesia é o silenciar dos barulhos  
e o escutar do inexprimível

Mas se poesia não paga as contas  
para que serve a poesia afinal de contas?  
Talvez, quem sabe, ela seja  
uma centelha plantada em nós por Deus

## DIAS DIFÍCEIS

Em dias difíceis  
Nada é tão dócil quanto tuas mãos  
Nada é mais adocicado que o molhado dos teus lábios  
E nada é mais aconchegante que o aninhar do teu colo

Em dias difíceis  
Vou me entrincheirar sob tua sombra  
Vou me abrigar entre teus braços  
E vou roubar de tua noite um sonho teu

Em dias difíceis  
Quero a serenidade da tua face  
Quero a lindeza formosa dos teus olhos  
E quero bailar ao som das tuas risadas

Em dias difíceis  
Junto a ti tudo fica mais fácil

## ANJO DA GUARDA

Meu anjo da guarda  
tem o jeito da minha mãe

Meu anjo da guarda  
cuida de mim quando estou resfriado  
e me prepara chá de alho com limão

Meu anjo da guarda  
tem olhos claros da cor da esmeralda  
como se fosse descendente de holandês

Meu anjo da guarda  
fala com sotaque pernambucquês  
Com chios nos fonemas /s/ e /z/

Meu anjo da guarda  
tem cara de galego  
mas parece ser neto de português

Meu anjo da guarda  
é bom e misericordioso com meus erros  
e me diz "menino faça isso mais não"

Meu anjo da guarda  
toda vez que saio de casa  
me espera voltar rezando o terço

Meu anjo da guarda  
espanta os fantasmas do quarto  
velando o sossego dos meus sonhos

Meu anjo da guarda

foi minha mãe quem me legou  
a este filho que hoje é ateu  
mas no fundo continua temente a Deus

## CHOROS, CHORAMINGOS E LÁGRIMAS

Lágrimas foram feitas  
para se usar

Há lágrimas de alegria  
de tristeza  
de raiva  
de amargura  
de medo  
de arrependimento  
de lamúrias  
e de dor

Lágrimas são sentimentos molhados  
a escorrer salgada nos rostos  
destilando o oculto de cada olhar

Existem lágrimas que vêm  
de águas verdes  
outras de águas castanhas  
de águas avelãs  
cinzas  
pretas  
azuis  
marrons  
há até lágrimas vermelhas  
jorradadas pelo sangrar da alma  
porém nunca vi  
no fatigar dos meus anos  
lágrimas rosas  
delicadas  
gentis  
e carinhosas



em que eu nelas possa me banhar

Se um dia encontrar  
ao menos um pingo de uma lágrima rosa  
vou com seus olhos me casar

## AGORA

Neste instante  
neste exato momento  
ainda não é a hora

Agora  
neste lugar do tempo em que me encontro  
que começou não sei quando  
nem saberei quando irá terminar  
milhões de sinapses nervosas  
Me inquietam por dentro  
e assim vou pulando de agora em agora  
enquanto a minha hora não chegar

Será que é isso que é a vida  
um rápido momento em movimento  
no interior de um outro prolongado momento  
que é bem maior do que meu frágil agora  
este pequeno cenário do tempo onde estou

Nos retratos que carrego de mim  
o tempo parece parado  
ainda que esteja sempre a escutar  
o tiquetaquear de cada agora que se vai embora

## COMO JÁ DIZIA SARTRE

Quando me lembrei de mim  
já havia nascido  
e penteado os cabelos  
frente ao espelho  
dos olhos da minha mãe

Não me lembro  
do meu primeiro aniversário  
porém se ainda hoje faço aniversários  
é porque um dia já fiz o primeiro aniversário

Não me lembro  
da vez que experimentei melão  
mas como não gosto de melão  
é porque não devo ali ter gostado

Não me lembro  
de quando provei o sal do mar  
entretanto minha esposa vive me dizendo  
que meus beijos são muito salgados

Das milhares de horas em que fui forjado  
há tanta coisa que não me recordo  
e por isso eu devo ser uma amnésia que fala  
mas que não se lembra do que antes foi falado

Minha certidão de nascimento  
antecede a minha essência

## NO MEIO DAS MULTIDÃO

Todos os dias dezenas de pessoas  
passam na rua pelo nosso lado

Dezenas de corpos anônimos  
centenas de sonhos malogrados  
milhares de silêncios aprisionados

Vidas vêm e vidas se vão  
no corre-corre agitado das calçadas

No cruzar de tantas histórias  
biografias não escritas não serão lembradas  
e uma multidão de fotografias na futuridade  
estarão apagadas, rasgadas ou incineradas

No meio dos desejos alheios que desconheço  
os meus se movem evitando o toque

Olhares esquivados  
bocas caladas  
ouvidos tampados  
afetos ignorados  
a finta dos ombros  
o gingar dos quadris  
incontáveis abraços sonogados  
e toda uma biblioteca de livros fechados

No congestionado baile da vida  
para cuja festa fomos convidados  
desejos parecem não querer se encontrar

## TE AMO PORQUE NÃO TE AMO

Não te amo  
o amor das revistas de amor  
o amor sentimental das novelas  
O amor dos filmes de Hollywood  
ou o amor dos finais felizes de antigamente

Não te amo  
com a afoiteza ousada de Romeu  
com a timidez muda de Cyrano de Bergerac  
com o fascínio desesperado de Neruda  
ou com o resplandecer das flores de cerejeira

Não te amo  
com o amor trágico de Orfeu  
com os envenenados lábios de Tristão e Isolda  
com o inquebrável laço invisível do fio vermelho  
ou com a completude de quem encontrou a outra metade

Te amo um amor falho  
imperfeito assim como é meu jeito  
um amor um tanto destrambelhado  
que às vezes manca outras vezes é apumado  
que xinga, beija, esperneia e gosta de ser arrojado

Não te amo porque te amo  
pois te amar até que seria fácil  
mas amo o amor que nutres por mim  
e amo amar ter você sempre por perto  
nem que seja dormindo lá no outro quarto

## TE CONHEÇO, MENINO

Te conheço, menino  
desde o tempo das tuas memórias recentes  
embora seja cedo para lembrares de mim  
na altura destes meus tantos esgotados anos

Te conheço, menino  
calça curta de pernas magra expostas  
e com os cabelos longos alourados  
diferente dos meus sobreviventes grisalhos

Te conheço, menino  
sonhando crescer e chegar maioridade  
se tornando advogado engravatado  
enquanto eu sou um psicólogo experimentado

Te conheço, menino  
com este mesmo rosto que as fotos guardaram  
sem o ressecamento do fazer diário das barbas  
frente ao espelho que teus olhos ainda não viram

Te conheço, menino  
e um dia haverás de também me conhecer

## O SEIO DA MINHA MÃE

Do seio de onde vim  
de onde lactei os minutos que fizeram  
as horas dos dias dos meses do ano  
da minha mais tenra infância  
suguei este meu gosto em gostar  
dos livros que minha mãe nunca leu

Da lactose adocicada no colo dos afetos  
desbravei sinapses no engatinhar de mim  
a explorar aquele enorme peito que me acolhia  
e eu nele, aos poucos, fui me descobrindo

No degustar abrandado das ternuras  
apalpei a textura macia das mamas  
e conheci o tamanho das minhas mãos

Devo àquele seio distante na memória  
onde as palavras não alcançam  
o desabrochar de quem hoje sou  
no esquecimento de quem ontem fui

Tenho saudades do seio  
onde ficou meu primeiro retrato

**OLD MAN**

Te amo com o amor de ontem  
um amor antiquado que nem nos retratos  
que guardam o rosto dos meus antepassados

Te amo um amor longo  
que vem dos tempos distantes  
quando os homens usavam chapéus  
as mulheres se abanavam com leques  
as crianças trajavam calças curtas  
e as braguilhas eram com botões  
ao invés de serem com fecho-éclair

Te amo um amor remoto e recuado  
corado de preto, branco e cinzento  
um amor com cheiro de papel novo e tinta fresca  
que nem as fotonovelas que se lia antigamente

Te amo um amor vintage  
que embora velho e arcaico  
tem o atrativo de um charme nostálgico  
um amor um tanto ferrugento  
que hoje já não se usa mais  
no decorrer da liquidez de que falava Bauman  
mas o que é que eu posso fazer  
se só sei amar aqui no presente  
como se vivesse amando lá de onde vim  
que foi em meados do século passado

I am old man  
e meu coração é totalmente retrô



## A ETERNA INSATISFAÇÃO INCONCRETA DAS COISAS

Conheci uma baqueta que desejava ser pufe  
enquanto o pufe queria ser uma cadeira  
e a cadeira ideava ser um sofá

Já o sofá sonhava ser uma cama  
e a cama imaginava um dia se tornar um quarto  
Porém o quarto não gostava de ser quarto  
e vivia se achando que era uma sala

Mas a sala que era pequena cobiçava ser maior  
como se fosse um salão de uma casa  
Contudo a casa que ficava ao lado  
do apartamento de quarto e sala  
onde havia uma cama, um sofá  
uma cadeira, um pufe e uma banquetta  
hoje já não existe mais  
foi derrubada e em seu lugar  
construíram um edifício  
que era o mais alto da cidade

Por sua vez a cidade que era interiorana  
queria ser uma capital  
a capital queria ser um país  
o país queria ser um continente  
o continente queria ser o mundo todo  
o mundo queria ser uma galáxia  
a galáxia queria ser o universo  
e o universo não queria ser nada

## QUASE POESIA

Um verso a mais  
e era um poema

Um verso a mais  
e eu era poeta

Um verso a mais  
e eu escrevia um livro

Um verso a mais  
e eu era lido

Um verso a mais  
e eu chegava lá

Um verso a mais  
e eu era azul

Um verso a mais  
e eu era feliz como os imortais

## O ANTES E O DEPOIS

O antes já passou  
ele não existe mais

O antes é um agora que se foi  
logo depois do depois chegar  
pois é tarefa de todo depois  
levar o agora para antes  
e o antes para mais distante

O destino do antes é ser passado  
para atrás de quem somos  
do lado de cá da memória  
aumentando em lembranças  
o livro inacabado de nossa história

Se não houvesse o antes  
não haveria o depois  
e o agora não seria provisório  
nem a vida seria transitória

Como já dizia Santo Agostinho  
Deus  
que mora fora do tempo  
criou o tempo e nele a vida fugitiva  
ao criar o antes e o depois do agora

E neste agora em que agora estou  
sou um inchaço perambulante  
de tantos antes que aqui me trouxeram  
até chegar o dia em que o agora  
não terá mais nenhuma serventia  
pois não haverá mais nenhum depois



## LE BRUIT ET LE SILENCE

De repente  
um imenso estrondo  
ecoou pelo vazio ao redor  
acordando até Deus

Depois  
um escuro silêncio  
ocupou o lugar do azul  
em meio a indiferença do Universo

## DOMINGO COM CARA DE QUARTA-FEIRA

O domingo acordou com cara de quarta-feira.  
As formigas seguem o ritmo frenético dos instintos,  
enquanto machos fertilizam as rainhas  
e depois morrem.  
As abelhas polinizam a flora,  
e a flora alimenta os cavalos, as vacas e as ovelhas.  
Os estrumes deixados adubam o solo  
de onde nascem as árvores que sombreiam as praças,  
e borboletas voam livres do rastejar das lagartas.

Os relógios caminham para o meio-dia,  
no céu não se vê o brilho das estrelas.  
mas Marte continua por lá.

Alguém passa,  
alguém grita,  
alguém chora.  
alguém se cala,  
enquanto as floriculturas vendem coroas de flores  
e as maternidades estão quase todas lotadas.

No Universo tudo rodopia  
neste indiferente domingo  
com cara de quarta-feira

## INVASORA DO TEMPO

& eis que ela chegou  
discreta  
calada  
sutil  
e sorrateira  
como uma tarde  
atravessando o meio-dia

& ela se infiltrou nos minutos  
e se embrenhou nas horas  
se enfiou nos dias  
se alojou nos anos  
se entranhou nas décadas  
e juntos atravessamos o século  
nós que viemos do milênio passado

## INVASORA DO TEMPO

& eis que ela chegou  
discreta  
calada  
sutil  
e sorrateira  
como uma tarde  
atravessando o meio-dia

& ela se infiltrou nos minutos  
e se embrenhou nas horas  
se enfiou nos dias  
se alojou nos anos  
se entranhou nas décadas  
e juntos atravessamos o século  
nós que viemos do milênio passado



## A LINGUAGEM ONÍRICA DA ALMA

Ainda é cedo para acordar do sonho  
pois aqui onde a realidade não me alcança  
minhas lembranças bailam misturadas  
ao som desafinado de uma sinfonia calada

Da lixeira das sobras do cotidiano  
retiro um amontoado de imagens  
com as quais pavimento estradas  
a me levar ao interior inominado de mim

Aqui dentro sou outro sendo o mesmo  
sou o dono do castelo embora não more nele  
sou um pássaro sem asas a voar desvairado  
no policromado céu da fantasia e da imaginação

Aqui dentro sou guerreiro invencível  
salvando Dulcineias encarceiradas  
sou explorador de espaços siderais  
o mais hercúleo de todos os Hércules

Não importa se o sonho é uma invenção da alma  
o que importa é que ele aconteceu ao clarear  
do escuro mais íntimo que há aqui em mim

## FASCÍNIO

Fascina-me  
ser quem sou  
como aqui cheguei  
e para onde ainda irei

Fascina-me  
ter sobrevivido  
às guerras que não presenciei  
ao iceberg que afundou o Titanic  
à gripe espanhola que não contrai  
ao meteoro que dizimou os dinossauros  
aos terremotos em terras que nunca pisei  
e aos vivos que mortos um dia me deixaram

Fascina-me  
as entrelinhas do que hoje vejo  
a curva que o vento faz nas esquinas  
o desprender das coisas que aprendi  
a nostalgia do cheiro dos livros novos  
apreciar o minuto que passa devagar  
o silencioso sussurro que vem dos retratos  
o alaranjado vermelho matinal dos horizontes  
e o encontrar dos versos ocultos nos cenários

Fascina-me  
a satisfação do olhar do meu espelho

## BALBUCIOS VOLUNTÁRIOS

Vou soletrar teu nome  
como se gago fosse  
para que tuas vogais e consoantes  
demorem um pouco mais em minha boca

## MEDO DO QUARTO ESCURO

Tenho medo do quarto escuro  
que me espera no outro lado da noite que não verei

Tenho medo de não despertar das pálpebras fechadas  
e ficar aprisionado para sempre no negrume do quarto  
grudado a um sonho mutilado pelo minuto afiado  
que me cortou do amanhecer do dia em que não estarei

No espaço vazio do meu não comparecimento  
ainda ecoará em silêncio meu medo do quarto escuro

## METAMORFOSE

Conheci meu menino na infância  
Aquele corpo franzino  
seu jeito dissimulado  
de parecer bem-educado  
os cabelos bem penteados  
que por baixo escondiam  
o gestar dos futuros pecados  
e os olhos verdes claros  
como claras são as alvoradas  
ainda não usavam óculos  
nem conheciam cemitérios  
como o de Santo Amaro  
que ficava por detrás do muro  
que dava para a frente da casa  
onde todos com ele moravam

De repente  
o corpo cevou  
o jeito mudou  
os cabelos rarearam  
deixando à mostra os pecados  
os olhos anoiteceram  
não havia mais muro  
separando a casa  
que de chofre vazia ficou

Não me dei conta dessa passagem  
tão certa  
tão previsível  
tão definitiva  
como toda a infância  
que um dia

pra sempre  
um dia se vai

## A CASCA DO OVO

Quando arrebentar as paredes da memória  
ultrapassar as balizas a que fui confinado  
escapar da morfologia subjetiva da minha objetividade  
me desapegar das doutrinas que me catequizaram  
e deixar de lado as aparências das velhas fachadas  
vou respirar o ar puro que até então me foi sonegado  
e conhecer o vizinho que existe por detrás de mim

É no romper da casca  
que se conhece a gema do ovo

## A LONGEVIDADE DOS DIAS

Hoje vou comemorar  
um dia a mais na minha velhice  
e se houver mais dias para comemorar  
em breve farei novo aniversário

Quando chegar o dia  
em que não tiver mais nenhum dia para celebrar  
vou deixar de vez esta minha imortalidade



## COMETA HALLEY

No Universo tudo vai  
tudo volta

É girando que os dias se movem  
e no rodopiar da Terra  
em torno do Sol  
é que o ano passa  
e faço aniversários

Em 1986  
o cometa Halley passou  
mas eu estava dormindo

Em 2061 ele volta a passar  
e eu estarei dormindo

## O CALENDÁRIO INVISÍVEL DE DEUS

Hoje é o oitavo dia  
da undécima hora  
da terceira semana  
do décimo primeiro mês  
do milésimo sexto ano  
do quadragésimo quinquênio  
do triplo do dobro  
do sétimo milionésimo triênio  
do debutar do quinto século  
do segundo centésimo  
do sexagésimo bilionésimo segundo  
do antepenúltimo minuto  
da décima oitava hora  
posterior ao sétimo dia  
do primeiro mês anterior  
ao trigésimo nono século  
do nonagésimo quinto milênio  
do dia em que a luz se fez  
no interior escuro e vazio do Universo

Feliz aniversário

## 2001 UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO

Faz vinte e cinco anos  
que o século XXI chegou  
tanto barulho  
tanta zoadá  
várias incertezas  
novas esperanças  
uma profusão de fogos de artifícios  
iluminavam o céu noturno das cidades  
e o mundo não terminou  
nem o bug do milênio se realizou

Há vinte e cinco anos atrás  
eu era vinte e cinco anos mais jovem  
ainda tinha fios de cabelos pretos  
usava camisas xadrez fora das calças  
as torres gêmeas continuavam lá  
Arthur Clark não havia morrido  
meu rosto era o mesmo de ontem no espelho  
meus olhos eram mais inquietos do que hoje  
e meus lábios até então, Cecília  
não tinham o sabor amargo que nem os teus

## SISTEMA LÍMBICO

Meu sistema límbico  
é confuso e alvoroçado  
às vezes é amável  
outras tantas assustado  
e tem dias que fica arretado

Meu sistema límbico  
é escuro e acinzentado  
com um punhado de neurônios oxidados  
alguns me são desconhecidos  
por não serem ainda explorados

Meu sistema límbico  
é sensível e emotivo  
na maioria das vezes desregulado  
e assim por qualquer motivo  
pode ficar excitado e empolgado

Meu sistema límbico  
também é criativo  
fértil, fecundo e imaginativo  
vive me soprando coisas no ouvido  
até mesmo quando estou dormindo

Meu sistema límbico  
tem pavio curto  
saca seu revólver bem rápido  
e antes que eu possa segurá-lo  
vejo que já fiz um estrago

Meu sistema límbico  
ama

me alegre  
me entristece  
e de quando em vez me deixa emburrado

No hipocampo do meu sistema límbico  
respira o menino em sua infância  
correndo, jogando e brincando  
e todos meus mortos estão vivos  
porque ali não existe aniversários

Meu sistema límbico  
é o solo arenoso das minhas emoções  
e a preamar dos meus sentimentos

## SISTEMA LÍMBICO

Meu sistema límbico  
é confuso e alvoroçado  
às vezes é amável  
outras tantas assustado  
e tem dias que fica arretado

Meu sistema límbico  
é escuro e acinzentado  
com um punhado de neurônios oxidados  
alguns me são desconhecidos  
por não serem ainda explorados

Meu sistema límbico  
é sensível e emotivo  
na maioria das vezes desregulado  
e assim por qualquer motivo  
pode ficar excitado e empolgado

Meu sistema límbico  
também é criativo  
fértil, fecundo e imaginativo  
vive me soprando coisas no ouvido  
até mesmo quando estou dormindo

Meu sistema límbico  
tem pavio curto  
saca seu revólver bem rápido  
e antes que eu possa segurá-lo  
vejo que já fiz um estrago

Meu sistema límbico

ama  
me alegra  
me entristece  
e de quando em vez me deixa emburrado

No hipocampo do meu sistema límbico  
respira o menino em sua infância  
correndo, jogando e brincando  
e todos meus mortos estão vivos  
porque ali não existe aniversários

Meu sistema límbico  
é o solo arenoso das minhas emoções  
e a preamar dos meus sentimentos

## A PEQUENA LEVEZA DO SER

Nunca me medi  
em centímetros ou metros  
Nunca me pesei  
em gramas ou quilos  
Mas meu menino  
tem a leveza do tamanho  
de uma infância



## MISTUREBA DESVAIRADA

Vou misturar o hoje com o ontem  
a terça com a quarta-feira  
o sábado com o domingo  
o vermelho com o amarelo  
a aurora com o crepúsculo  
o quente com o frio  
o claro com o escuro  
o chá de boldo com vinagre  
o limão com a melancia  
o desejo com o desapego  
o adocicado com o amargo  
o áspero com o aveludado  
a coragem com a pusilanimidade  
a embriaguez com a sobriedade  
e o ateísmo com a religiosidade

E com toda essa mestiçagem  
vou refazer tudo de novo  
como se fosse um deus desatinado  
brincando de inventar o seu próprio Universo  
somente para ver depois no ele vai dar

## POEMAS ROUBADOS

É preciso saber  
roubar do breve instante  
a poesia que logo nos será sonegada  
e entender que a vida  
é um prolongado poema  
a ser sempre descoberto  
e constantemente inacabado

## NO ÍNTIMO DO DIA

O dia mais um dia, amanhece, e eu estou dentro dele.

Os ruídos miúdos da casa e o barulho das ruas acordadas, fazem-me saber que ainda estou vivo.

Saio dos sonhos noturnos, sem me lembrar deles, para buscar meus desejos diurnos. Às vezes me pergunto para onde vão os sonhos sonhados, deixados nas fronhas amarrotadas dos travesseiros? Se um dia eu não mais amanhecer, quero ir para o cemitério dos meus sonhos evaporados.

Mas o dia continua, e ele tem a pressa dos relógios. Caminhar no interior de um dia é sempre para mim desafio, espanto, assombro e deslumbramento. Não há dia em que não sinta o pulsar da vida no interior silencioso das artérias e no além das minhas fronteiras.

Nenhum dia é igual ao outro. Os dias só são iguais para a Terra, o Sol e o Universo. Se um dia parecer como um dia já apareceu, tem alguma coisa de errado nele. Porém, os dias estão sempre certos: amanhecem, entardecem e anoitecem. Se algo não está pertinente ao incerto que a vida é, sou eu e minhas repetidas rotinas, que não me deixam enxergar o outro lado; cheirar o inesperado; saborear todos seus doces, azedos, amargos e salgados; escutar o até então inaudível e tatear pelos entremeios das invisíveis frestas do cotidiano.

Há dias que são azuis, como os dos sonetos de Carlos Pena Filho. Outros, verdes, violetas ou amarelos. Há dias rosados. Há dias acinzentados. Há dias até que passam em branco. Tem dias mais bordôs do que outros e alguns chegam a ser amarelo-arroxeados, porém tem dias que são tão pretos que neles não se enxerga nada.

Quando mais jovem gostava dos dias esquentados, vermelhos, amarelos e muitos alaranjados. Porém, o tempo dos agitos, dos açodamentos, das avidezes e dos afobamentos, são tempos velozes e inquietos, impregnados de ansiedades, formigamentos, frenesins e sobressaltos. Eles hoje são os dias que em parte me fizeram, e que trago neste labiríntico amálgama chamado memória.

Hoje prefiro os dias beges, mesmo que sejam dias quentes, chuvosos, friorentos ou até mentolados. Não é fora de quem sou que vivo o dia: é no meu interior, às vezes confuso, às vezes sereno, outras vezes pacificado, que o dia lá fora se infiltra em mim, e aqui dentro é que ele se faz. O dia é o momento da vida. E é no agora, dos vários agoras do dia, que quero sorvê-lo sem a inquietação dos agonizados.

Como o poeta Antônio Machado, vou passear pelo dia como se pisasse no mar. Das pegadas que deixo na superfície líquida das águas, vou trazendo a sensação molhada de que ela me dá.

Tenho pena dos distraídos e dos desatentos. Não sabem eles que a vida está no oxigênio que se respira, no passar vagaroso das nuvens, no pausar descansado do dia à tarde, no recolher do Sol ao seu quarto, e no acender das estrelas que o céu sem azul nos revela. Somos todos feitos de dias. É no somatório deles que calculamos nossos aniversários.

E quando este dia terminar, vou voltar pros meus sonhos esquecidos nos travesseiros ? quem sabe alguns deles ainda estejam lá...

## A GATA DA DONA FRANCISCA

Junto da casa da minha avó  
Dona Francisca tinha um gato siamês  
gordo, branco e de pelos curtos  
com imensos olhos de azuis fundos  
como se fossem duas safiras  
feitos são os olhos dos anjos que nos guardam

O gato de Dona Francisca  
passava as tardes na janela  
estirado sobre suas patas domésticas  
observando as crianças brincarem na rua  
e os velhos conversando nas calçadas

Parecia ver o tempo lento passar  
mas gatos não sabem ler relógios  
nem que data é o dia de hoje  
(gatos não carecem de números  
embora sete sejam suas eternidades)

Tinha medo do gato de Dona Francisca  
nunca sabia o que ele estava pensando  
talvez me achasse tão apetitoso  
tal qual lhe são os desejados ratos

O gato de Dona Francisca não fazia  
coisa nenhuma ou absolutamente nada  
apenas espreitava fixo o entardecer  
como se aguardasse caviloso a madrugada

Os felinos não sabem, mas também eles  
atravessam a vida nas janelas  
nas poltronas, nos sofás e nos telhados

até que as tardes desapareçam  
e ele se mudem para o sótão da minha avó  
pois é lá que na minha infância,  
era o lugar onde morava o paraíso dos gatos

Não gostava de dormir na casa da minha avó  
achava os quartos mal-assombrados  
e toda vez um pouco antes das pálpebras hibernarem  
ouvia vindo de cima o miar manhoso dos gatos

Hoje a casa da minha avó já não existe  
derrubaram-na para alargar a rua  
onde antes vivia o gato de Dona Francisca  
com seus imensos olhos de azuis fundos  
feitos são os olhos dos anjos que nos aguardam

Em que parte do céu é o céu dos gatos?

## SE O MUNDO ACABAR NUMA SEXTA-FEIRA

E se tudo acabasse numa sexta-feira?  
Não haveria mais as peladas de sábado  
as missas dominicais que minha mãe frequentava  
os galletos poeirentos comprados nas esquinas  
os salões de cabelereiros e manicures lotados  
as filas compridas para o cinema no shopping  
as cervejas geladas à beira das praias e piscinas  
e não se teria mais qualquer aniversário

E se tudo acabasse numa sexta-feira?  
Os carros ficariam sujos e não lavados  
muitos namoros seriam abortados  
o luau de amanhã seria desmarcado  
roupas novas não seriam estreadas  
nenhum morto mais seria velado  
e o queijo que deixei na geladeira  
iria ficar azedo e estragado

E se tudo acabasse numa sexta-feira  
o que é que iríamos fazer com o resto do calendário?

## NO OUTRO LADO DA RUA

No outro lado da rua  
Uma tapa me espera  
Um grito me assusta  
A pedra atirada machuca  
A faca penetra entre as costelas  
E um tiro quase que me pega

No outro lado da rua  
As calçadas são desérticas de anjos  
Amores se vendem nas mercearias  
Vampiros tocaiam nas esquinas  
O céu é mais escuro do que um quarto apagado  
E todas as fadas madrinhas já foram enterradas

No outro lado da rua  
Meu menino é proibido de ir  
E se um dia eu for para o lado de lá  
Ele vai ficar no lado de cá  
Em sua infância de classe média deslumbrada  
No interior de um Recife que não existe mais

## O TEMPO DE MATUSALÉM

Não conhecemos pessoas  
conhecemos o tempo que nos dão  
para com elas convivermos  
e que é insuficiente para conhecê-las

Acaso pudéssemos viver  
o tempo que viveu Matusalém  
ainda assim estaria a um terço  
da metade de conhecer  
a mulher com quem casei  
desde duas décadas anteriores  
ao final do século passado



## ESQUECIMENTO

E pensar que um dia pensei  
em não mais pensar em você

Agora sei  
quando penso em você  
que se não mais pensasse em você  
haveria em mim uma lacuna  
do tamanho de um buraco negro  
a me sugar no vazio dos pensamentos  
até que tudo que vem de mim  
viesse se ausentar e desaparecer

## ETNERF OA OHLEPSE

eS somracoloc o aid  
an etnerf ed mu ohlepse  
ele áritelfer a etion

No inverso dos espelhos  
a vida é vivida ao contrário

## MAMÃE, TENHO MEDO

Tenho medo do quarto escuro  
das noites com trovoadas  
e dos monstros que habitam  
o lado de dentro do armário

Tenho medo de baratas  
das voadoras então nem se fala  
dos ratos que surgem do nada  
e daquela aranha que estava na sala

Tenho medo de cachorro brabo  
do rosto pintado dos palhaços  
do babado vermelho dos papangus  
e do ladrão entrar em casa na madrugada

Tenho medo do bicho-papão  
de tirar nota baixa na escola  
do menino valentão da rua  
e de que um dia a lua caia

Tenho medo de ter medo  
medo de que meus pais se separem  
de que a morte chegue mais cedo  
e de ter de novo um outro pesadelo

Tenho medo, mamãe  
mamãe tenho medo  
mas ela não me ouve  
e também não me responde

Mamãe, mamãe...  
Para onde você foi?

Em que lugar você se escondeu?

Porque você desapareceu?

Mamãe, tenho medo

Tenho medo, mamãe

## NO CENTRO DA SOLIDÃO DA CIDADE

Estou no centro da solidão da cidade  
enquanto a noite debruçada sobre o teto das casas  
repousa indiferente ao sono dormente dos quartos

Nos arredores de mim ouço apenas  
o cochicho murmuroso dos postes  
e o zzzzz zum zum dos mosquitos  
a me apoquentar os ouvidos  
(acima da noite que nos encobre  
tudo deve ser tão silencioso  
como um infinito prolongado)

Às três da manhã da noite  
até as estrelas não brilham mais  
e a lua se esconde do sol  
por detrás dos prédios e das árvores

Se precisasse de sonhos  
bastaria fechar as pálpebras  
e deixar pesar por cima delas  
o pó da poeira dos meus cansaços

Mas de sonhos já sou feito  
Necessito conhecer o que penso  
e quem sou além dos disfarces

Abaixo dos meus telhados  
reside um Joaquim clandestino  
que viaja comigo  
sem ter comprado passagem

Este Joaquim sigiloso

é alguém que não conheço  
pois, como Pessoa, nem bem entendo  
que alma tenho e que crenças  
são estas que não fui eu quem fiz  
e nem sei quem em mim as plantou

Por sob os pensamentos que herdei  
e que tamparam as lacunas das paredes  
deste cubículo em que me encontro aprisionado  
existe um eu mais aprofundado  
um eu nunca dantes meditado  
um eu ainda não tocado ou experimentado  
um eu que nem eu mesmo sei quem sou

Às três da manhã da noite pareço libertado  
sozinho no coração da solidão da cidade